



VIOLAÇÃO DE DIREITOS

Paraíba tem maior alta do NE em denúncias pelo Disque 100

Em 2024, foram 9.256 ligações no estado, um aumento de 30,6% em relação ao ano anterior. **Página 5**



Foto: Evandro Pereira

Museu guarda um dos maiores acervos de artesanato do estado

Localizado em João Pessoa, espaço possui 1,5 mil peças que representam a diversidade e o legado dos profissionais que mantêm vivas as tradições regionais. **Página 8**

Concursos oferecem 1,3 mil vagas com salários que chegam a R\$ 13,9 mil

Editais abertos contemplam diferentes áreas e níveis de escolaridade, com jornadas de 20 a 40 horas semanais.

Página 16

Campinense e Treze se enfrentam, hoje, no Clássico dos Maiorais, em CG

Jogo é válido pela terceira rodada do Campeonato Paraibano e será realizado às 16h, no Estádio Amigão.

Página 24

Programa Cidades Intermediadoras atuará em 12 municípios da PB

Iniciativa busca descentralizar o crescimento econômico e social, reduzindo desigualdades numa mesma região.

Página 3

Foto: Ortílio Antônio/Arquivo A União

Malha ferroviária já ligou o Litoral ao Sertão paraibano

Desde a inauguração do primeiro trecho, no século 19, até a atualidade, quilômetros de estradas de ferro foram desativados no estado.

Página 25



Memórias

Foto: Carlos Rodrigo

“A União é uma referência permanente”
Fernando Moura foi repórter, colunista, editor-geral e presidente da empresa e ressalta que o jornal é patrimônio de toda a sociedade.
Páginas 14 e 15

■ “Vem a ideia de ser dado, antecipadamente, à ‘ponte do futuro’ o nome de Augusto dos Anjos. A ponte pouco ou nada acrescentará a um poeta da sua genialidade. A ponte, esta sim, talvez saia ganhando com seu nome”.

Gonzaga Rodrigues

Página 2

■ “O acesso à informação é um direito humano e não podemos deixar que nenhum conglomerado de mídia, nenhuma big tech contribua para a disseminação da desinformação e do discurso de ódio”.

Angélica Lúcio

Página 26

Editorial

Sorte para todos

Não são poucos os atletas que se deslumbram com a fama e, seduzidos pela vaidade e pelos apelos de uma mídia descompromissada com a realidade social, passam a revelar suas conquistas materiais de maneira ostensiva. Roupas, automóveis e moradias de luxo os transformam em “famosos”, esquecidos de que a vida é uma espécie de trampolim que tanto favorece o salto sensacional quanto a queda mais espalhafatosa ou até mesmo fatal.

O campeão paralímpico norte-rio-grandense, naturalizado paraibano, Petrucio Ferreira — o homem mais rápido do mundo, na sua modalidade — é um dos esportistas que pensa diferente. Um dos seus sonhos, por exemplo, é criar um instituto, batizado com o seu nome, cujo objetivo seria proporcionar a meninos e meninas de menor poder aquisitivo, no interior da Paraíba, condições de desenvolver seus potenciais nas esferas esportivas.

O velocista hoje coleciona medalhas de ouro, mas sua história esportiva iniciou-se com um lance de sorte. Petrucio não foi descoberto jovem numa pista de atletismo, mas criança numa quadra de futebol, quando era aluno de colégio no Sertão paraibano. Foi “eleito” entre um milhão de outros meninos tão carentes e loucos por esportes como ele, mas que não tiveram o mesmo destino, conforme salientou durante recente visita à sede deste jornal.

Petrucio sabe, portanto, que centenas de crianças, mesmo sem terem ainda plena consciência disso, estão à espera de uma chance de desenvolver seus corpos, mentes e talentos para brilhar nas raias, nos campos, nas quadras, nas piscinas, enfim, nos palcos de todas as modalidades esportivas, seja na Paraíba, no Brasil ou em qualquer outro país do mundo. O que não é justo é continuarem sem perspectivas de um futuro melhor.

Enquanto o sonho de Petrucio não se torna realidade concreta, são por demais importantes iniciativas como a frente formada pelo Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB), a Organização Nacional de Desportos de Deficientes Visuais (CBDV), o Centro de Referência Paralímpico de João Pessoa (ICPAC) e o Instituto dos Cegos da Paraíba Adalgisa Cunha, em prol da Seleção Brasileira Permanente de Futebol de Cegos.

A evolução dos esportes, por meio da democratização do acesso às praças desportivas, vai além da aspiração de atletas do porte moral de Petrucio. Cabe ao Poder Público cumprir bem o papel que lhe cabe nessa história, a exemplo do que fez, há poucos dias, o governador João Azevêdo, ao anunciar, entre outras obras, a construção do Centro de Treinamento Paralímpico de João Pessoa. São esses os caminhos que levam ao pódio.

Artigo

Rui Leitão
ruileitao@hotmail.com

A eleição de Tancredo e o fim da Ditadura

O Regime Militar instaurado a partir do Golpe de 1964 apresentava sinais de desgaste perante a opinião pública nacional, refletido no resultado das eleições gerais acontecidas em 1982, quando o partido do governo, o PDS, experimentou derrotas nos três maiores estados da Federação (São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro). A oposição ganhou força eleitoral permitindo alimentar esperanças de que poderia enfrentar uma disputa presidencial. Tinha, porém, um grande obstáculo de ordem jurídica a ser vencido: a exigência da fidelidade partidária. A Lei Orgânica dos Partidos Políticos estabelecia que o parlamentar que, por atitude ou por voto, se posicionasse contra as determinações estabelecidas pela direção partidária perderia o mandato.

O país ainda vivia o sentimento de frustração com a desaprovação da Emenda Constitucional apresentada pelo deputado Dante de Oliveira, que ensejou uma campanha com amplo apoio popular, conhecida como Diretas Já. Era proposta a volta de eleições diretas para escolha do presidente da República. Na noite de 25 de abril de 1984, a Emenda foi derrubada em votação na Câmara dos Deputados, ainda que tivesse conquistado 298 votos a favor, 65 contra, 113 ausências e três abstenções. Era necessária a obtenção de dois terços da Casa (320 votos). Faltaram, portanto, 22 votos para que fosse aprovada.

Nove meses depois, era eleito, no dia 15 de janeiro de 1985, por via indireta, o primeiro presidente civil, após cinco mandatos exercidos por militares, pondo fim à Ditadura. Isso só foi possível graças ao apoio de dissidentes do PDS contrários à chapa oficial liderada por Paulo Maluf. Tancredo Neves era eleito por uma maioria de 300 votos em relação ao seu oponente. O documento que definia a aliança trazia como título “Compromisso com a Nação”, e previa mandato presidencial de quatro anos, revogação de toda legislação autoritária advinda da Ditadura, a convocação de uma Assembleia Nacional Constituinte a ser eleita no ano seguinte e a indicação de José Sarney como candidato a vice.

A eleição de Tancredo Neves, ainda que de forma indireta, foi comemorada com entusiasmo pelos brasileiros. Ninguém esperava que, na véspera da posse, o presidente eleito tivesse que ser internado no Hospital de Base, em Brasília, acometido de fortes dores abdominais. O vice-presidente José Sarney assumiu o comando do Poder Executivo do Brasil no dia 15 de março de

1985. Por 29 dias, a nação acompanhou a agonia de Tancredo, que seria submetido nesse período a sete operações. O clima era de comoção nacional.

Os boletins sobre a saúde do presidente, divulgados pelo jornalista Antônio Brito, eram aguardados com preocupação pela população brasileira. O pior aconteceu. Às 22h30 do dia 21 de abril, o Brasil ouviu consternado o comunicado oficial do seu falecimento. Seu sepultamento ocorreu na sua cidade natal, São João del Rei, transmitido ao vivo pela TV Globo.

Tancredo Neve entrou para a história como o líder político que pôs fim ao regime ditatorial. Era iniciada a transição entre o autoritarismo e a democracia, que se estabeleceria plenamente com a Constituição de 1988. Foi uma transição negociada com os militares, fazendo com que fossem mantidos vários privilégios, de que desfrutavam. O historiador Daniel Aarão dos Reis, professor da Universidade Federal Fluminense, afirma: “Mesmo a Constituição de 1988, apesar de registrar imensos avanços, manteve o caráter repressivo da polícia militar e a monopolização dos meios de comunicação. O Exército como Estado dentro do Estado foi mantido. Assumiu o governo Sarney, que tinha sido um político civil a serviço da ditadura durante muito tempo. Os militares não foram afastados completamente dos jogos de poder”. Mas isso é assunto a ser relatado em publicações futuras.

“

O país ainda vivia o sentimento de frustração com a desaprovação da Emenda Constitucional apresentada pelo deputado Dante de Oliveira

Rui Leitão

Foto Legenda

João Pedrosa



A ordem é malhar

Gonzaga Rodrigues

gonzagarodrigues33@gmail.com | Colaborador

Augusto e a ponte

Vem a ideia de ser dado, antecipadamente, à “ponte do futuro” o nome de Augusto dos Anjos. Seria uma forma de responder ao Brasil de hoje aquela pergunta antiga de Gilberto Freyre a Zé Lins do Rego, beneficiados diante da estátua imensa, na Praça do Bispo, a um general da nossa primeira República: “Quem é esse?” — e diante da resposta: “É por Augusto dos Anjos o que vocês fizeram?”.

Vamos recordar: em 1948, no 34º aniversário da morte do poeta e por iniciativa da API e da APL, foi inaugurado o busto que, por felicidade, teve Umberto Cozzo como escultor e, por milagre, continua no lugar, “num ponto dos mais aprazíveis do Parque Solon de Lucena, debaixo mesmo de antigo tamarindo, árvore celebrada por Augusto dos Anjos em imortal produção do seu afortunado estro”. É como registra a Revista da Academia Paraibana de Letras, creditando ao governo a mão de obra no assentamento do busto. Seu resgate se deu por liberação gratuita de Cozzo, tanto demoraram a pagar, e graças a instâncias de Waldemar Duarte, que o trouxe de navio, assunto de crônica antológica de Virginius da Gama e Melo.

Além da pequena rua com seu nome, entre a Pedro I e a Almirante Barroso, a Prefeitura na gestão de Ricardo Coutinho vestiu o poeta de fraque e cartola e deixou-o no chão raso da Praça Pedro Américo a pretexto de sua devoção ao tamarindo. Bela escultura, sem dúvida, que deveria ficar um pouco acima da mijada dos cachorros.

Vem Luiz Crispim, afinal, e na sua gestão na Academia atina, por ser ele quem era, na necessidade, esta sim, de um memorial a Augusto dos Anjos. Necessidade muito menos de Augusto do que das sucessivas gerações, das escolas e da própria universidade, como a crítica literária dos últimos 50 anos vem demonstrando.

Numa crônica de 40 anos atrás, eu confessava minha surpresa a cada leitura de Augusto, mesmo a “dos versos íntimos” e a do “tamarindo de minha desventura”, mesmo as mais populares e as mais servidas nos bares do povo. “Meu coração tem novas e diversas catedrais todas imensas, debaixo de um mesmo soneto, a cada leitura uma catedral diferente. E assim grande parte de toda a sua poesia”.

“

Numa crônica de 40 anos atrás, eu confessava minha surpresa a cada leitura de Augusto, mesmo a ‘dos versos íntimos’

Gonzaga Rodrigues

E vem este acréscimo pouco eufemístico de Alexei Bueno, comentando a edição da Bertrand Brasil nos 100 anos do “EU”: “Num verdadeiro cascadear das metáforas mais insólitas e das visões mais desesperadoras, com uma pujança verbal só comparável à de Euclides da Cunha, Augusto dos Anjos pinta pela primeira vez, usando as mais reles e apoéticas palavras, a miséria nacional: tísicos, mendigos, loucos, leprosos, prostitutas, estupradores, assassinos, bêbados, índios exterminados, negros degradados pelo cativo ancestral. É uma verdadeira dança macabra de toda a miséria brasileira que invade a sua consciência e a sua poesia”.

Miséria que fica pertencendo a mais gente do que as elites imaginam. Miséria muito mais de consciência do que material. Escrevendo há 100 anos no Correio da Manhã, um outro leitor especial de Augusto, Carlos Drummond, lendo “Os doentes” e “O Lázaro da pátria”, já o compreendia como poeta de aguda consciência social.

O poeta do “EU”, ressalva Gil Messias, nada tem a precisar de nós.

A ponte pouco ou nada acrescentará a um poeta da sua genialidade. A ponte, esta sim, talvez saia ganhando com seu nome, como a Ponte Buarque de Macedo, do Recife, que sem “As cismas do destino” não passaria de pequena ligação entre Santo Antônio e o Recife Velho.

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.



William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

Amanda Mendes Lacerda
DIRETORA ADMINISTRATIVA,
FINANCEIRA E DE PESSOAS

Rui Leitão
DIRETOR DE RÁDIO E TV

A UNIÃO
Uma publicação da EPC

Av. Chesf, 451 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

Gisa Veiga
GERENTE EXECUTIVA DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferreira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)

ASSINATURAS: Anual R\$385,00 / Semestral R\$192,50 / Número Atrasado R\$3,30

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br / ouvidoria@epc.pb.gov.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

CIDADES INTERMEDIADORAS

Programa contará com 12 municípios da Paraíba

Ação do MIDR visa cumprir as metas da Política Nacional de Desenvolvimento Regional

Samantha Pimentel
 samanthauniao@gmail.com

Descentralizar o crescimento econômico e social do país, buscando reduzir desigualdades entre os municípios de uma mesma região: esse é o objetivo do Programa Cidades Intermediadoras, instituído pelo Ministério da Integração e do Desenvolvimento Regional (MIDR), por meio do Comitê-Executivo da Câmara de Políticas de Integração Nacional e Desenvolvimento Regional. A ação pretende ainda somar forças para o cumprimento das metas da Política Nacional de Desenvolvimento Regional (PNDR) e vai atuar em 26 estados e 258 municípios, sendo 12 desses na Paraíba.

Os municípios paraibanos que vão integrar o Programa são: Cajazeiras, Bom Jesus, Bonito de Santa Fé, Cachoeira dos Índios, Carrapateira, Monte Horebe, Poço de José de Moura, São João do Rio do Peixe, Santa Helena, São José de Piranhas, Serra Grande e Triunfo.

Na primeira fase, o município de Cajazeiras foi o escolhido para iniciar as ações como uma Cidade Intermediadora e, de forma subsequente, os demais municípios serão alvo do programa. A ideia é que essas cidades possam ser intermediadoras de bens e serviços públicos para os seus entornos, cumprindo funções específicas e complementares, com o papel de reduzir a pressão sobre as metrópoles e as capitais dos estados. Na classi-

ficação do programa, a cidade intermediadora recebe o nome de “município-vetor” da sua região imediata.

A coordenação do programa, feita pelo Comitê-Executivo da Câmara da PNDR, ainda integra outros órgãos além do MIDR, como as superintendências do Desenvolvimento do Nordeste (Sudene), a do Desenvolvimento da Amazônia (Sudam) e a de Desenvolvimento do Centro-Oeste (Sudeco).

Segundo o coordenador-geral de Cooperação e Articulação de Políticas da Sudene, Danilo Campelo, o surgimento do programa se deu como uma estratégia para buscar descentralizar o crescimento e desenvolvimento do país, que atualmente é concentrado em sua maior parte no Litoral.

“A ideia é que a gente consiga, a partir de núcleos – no caso conjuntos de municípios –, encontrar potenciais e potencializar aquele núcleo como um todo, fazendo com que ele cresça de maneira ordenada”, explica ele, acrescentando ainda a cooperação entre os diversos órgãos em prol de objetivos em comum. “Estamos todos tomando conhecimento dessa estratégia e todo mundo vai trabalhar conjuntamente para o desenvolvimento desse território. Na prática, é o Governo Federal atuando em conjunto, voltando a atenção para essas cidades para fazer com que elas possam atingir seu potencial como cidades intermediadoras de bens e serviços”, destaca.

Para definição dos municípios que integrariam o programa, o MIDR estabeleceu critérios, com base na PNDR, levando em conta os graus de dinamismo e riqueza dos municípios. A estratégia de territorialização do programa toma como ponto de partida as chamadas regiões geográficas imediatas propostas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), porém com parâmetros diferentes, como a priorização das cidades nas quais constem ações nos Planos Regionais de Desenvolvimento referentes às macrorregiões prioritárias Amazônia Legal, Região Nordeste e Região Centro-Oeste, aprovados pelas superintendências do Desenvolvimento da Amazônia, do Nordeste e do Centro-Oeste; ou que estejam, preferencialmente, contidos em sub-regiões prioritárias da PNDR, na Região Sul e na Região Sudeste. A partir dessas identificações, somadas ao conhecimento do território e às condições econômicas dos municípios, a Sudene apresentou contribuições técnicas que subsidiaram a escolha dos municípios que iriam se tornar cidades intermediadoras. “A estratégia é que agora você leve um conjunto de ações para esses polos de cidades intermediadoras e com isso você desenvolva aquele território”, ressalta Danilo Campelo.

As ações, visando o desenvolvimento dessas regiões, vão englobar áreas ligadas aos eixos estratégicos da PNDR, como: desenvolvi-

mento produtivo; difusão do conhecimento, da tecnologia e da inovação; educação e qualificação profissional; infraestruturas econômica e urbana; desenvolvimento social e acesso a serviços públicos essenciais; fortalecimento das capacidades governativas dos entes federativos; e meio ambiente e sustentabilidade. A finalidade, conforme destaca o texto da resolução que institui o programa, é ampliar o acesso da população dos municípios selecionados, e do seu entorno, a oportunidades de trabalho e renda, além de melhorias nas infraestruturas econômica e urbana, e a bens e serviços públicos, por meio da articulação de políticas setoriais federais e também da articulação entre as ações do Governo Federal e dos Estados e Municípios.

“

A estratégia é que agora você leve um conjunto de ações para esses polos e desenvolva aquele território

Daniilo Campelo

UN Informe DA REDAÇÃO

COTAÇÃO DE AGUINALDO RIBEIRO SOBE PARA UMA DAS LIDERANÇAS DO GOVERNO

A estrela sobe. O líder da Maioria no Congresso Nacional, deputado federal Aguinaldo Ribeiro, do PP da Paraíba, é um dos cogitados para assumir a liderança do Governo Lula no Congresso ou na Câmara dos Deputados. O nome do deputado já está sendo lembrado pela imprensa nacional como uma das grandes apostas, mas há outra no caminho: o deputado Isnaldo Bulhões (MDB-AL), líder do MDB na Câmara, que chegou a ser cotado como possível candidato à presidência da Casa. A ideia do governo é pinçar nomes fora do PT – pelo menos um representante do Centrão – a fim de facilitar o diálogo entre o Planalto e o Legislativo, que continua a apresentar dificuldades e rusgas. Hoje, as três lideranças do governo – no Congresso, na Câmara e no Senado – são petistas. São eles, respectivamente, Randolfe Rodrigues, José Guimarães e Jaques Wagner. Substituí-los por nomes de outras legendas, que apresentem perfil moderado e governista, é uma forma de agradar parlamentares aliados que buscam mais espaços de poder e prestígio. O governo parece acreditar que colocar um deputado federal – e não um senador – como líder no Congresso Nacional pode ser mais útil e estratégico, já que é na Câmara onde se concentram as principais dificuldades e onde os embates são mais duros. O deputado paraibano, ex-ponto do Centrão, seria considerado habilidoso na articulação política.



Foto: Roberto Cuedes

PROMOÇÃO NO MPPB

O Ministério Público da Paraíba (MPPB) empossou, na última sexta-feira (17), 10 promotores de Justiça que foram promovidos para cargos da entrância inicial e uma promotora que foi promovida para a entrância final. Os empossados ingressaram na instituição há menos de dois anos como promotores substitutos. A cerimônia de posse aconteceu na sede do MPPB, na capital.

LANÇAMENTO DE LIVRO

A Escola Superior da Magistratura (Esma), braço acadêmico do Tribunal de Justiça da Paraíba, promoveu, na noite da última quinta-feira (16), um evento cultural do lançamento do livro “Princípios do Processo Civil Brasileiro”. A cerimônia foi realizada no auditório da instituição, em João Pessoa, e a obra foi publicada pela Editora da Universidade Estadual da Paraíba (EDUEPB).

PAISAGENS DO VERÃO

A exposição “Onde o Sol nasce primeiro” abre a temporada 2025 do projeto cultural do restaurante Canoa dos Camarões. Os trabalhos vão estar expostos a partir da próxima quarta-feira (22). A ideia é colorir a galeria do restaurante com reproduções em painéis de paisagens da capital paraibana numa perspectiva de verão. As aquarelas originais e as reproduções em tamanho padrão também vão estar disponíveis para compra.

REGULARIZAÇÃO FUNDIÁRIA (1)

A Escola Superior da Magistratura (Esma) promoveu, na última sexta-feira (17), o webinar Regularização Fundiária Urbana: Implicações Ambientais e Sustentabilidade. Destinado a magistrados, servidores do Poder Judiciário estadual e ao público em geral, o evento, que contou com mais de 110 inscritos, foi transmitido pelo aplicativo Zoom e pelo canal da Esma no YouTube.

REGULARIZAÇÃO FUNDIÁRIA (2)

O webinar contou com palestras de especialistas na área: o juiz José Herbert Luna Lisboa, diretor do Fórum Cível da Comarca de João Pessoa; o juiz-corregedor Antônio Carneiro de Paiva Júnior; e o advogado e professor de Direito Ambiental e Urbanístico Talden Farias. O presidente da Anoreg-PB, Carlos Ulysses de Carvalho Neto, foi o debatedor.

Expectativa para investimentos, bens e serviços

A expectativa é de que o Programa Cidades Intermediadoras ajude a levar investimentos, bens e serviços públicos, que costumam estar centralizados em municípios de maior porte, para municípios menores da Paraíba, auxiliando também na redução das desigualdades nessas localidades. É isso que destaca o presidente da Federação das Associações de Municípios da Paraíba (Famup), George Coelho: “O governo está levando a descentralização para cidades menores, como Cajazeiras, e aí descentraliza a informação e abrange mais municípios no sentido de levar o orçamento do Governo Federal, e as ações mais pertinentes, ficando mais perto dos municípios”, afirma.

Ele ressalta ainda que os serviços prestados pela União, bem como o orçamento aplicado nesses locais, tendem a aumentar com o novo programa. “Tanto de distribuição de renda, no sentido de transferências constitucionais do Governo Federal, que tende a aumentar para esses municípios, como também eles vão absorver mais informações, mais rápido, e vão poder também ter aplicabilidade de recurso para esses municípios, que mui-



Foto: Divulgação/Famup

George Coelho ressalta que os serviços prestados pela União tendem a aumentar com o programa

tas das vezes ficavam na dependência de transferências de emendas de bancada ou então da própria transferência de emendas individuais dos parlamentares”, destaca.

O presidente da Famup comenta também que, com maior poder de informação sobre esses municípios, o

Governo Federal pode melhor desenvolver essas regiões, com mais recursos e ações. “Também pode ser mais rápido e mais preciso”, conclui ele. Segundo a resolução que institui o programa, o planejamento e a execução das ações se darão, de forma articulada, por meio

de Agendas Bienais de Ação Integrada, que devem definir metas a curto e médio prazo, além de indicadores para monitoramento, resultados esperados, recursos orçamentários e financeiros, e atribuições e responsabilidades dos órgãos e entidades envolvidos.

Ferdinando Lucena

Diretor-presidente da PBTur

“A Paraíba está no centro das atenções do turismo brasileiro”



Foto: Evandro Pereira

Gestor destaca como o estado bateu recordes no setor em 2024 e antecipa as expectativas para um 2025 ainda mais promissor

Priscila Perez
priscilaperezcomunicacao@gmail.com

Não é de hoje que a Paraíba destaca-se como um dos destinos mais procurados do Brasil, com João Pessoa sendo um de seus principais atrativos. Mas, graças a políticas públicas consistentes para ampliar e diversificar o turismo regional, outras cidades estão entrando no radar dos visitantes, colocando o estado em evidência nos principais rankings do setor. Por trás desse crescimento, está Ferdinando Lucena, diretor-presidente da Empresa Paraibana de Turismo (PBTur), que tem liderado ações estratégicas para promover a Paraíba nos cenários turísticos nacional e internacional.

Pós-graduado em Turismo e com ampla experiência nos setores público e privado, Ferdinando foi eleito em 2023 o melhor gestor público estadual de turismo do Brasil pela Associação Brasileira de Turismólogos e Profissionais do Turismo (ABBTUR), consolidando sua trajetória como turismólogo. Foi também secretário-executivo de Turismo da Prefeitura de João Pessoa, diretor do Centro de Convenções da capital e secretário-executivo da Frente Parlamentar de Turismo da Câmara Municipal de João Pessoa, entre outras funções.

Nesta entrevista, ele compartilha como a Paraíba bateu recordes no turismo em 2024, detalha os impactos das ações de divulgação internacional e antecipa as expectativas para um 2025 ainda mais promissor. Ferdinando também destaca as estratégias que estão transformando todas as regiões do estado em destinos desejados pelos brasileiros, garantindo que o crescimento no setor traga benefícios reais para todo o território paraibano.

A entrevista

■ O ano de 2024 foi marcante para o turismo paraibano. Registramos um crescimento significativo na venda de pacotes turísticos e recebemos muito mais turistas. É isso mesmo?

É verdade. O crescimento na venda de pacotes para a Paraíba foi extraordinário em 2024, seguindo o ritmo de 2023. Avançamos de forma significativa, com todas as operadoras brasileiras que vendem a Paraíba e seus destinos turísticos, tendo seus indicadores puxados para cima. Mas nada disso seria possível sem o apoio do Governo da Paraíba, que realizou investimentos robustos na área, um setor extremamente dinâmico e intenso, favorecendo a nossa economia. O governador João Azevêdo e o vice-governador Lucas Ribeiro tiveram muita sensibilidade, compreensão e vontade de avançar. Esses números mostram que, ao longo do ano, e especialmente agora, em mais uma alta temporada histórica, teremos um período extremamente promissor. Esse movimento começou na segunda quinzena de dezembro, com as festividades de fim de ano, as férias escolares e o verão, e deve seguir até fevereiro e o início de março, com o Carnaval. Isso impactará não apenas a economia, mas também a imagem positiva do nosso destino, a geração de empregos e a visibilidade da nossa capital. Em resumo, só impactos positivos na Paraíba.

■ Em outras entrevistas, foi mencionado que a participação da Paraíba, por meio da PBTur, em feiras e eventos de turismo, tanto no Brasil quanto no exterior, tem sido essencial para captar turistas. Pode falar mais sobre isso?

Sem dúvida. Nós temos uma linha de trabalho, e esses objetivos foram possíveis, porque fizemos

um reposicionamento comercial importante, iniciado em 2023. A partir disso, com essa nova política de divulgação, ou seja, políticas públicas para promover e divulgar ainda mais o destino Paraíba, conseguimos avançar, ocupando territórios importantes em várias regiões brasileiras. Participamos de diversas feiras comerciais de turismo, onde estão os agentes de viagens e as operadoras — basicamente, as pessoas que decidem para onde os turistas brasileiros irão. E com a participação em todas essas feiras no Brasil e nos mercados prioritários internacionais, capacitamos mais de seis mil agentes de viagens. E isso é crucial porque, ao capacitarmos os agentes e as operadoras, eles ganham mais propriedade e segurança para vender o nosso destino. Portanto, esse é um trabalho permanente e dinâmico, para que possamos ocupar, por exemplo, rankings de vários motores e plataformas de venda de pacotes, além das operadoras, onde estamos no top 10 de destinos. A Paraíba hoje ocupa o top 10 em diversos rankings de operadoras brasileiras. No caso da Booking.com, uma das plataformas mais acessadas na área de turismo, João Pessoa está entre os principais destinos.

■ O investimento na divulgação da Paraíba como destino turístico já produziu algum resultado? A presença de João Pessoa em rankings como o da Booking.com já é reflexo desse trabalho?

A Booking.com é um motor de vendas, uma plataforma internacional de comercialização de pacotes. Então, quando a Booking.com aponta algo nessa direção, é porque o trabalho realizado, não apenas pelo Governo da Paraíba, mas também pelo trade

turístico paraibano, vem surtindo efeito. E isso é resultado de investimentos na divulgação da Paraíba em mercados como Europa, Ásia e Américas, por meio de iniciativas da Secretaria de Comunicação do Governo do Estado, incluindo parcerias com uma emissora internacional que atinge mais de 150 países. Também temos realizado investimentos, como os feitos na Argentina, por exemplo, por meio da Telefe [uma das principais empresas de comunicação do país]. Hoje, contamos com um voo direto para Buenos Aires, capital argentina, o que contribui para a crescente divulgação da Paraíba nos mercados prioritários. Esse trabalho junto à Secretaria de Comunicação também tem se refletido em Portugal. Lá, a Record Internacional exibe o programa Giro, que apresenta a Paraíba. Essa produção foi articulada pelo governador João Azevêdo, ainda em março deste ano, durante sua participação na BTL, a maior feira de turismo da Europa. E as tratativas resultaram em uma série de seis programas produzidos pela emissora, em que a Paraíba não é só divulgada sob o ponto de vista turístico, mas também econômico. Então, hoje a Europa conhece muito mais a Paraíba do que antes.

■ O que é o mapa do turismo da Paraíba e qual a sua importância?

São destinos além de João Pessoa. Na verdade, o programa de regionalização do Brasil é uma iniciativa do Governo Federal, instituída há cerca de duas décadas, a partir da criação do Ministério do Turismo. Essa ferramenta tem como objetivo interiorizar o turismo, a partir dos estados e das cidades. Isso se dá por meio do estabelecimento de diversos critérios, como os definidos no mapa do turismo brasileiro, que permite ao governo identificar os municípios que possuem atrativos e uma governança regional forte, garantindo o fluxo de turistas e visitantes para o interior dos estados. Aqui na Paraíba, o governo de João Azevêdo tem desempenhado um papel importante nesse processo, a partir da atuação do interlocutor de regionalização no estado, Miguel Ângelo, que, junto à Secretaria de Estado do Turismo e Desenvolvimento Econômico, tem feito um trabalho brilhante nas regiões turísticas. Isso faz com que os municípios sejam priorizados pelas ações dos governos Federal e Estadual. Encerramos o ano, se não me engano, com 71 cidades incluídas no mapa, o que traz um diferencial importante para essas localidades. Além disso, é um dado extremamente relevante, pois demonstra que o turismo está chegando, também, ao interior do estado e que as prefeituras do interior, onde realmente o turismo nasce, estão se estruturando melhor. Assim, conseguimos apoiar o trabalho de divulgação desses destinos, para

que eles também gerem fluxo de visitantes e movimentem a economia local.

■ Como foi a capacitação dos profissionais do setor em 2024? Além de estarem prontos para atender o turista da melhor forma, eles estão devidamente cadastrados?

Com certeza. Encerramos o ano de 2024 com um aumento exponencial no número de cadastros aqui na Paraíba. Embora seja uma ferramenta do Governo Federal, o trabalho é realizado pelos estados. As métricas são fundamentais para que possamos acompanhar e compreender a situação. Esse aumento reflete o que a Paraíba está vivendo: um cenário animador e positivo, construído desde 2019. Tivemos um crescimento de 165% no número de empresas que renovaram seus cadastros, o que é importante, além de novos cadastros. Isso demonstra que muitos empreendedores e empresas estão se posicionando de forma diferenciada no setor de turismo. Mostra também como o turismo tem desempenhado um papel fundamental e prioritário na economia da Paraíba. Com o crescimento do turismo, cresce também o número de empresas que estão atuando no setor. São novos bares e restaurantes fortalecendo o segmento de alimentação fora do lar; novos hotéis ampliando o setor de hospedagens no estado; mais empresas reforçando o transporte turístico; além de mais bugueiros e guias de turismo, o que evidencia a força do setor. Em um estado como o nosso, onde o turismo tem sido prioritário, o número de empresas segue esse ritmo de crescimento importante. Portanto, o cadastro evoluiu de forma significativa em 2024, refletindo a força do turismo paraibano.

■ Quais são as projeções para 2025?

A expectativa é muito positiva. Entramos no terceiro ano do governo de João Azevêdo, com ainda mais investimentos, como ocorreu em 2024. Esperamos que 2025 seja um ano ainda mais promissor. Em 2024, a Paraíba recebeu prêmios importantes da maior operadora de turismo da América Latina, a CVC, sendo reconhecida como parceira prioritária e destino prioritário dentro da operadora, além de obter o mesmo reconhecimento de uma operadora internacional. Queremos levar essas boas experiências também para 2025. O PIB da Paraíba surpreendeu em 2024, superando o do Nordeste e até mesmo o do Brasil. Nossa expectativa é que, em 2025, esse desempenho continue a crescer. Um ponto importante é o Polo Turístico Cabo Branco, o maior complexo turístico planejado do Nordeste. Ele tem recebido investimentos privados e públicos significativos, com o Governo da Paraíba garantindo toda a infraestrutura necessária,

incluindo o Boulevard dos Ipês, que está sendo construído pelo Estado. Esse avanço é fruto do esforço pessoal do governador João Azevêdo, em parceria com a Cinep [Companhia de Desenvolvimento da Paraíba] e do doutor Rômulo Polari, que tem feito um trabalho brilhante na atração de empresas de bandeiras nacional e internacional, fortalecendo ainda mais o Polo. Com isso, nossa oferta turística vai aumentar, e teremos novos voos disponíveis. Então, os desdobramentos são muito positivos. O Polo Turístico Cabo Branco transformará, acredito que definitivamente, a Paraíba em um dos principais destinos turísticos, não apenas do Nordeste, mas de todo o Brasil. Essa condução pessoal do governador João Azevêdo para atrair empresas dos setores de hotelaria, parques temáticos e parques aquáticos será fundamental para o desenvolvimento econômico, social e turístico da Paraíba. Portanto, as expectativas são excelentes. Vamos continuar promovendo ainda mais o estado. A Paraíba está no centro das atenções do turismo brasileiro, ocupando um lugar em que muitos destinos gostariam de estar. Em 2024, fortalecemos nossa competitividade, e estou certo de que, em 2025, avançaremos ainda mais, levando a Paraíba ao topo do turismo no país.

■ Quais ações estão previstas para este verão?

O verão será muito importante. Primeiro, porque ele representa o ápice da nossa alta temporada. É durante esse período que vários segmentos econômicos conseguem garantir recursos financeiros significativos para manter suas empresas ao longo do primeiro semestre, que, notadamente, é um período de baixa demanda. No entanto, isso vem mudando devido ao trabalho do Governo da Paraíba, em parceria com o trade turístico, que busca garantir a chegada de visitantes e turistas ao longo de todo o ano aqui no estado. Além disso, o objetivo é que esses turistas não permaneçam apenas no portão de entrada, mas sejam distribuídos por todo o estado: do Litoral Norte ao Litoral Sul, passando pelo Agreste paraibano, Campina Grande, Brejo, Cariri e Alto Sertão, polarizando todas essas áreas. É importante destacar que hoje o nosso estado conta com ampla cobertura de acesso aéreo, o que facilita a chegada dos turistas e fortalece a interiorização do turismo nessas regiões. Quanto ao verão, há diversas programações, e a Prefeitura de João Pessoa está preparando uma agenda especial para o mês de janeiro. Em seguida, já engatamos no Carnaval. Este ano será marcado também por muitos feriados, que são fundamentais para fortalecer o turismo. Eles ajudam a abastecer e realimentar esse setor, que tem gerado muitos empregos ao longo dos anos.

VIOLAÇÕES DE DIREITOS

Alta de denúncias é a maior do NE

Em 2024, foram 9.256 ligações da Paraíba ao Disque 100, um aumento de 30,6% em comparanão ao ano anterior

João Pedro Ramalho
joapramalho@gmail.com

As diferentes formas de ameaça à vida, à liberdade, à segurança ou à integridade pessoal constituem violações aos direitos humanos — e um canal que reúne as denúncias desses casos, em âmbito nacional, é o Disque 100, vinculado ao Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania (MDHC). Em 2024, somente na Paraíba, foram feitas 9.256 denúncias ao MDHC, o que representou um crescimento de 30,6% em relação ao observado em 2023, quando o Disque 100 recebeu 7.089 denúncias oriundas do estado. Essa foi a 5ª maior alta do Brasil, e a maior entre os estados nordestinos, além de ser superior à registrada nacionalmente — de 22,6%, referente ao aumento de 536,1 mil denúncias, em 2023, para 657,2 mil denúncias, no ano passado.

As buscas ao Disque 100, no ano passado, permitiram a identificação de 62.367 casos de violação no estado; enquanto, em 2023, foram observadas 45.415 violações. Esses números são maiores que o das denúncias porque uma mesma comunicação pode envolver múltiplas infrações. Do total referente a 2024, os casos mais frequentes na Paraíba foram: negligência (8.395), exposição de risco à saúde física (6.735), tortura psíquica (6.531), maus tratos (5.129) e insubsistência afetiva (4.446), que é quando há o registro de omissão de cuidado, afeto, assistência moral e outros tipos de descasos. Já as vítimas mais atingidas foram mulheres (5.435), pessoas pretas e pardas (4.779) e idosos entre 70 e 84 anos (1.153).

O aumento das denúncias pode estar relacionado a diferentes fatores, como explica Mônica Ervolino, gerente

executiva de Direitos Humanos da Secretaria de Estado do Desenvolvimento Humano (Sedh). “A gente sabe que a violência é uma questão crescente no Brasil, mas também se pode atribuir [a alta das denúncias] a uma ampliação do conhecimento das pessoas sobre esses canais. Ainda é possível relacionar às campanhas que a Sedh realiza, já que a gente tem aumentado a divulgação dos canais de denúncia e ampliado a conscientização da população”, cogita.

Já para a professora de Direito e integrante do Centro de Referência em Direitos Humanos da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Gilmara Medeiros, a existência dessas violências explicita um cenário de desigualdades sociais, notadamente de gênero, classe e raça, algo que se reflete nos números do Disque 100. Ela também acredita que a ocorrência desses casos tem se mantido alta graças às mudanças no cená-



Na última década, a gente viu crescer, no espaço público, um discurso que trata essas violências como naturais

Gilmara Medeiros



Procura pelo serviço telefônico do Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania permitiu a identificação de 62.367 registros de violações no estado

rio político recente no Brasil. “Na última década, a gente viu crescer, no espaço público, um discurso que trata essas violências como naturais e que defende seu uso, ignorando as conquistas de direitos humanos ao longo das últimas décadas. Então, quanto mais esse discurso se populariza, capitaneado por grupos de direita e extrema-direita no nosso país, mais a gente vê a violência se tornar natural”.

Dignidade

A ideia de que todas as pessoas têm direitos fundamentais, que devem ser preservados é a base para o conceito de direi-

tos humanos, conforme elaborados na Declaração Universal dos Direitos Humanos, de 1948. Os dispositivos elencados por esse documento — e por todos os outros que nele se baseiam — visam à garantia da vida, da liberdade, da integridade física e do acesso à saúde, à educação e a outros bens materiais e imateriais.

Idosos

No caso dos idosos, as violações estão ligadas ao etarismo — preconceito relacionado à idade — e aos fatores como o isolamento social e à fragilidade física e mental. O combate

às violações contra esse público passa, portanto, por integrá-lo à sociedade, como defende a professora de Direito da Uninassau, Mirella Braga. “[Devemos] Pen-

sar em ações institucionais que ofereçam à população idosa programas que promovam a participação social, garantindo-lhes uma vida digna e ativa, como

Ranking do Nordeste

Índice de crescimento das denúncias nos estados da região

■ PB – 30,6%	■ AL – 20,7%
■ PE – 28,6%	■ MA – 16,5%
■ CE – 28%	■ RN – 14%
■ SE – 23,6%	■ PI – 8,6%
■ BA – 23,4%	

Fonte: MDHC

Paraibanos podem recorrer a outros canais para delatar casos

Além do Disque 100, que tem abrangência nacional, os paraibanos podem recorrer a outro canal para denunciar violações de direitos humanos. Trata-se do Disque 155, administrado pela Sedh, que tem uma diferença em relação ao programa do MDHC. “O Disque 100 não tem tanto detalhamento; ele recebe as denúncias, encaminha, mas não tenta saber se elas foram tratadas da forma que deveriam. Já o Disque 155 faz esse acompanhamento, por meio do contato com as instituições, como o Ministério Público da Paraíba [MPPB] e a Defensoria Pública do Estado [DPE-PB], a depender [do encaminhamento] de cada caso”, esclarece Mônica Ervolino.

Outra opção, para os cidadãos do estado, é acessar os Centros de Referência Especializados de Assistência Social (Creas), que atuam nos territórios, fazendo o primeiro tratamento das violações e remetendo os casos para os

setores responsáveis.

As violações aos direitos humanos, na Paraíba, são acompanhadas por diferentes órgãos governamentais. No âmbito da Sedh, a Gerência Executiva de Direitos Humanos atua nos casos de tráfico de pessoas; violências ligadas à luta por moradia e produção, em espaços urbanos e rurais; negativas de cartórios em oferecer a documentação básica; e na proteção às pessoas ameaçadas de morte, em programas voltados para crianças e adolescentes, vítimas e testemunhas de crimes e defensores de direitos humanos. Outros públicos acompanhados pela Sedh são as pessoas com deficiência e os imigrantes, refugiados e apátridas. Há, por fim, o Mecanismo Estadual de Prevenção e Combate à Tortura, que faz perícias em instituições de cerceamento de liberdade, como penitenciárias e unidades socioeducativas, recomendando ações para preservar os direitos

humanos nesses locais.

Segundo Mônica, o maior desafio desse trabalho consiste em encontrar os meios, nas políticas públicas existentes, para efetivar a garantia dos direitos. “Quando essas violações ocorrem com alguns grupos, como mulheres, idosos, crianças e adolescentes, existe uma política específica e um sistema de garantia de direitos organizado para tratar delas. Mas, quando a gente fala de outros tipos de violação que não se encaixam nesses segmentos, como o tráfico de pessoas e as pessoas ameaçadas de morte, o desafio é muito maior, porque é uma política que ainda está em construção na Paraíba. A gente já tem conseguido articular uma rede de proteção muito consistente no estado, mas ainda esbarra em algumas questões e, por isso, temos tentado estruturar essas políticas públicas, para dar conta [da demanda]”, completa a gerente da Sedh.

Principais vítimas são mulheres, negros e idosos

São diversas as desigualdades sociais que levam mulheres, negros e idosos a figurarem como as principais vítimas de violações de direitos, como ilustra Lídia Moura, titular da Secretaria de Estado da Mulher e da Diversidade Humana (Semdh). “As mulheres, por exemplo, foram tratadas historicamente como cidadãs de segunda categoria. Isso significa que essa sociedade é estruturada para que as mulheres não tenham direito e não acessem oportunidades, mas diante das crises, são as primeiras a serem acionadas. E, ao tentar sair desse ciclo, em geral, elas sofrem violência. Já o racismo tem um agravante, que é o fato de que a sociedade não se percebe racista. Até a forma como foi abolida a escravidão no Brasil foi frágil, porque não cuidou de fazer nenhuma reparação histórica ou legislação que protegesse a comunidade negra”.

A assistência às mulheres e às pessoas negras é conduzida, na Paraíba, pela Semdh. Para o

combate ao racismo, conforme destaca Lídia Moura, um programa fundamental é o Plano da Igualdade Racial, que estabelece parâmetros para ações



Essa sociedade é estruturada para que as mulheres não tenham direito e não acessem oportunidades

Lídia Moura

em todos os âmbitos da administração estadual. Já o Centro da Igualdade Racial João Balula conta com uma equipe multiprofissional, formada por advogados, psicólogos, assistentes sociais e pedagogos, que atende as pessoas afetadas por atos racistas e desenvolve ações de letramento para a compreensão de direitos.

Já a política estadual voltada para as mulheres inclui o acolhimento às vítimas de violência, por meio dos Centros de Referência da Mulher, casas de acolhimento e da Patrulha Maria da Penha. As ações, contudo, não estão restritas à proteção à vida. “Fazemos trabalhos para a ampliação do currículo dessas mulheres e a complementação de escolaridade, com cursos profissionalizantes, cursos de idiomas e várias outras possibilidades. Também disponibilizamos um crédito qualificado, por meio do Empreender Mulher, para mulheres em situação de violência e de vulnerabilidade social”, detalha Lídia.

ENTREGADORES

Na rua, eles encaram vários desafios

Serviço é cada vez mais usual na sociedade, mas trabalhadores se deparam com o preconceito e a agressão dos clientes

Samantha Pimentel
samanthainiao@gmail.com

Em meio ao trânsito das cidades, sobretudo naquelas de maior porte, é cada vez mais comum a presença de entregadores que circulam de moto, com a mochila nas costas. Muitos deles trabalham para aplicativos e passam o dia cruzando vários pontos da cidade, retirando as refeições em restaurantes, bares ou lanchonetes e levando-as até a casa dos clientes. O serviço se torna cada vez mais essencial no dia a dia de uma parcela da população. O que muita gente não sabe é que esses trabalhadores enfrentam inúmeros desafios. Entre eles, estão o preconceito, a violência, os riscos de acidentes de trânsito e a constante luta pela conquista de direitos trabalhistas.

O entregador e secretário do Conselho Municipal de Entregadores e Moto Ubers de João Pessoa (CME-JP), Ewerton Vicente da Silva, conta que atua nessa função desde 2017 e que começou após ser demitido de seu antigo emprego. Ele mantém um horário de trabalho que começa às 5h da manhã e vai até as 16h, diariamente. Ewerton, que parou de rodar à noite por medo da violência, diz que já sofreu acidente de trânsito. “Na época, eu estava entregando para o iFood, foi ali no giradouro da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Tinha passado um caminhão de brita na hora e eu passei logo em seguida, acabei derrapando e caí. Na época, não tinha amparo dos aplicativos, tive que me virar, passei uns dias de molho, engessei a perna e os amigos me ajudaram”, afirma.

O veículo que esses profissionais utilizam é outro pon-

to para se refletir, pois a moto incrementa o ranking de acidentes mais comuns entre as vítimas de hospitalizações. Somente no Hospital de Emergência e Trauma Senador Humberto Lucena, em João Pessoa, foram 9.786 atendimentos a vítimas de acidentes com moto em 2024. O número só perdeu para o de quedas, que somaram 15.907 casos.

Além do perigo que o trânsito oferece, Ewerton conta que já teve problemas com clientes que querem que os entregadores subam até determinado andar para deixar o pedido na porta do apartamento. A exigência é proibida pela Lei Estadual nº 12.934/2023, cujo texto informa que as encomendas devem ser deixadas na portaria do prédio. A legislação ainda diz que os consumidores que queiram receber os pedidos na porta de suas residências devem solicitar com antecedência e pagar uma gorjeta ao profissional, que pode, mesmo assim, recusar o dinheiro e não subir.

Agressão

A violência verbal, moral e até física faz parte da rotina dos motoboys. Em algumas situações, o ato surge por questões banais. “Já fui agredido porque cheguei na portaria, pedi o código para informar no aplicativo, o cliente disse que não tinha código, que já tinha pago. Expliquei que havia um procedimento, que precisava do código para confirmar a entrega. Ele acabou me empurrando, tomou a sacola da minha mão, me chutou e aconteceu uma pequena confusão. O porteiro teve que intervir, alguns colegas chegaram também”, relembra Ewerton, que destaca que o CME-JP é um grupo de entregadores criado



Vitória Nascimento, que está na função há cerca de um ano, evita trabalhar à noite porque tem receio da violência

com o objetivo de promover a cooperação mútua entre eles.

“O conselho surgiu para ajudar nossos amigos que se acidentavam ou adoeciam e passavam um tempo sem poder trabalhar. Então, o grupo busca mobilizar a categoria a se ajudar. Somos uma diretoria com 10 pessoas e temos mais de 300 membros, fora outros grupos que temos”, conta. Ele destacou que, quando um entregador se acidenta e fica sem trabalhar, muitas vezes passa por privações com a família e acaba sendo ajudado por colegas.

Esse problema também é ressaltado por outro entregador, Beethoven Gomes de Oliveira, que está criando uma associação representativa da categoria. “A gente não tem suporte algum do aplicativo. Se alguém sofrer um acidente, fala com um robô e espera 15 minutos para ele lhe respon-

der. Se você está com uma entrega e não achar o endereço, tem que falar com o robô também e esperar. Se for uma área de risco, insegura, você fica lá, à mercê de qualquer coisa”. Beethoven ainda afirma que o seguro que o aplicativo oferece também deixa a desejar. “Já aconteceu acidente com amigos que, praticamente, perderam a perna. E lá, no aplicativo, diz que você tem um seguro, que você pode acionar, mas eles nunca conseguiram, colocaram na justiça, estão esperando até hoje”, lamenta.

Beethoven conta que começou a atuar como entregador de forma paralela à sua atuação na cozinha de restaurantes, mas que, com o tempo, deixou sua antiga função e passou a atuar apenas com as entregas.

Geralmente, ele trabalha na função, de domingo a domingo, saindo pela manhã, às 11h,

e parando, às 15h, para almoçar. Depois disso, retorna às 18h e encerra seu expediente por volta de 1h. Com essa rotina puxada, Beethoven consegue uma renda de, aproximadamente, R\$4.500 por mês.

Sobre os problemas com clientes, ele diz que nunca passou por situações como agressões verbais ou físicas, mas que os entregadores sofrem muito com o preconceito. “Ele começa pelos estabelecimentos. Na maioria, onde a gente vai pegar as refeições, somos malvistas, infelizmente. As pessoas imaginam que somos baderneiros, arruaceiros, vagabundos. Porém, não é nada disso, somos trabalhadores”, afirma.

Já Vitória Nascimento, que também trabalha como entregadora, diz que começou na função há cerca de um ano, também após ficar desempregada e não conseguir outro trabalho formal. “Atualmente, trabalho

pelo iFood, mas, quando comecei, fazia entregas pela Uber, nunca quis trabalhar com passageiros”, conta. Ela diz que costuma trabalhar a partir das 10h até, aproximadamente, as 18h, de segunda a sábado, e que não roda à noite por questão de segurança, problema ainda agravado pelo fato de ser mulher.

Sobre a renda, Vitória conta que tem uma meta diária que busca alcançar: “Minha meta é chegar a R\$ 100 diariamente, mas tem dia que não bate e, em outro, passa. Por semana, fecho em R\$ 600”.

Ela destaca ainda que, por enquanto, o trabalho tem sido tranquilo. “Graças a Deus, nunca tive problema de nada com clientes. Como sou mulher, tenho dificuldade de achar um banheiro. Há um ponto de apoio do iFood, em Manaíra, mas antes tinha que pedir nas lojas e o pessoal ficava de cara feia”, destaca.

Profissionais lutam por mudanças e direitos trabalhistas

Buscando superar as dificuldades do trabalho, os entregadores lutam por algumas mudanças e por direitos trabalhistas, além de alterações na organização e na taxação dos aplicativos. O entregador Vinícius Silva diz que está, na função, há mais de um ano, levando encomendas pelo iFood. Ele reclama do tempo estipulado, pelo aplicativo, para as entregas. “O tempo é muito curto, por isso que muitos entregadores passam sempre apressados, correndo. Eu sempre coloco distâncias menores, costume

pegar rotas curtas”, afirma.

Já Ewerton Vicente da Silva destaca a necessidade de rever a taxação das entregas. “Hoje, o preço da taxa mínima é de R\$ 6 e, muitas vezes, a gente passa 1h, 1h30, para ganhar R\$ 6, leva chá de cadeira em restaurante esperando pedido”, comenta. Ele enfocou ainda a importância do Poder Público pensar em ações voltadas à melhoria da rotina e da vida desses trabalhadores, a exemplo de palestras e orientações sobre temas como o registro de Microempreendedor Individual (MEI) e sobre como



Entre as queixas dos trabalhadores, estão o tempo curto para a entrega e a alta taxação para enviar os pedidos

fazer o pagamento do valor devido para o Instituto

Nacional do Seguro Social (INSS).

Empresa diz que apoia empregados e respeita legislação

Em nota, o iFood afirma que um dos seus objetivos é apoiar a valorização do entregador e reforça que eles são fundamentais para o negócio e uma prioridade para a empresa. Sobre as queixas relativas ao seguro em caso de acidentes, esclarece que há os canais para isso, que funcionam por meio do aplicativo pela “Central de Segurança” ou pelo site da empresa. “Os entregadores também têm acesso a um plano de

assistência gratuita à saúde com consultas on-line, além de consultas presenciais e exames com preços populares”, informa a nota.

A empresa comunicou que tornou público, no Portal de Dados, os valores médios recebidos pelos entregadores. Segundo a empresa, o entregador ganhou em 2023, em média, R\$ 25,96 por hora trabalhada, o equivalente a R\$ 2.076,80 por mês, em uma jornada de 20h. O iFood re-

forçou que a empresa mantenha uma agenda sólida e permanente de diálogo com os trabalhadores e representantes da categoria, para garantir transparência, entre outros temas, sobre os ganhos desses profissionais.

Já sobre prazos de entrega, a nota diz que o tempo estimado é ajustado à distância e à velocidade das vias, para que o entregador consiga fazer rotas seguras, e que o aplicativo dispõe

de recursos como “rastreamento em tempo real, que monitora a velocidade, com tecnologia de telemetria, e um botão de emergência para situações de perigo.

Quanto ao não cumprimento da Lei Estadual nº 12.735/2023, a nota enviada pela Associação Brasileira de Mobilidade e Tecnologia (Amobitec), da qual o iFood é associado, diz que considera que as exigências dessa determinação causam insegurança jurídica e tra-

zem obrigações arbitrárias para o setor. “As empresas associadas são plataformas digitais de intermediação e, como tais, não necessitam ter presença física em todas as cidades em que prestam seus serviços. As obrigações dispostas na lei são irregulares e ferem princípios da Constituição brasileira, como a própria Lei da Liberdade Econômica”, informa a Associação.

A nota da Amobitec ainda destaca que as em-

presas associadas já oferecem suporte aos entregadores, como central de ajuda on-line e outros canais, e ressalta que “a Lei nº 12.335 viola a Lei federal nº 13.874/19, que determina que toda pessoa jurídica deve receber tratamento isonômico por parte da administração pública, não cabendo a determinação de abertura de escritórios físicos somente para aplicativos de entrega e de transporte de passageiros”.

SISTEMA PRISIONAL

Seap celebra ano de evolução na PB

Além da construção e da reforma de unidades penais, 2024 marca avanços em ações de capacitação e de ressocialização

Josélio Carneiro
 Especial para A União

O sistema prisional da Paraíba contabilizou, no ano passado, uma série de avanços significativos empreendidos pelo Governo do Estado. Destacam-se entre os exemplos: investimentos em equipamentos, insumos, melhorias na estrutura de prisões, cursos de qualificação profissional de policiais penais e de servidores administrativos, além de ações no campo da reinserção social de pessoas em privação de liberdade.

Sob os direcionamentos da Secretaria de Estado da Administração Penitenciária (Seap) e de seu titular, João Alves, o trabalho das equipes operacionais e administrativas viabilizou ganhos para todos, tanto servidores como reeducandos. Nesse processo de “revolução silenciosa”, como acontece todos os anos, as parcerias da Seap com instituições e empresas foram essenciais.

A pasta adquiriu e está distribuindo, às 66 unidades prisionais da Paraíba, um volume

expressivo de equipamentos e itens, como parte de uma iniciativa que objetiva a modernização do sistema penitenciário paraibano. São investimentos na proteção individual dos policiais penais e na promoção da dignidade dos reeducandos. A maior parcela dos recursos é estadual, mas também há verbas provenientes de convênios federais.

As aquisições incluem 110 detectores manuais de metais; 512 câmeras de monitoramento; 16 NVRs, unidades de gravação digital em alta resolução; 500 extintores de incêndio; 1.570 coletes balísticos; 152 aparelhos de ar-condicionado tipo *split*; 47 bombas d'água trifásicas; 37 fogões industriais e 23 liquidificadores industriais.

Investimentos

Conforme apontado pela Secretaria de Comunicação Institucional (Secom-PB), na edição de 2024 da revista Paraíba da Gente, há investimentos executados e em andamento da ordem de R\$ 63,8 milhões, incluindo reformas no Complexo Penitenciário de



As obras do Complexo Penitenciário de Gurinhém, que ofertará 748 vagas, contam com recursos dos governos Federal e Estadual

Mangabeira e ampliações da Cadeia Pública de Taperoá e da Penitenciária Regional Raimundo Asfora, em Campina Grande, além da construção do Complexo Penitenciário de Gurinhém, com recursos estaduais e federais e a oferta de 748 vagas.

■ A nova estrutura da Ciap tem previsão de inauguração para este mês

Toda a nova estrutura da Central Integrada de Alternativas Penais (Ciap), na capital, encontra-se pronta — prédio, mobília, insumos e equipe —, com previsão de inauguração para este mês. O equipamento, cuja finalidade é combater o encarceramento em massa,

tem como coordenador o policial penal Josinaldo Lucas Oliveira e envolve, ainda, o Tribunal de Justiça, a Vara de Alternativas Penais e órgãos parceiros, como as secretarias de Desenvolvimento Humano e da Mulher, tanto do estado como do município.

Projetos de reinserção social oferecem chance de nova vida para reeducandos

Quando à ressocialização de pessoas em privação de liberdade, os números são animadores, fruto do empenho das equipes da Gerência Executiva de Ressocialização em colaborar com oportunidades para homens e mulheres recomeçarem a vida quando forem libertos. Essa preparação se dá ainda nas prisões, por meio de atividades de trabalho, educação e saúde.

Trabalho

No estado, há mais de 1.500 pessoas privadas de liberdade (PPL) inseridas em tarefas laborais nas unidades penais e em convênios para contratação de mão de obra.

Em 2024, o governador João Azevêdo inaugurou a primeira loja do Programa Estadual de Reinserção Social pelo Trabalho e Capacitação, com itens feitos por reeducandos. Outro marco foi a conquista do Prêmio Luz na Educação, pelo projeto Esperança no Espaço, em que reeducandos da cadeia de Esperança fabricam telescópios.

Já o Plano Estadual de Trabalho e Renda, iniciado em 2024, será aplicado até 2026. Novas oficinas produtivas serão instaladas em parceria

com a Secretaria Nacional de Políticas Penais (Senappen). Além disso, foi publicado o Decreto Estadual nº 45.230, que definiu os procedimentos de seleção de empresas privadas que pretendam empregar reeducandos para exercer atividades nas prisões.

Educação

Na área educacional, os avanços também são promissores: em 2024, 4.773 reeducandos participaram da Educação de Jovens e Adultos (EJA) e 1.635 fizeram as provas do Exame Nacional do Ensino Médio para Pessoas Privadas de Liberdade (Enem PPL). Já o Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos para Pessoas Privadas de Liberdade (Encceja PPL) somou 2.097 inscritos.

Foram firmadas parcerias com a Escola de Serviço Público da Paraíba (Espép), para a certificação de cursos para PPL, e com a Secretaria da Educação (SEE-PB), para a garantia de educação integral em todas as unidades penais do estado. Outro fruto de 2024 é o Plano de Educação para Pessoas Privadas de Liberdade e Egressas do Sistema Pri-

sional da Paraíba (2025–2028), aprovado pelo Ministério da Educação (MEC).

Saúde

Conforme a Seap, 2024 totalizou 41.668 procedimentos de saúde em PPL, sendo 3.383 voltados para mulheres e 38.285 para homens.

Mais avanços

O Plano Estadual de Atenção às Mulheres Privadas de Liberdade e Egressas do Sistema Prisional é outra inovação em execução, interligando os equipamentos da rede de proteção social às mulheres.

E, após tornar-se o primeiro estado do país a concluir o cadastro biométrico de 100% de suas PPL, sendo pioneiro na identificação civil e na emissão de documentos para essas pessoas, a Paraíba foi o segundo estado a implantar a Comissão Técnica de Classificação de PPL. Essa iniciativa, que proporciona a individualização e a humanização das penas, já classificou 1.209 reeducandos.

Além disso, a Seap fixou um QR Code nas prisões para facilitar o acesso dos parentes de reeducandos aos seus direitos, conforme a legislação.

Livro inédito, encontros e cursos atestam dedicação dos servidores

Em meio à atuação das equipes de servidores do sistema prisional paraibano, em 2024, ganhou destaque nacional a publicação de um livro inédito, escrito por 35 mulheres que trabalham na Seap — sendo 16 policiais penais —, abordando temas como ressocialização, gestão de unidades prisionais, questões de gênero, psicologia e educação. A obra foi idealizada e editada por este jornalista e policial penal que aqui escreve.

O último ano também foi marcado por dois eventos relacionados à área e sediados na Paraíba: a 9ª edição do Conselho Nacional de Secretários de Estado de Justiça, Cidadania, Direitos Humanos e Administração Penitenciária (Consej) e o encontro regional que reu-

niu representantes de todos os estados do Nordeste e da Senappen.

A Seap ainda promoveu várias ações educativas voltadas para os servidores. Na Escola de Gestão Penitenciária da Paraíba (Egepen), foram 794 horas/aula de atividades de capacitação e 1.223 profissionais certificados em 2024.

A secretaria tem trabalhado tanto na ampliação da oferta de vagas quanto na melhoria da qualidade das instruções na Egepen e, para isso, foram fundamentais iniciativas como a seleção de docentes, por meio de edital, e a aprovação do regimento interno da escola. É preciso destacar, também, o empenho dos policiais penais na busca pela qualificação profissional.

Missões

Por meio da Gerência Executiva do Sistema Penitenciário (Gesipe), a Seap registrou, no ano passado, cerca de quatro mil missões operacionais.

A Força Tática Penitenciária (FTPen) respondeu por um total de 3.132 dessas missões, sendo 1.525 rondas, 906 transferências intermunicipais e interestaduais de reeducandos, 630 apoios de segurança e 50 audiências.

Já o Grupo Penitenciário de Operações Especiais (GPOE) realizou 832 ações, incluindo 132 operações de segurança, 364 rondas em unidades prisionais de João Pessoa e de Campina Grande e 288 escoltas, além de seis cursos de nivelamento operacional.



Foto: Otávio Antônio/Arquivo A União

Mais de 4.700 detentos participaram da EJA em 2024; 1.635 fizeram as provas do Enem PPL



Foto: Divulgação/Secom-PB

Publicação escrita por 35 mulheres que trabalham na Seap ganhou destaque nacional

ARTESANATO PARAIBANO

Essência destilada em cores e formas

Reunindo 1,5 mil peças, Museu Janete Costa encanta visitantes com a diversidade de uma autêntica tradição do estado

Lilian Viana
lilian.vianacananea@gmail.com

Mais do que um espaço dedicado à preservação da memória, o Museu do Artesanato Paraibano Janete Costa representa a riqueza do talento, da criatividade e da essência do povo paraibano. Localizado em frente à Praça da Independência, no coração de João Pessoa, há 19 anos, o museu tem sido um ponto de união da arte, da história e da cultura de um estado repleto de heranças e costumes. O local guarda um dos maiores acervos de artesanato da Paraíba por meio de tipologias variadas, como cerâmica, madeira, fibras, brinquedos populares, bordados e rendas, representando as várias regiões do estado. “Recebemos, em média, 200 pessoas por dia, entre turistas e grupos escolares, que vêm conhecer a nossa história por meio da arte”, relata o artista plástico e curador do espaço. De fato, o local, que ainda abriga eventos e exposições temporárias, tornou-se um frequentado ponto turístico de João Pessoa, recebendo visitantes de todo o Brasil e do exterior.

Inaugurado no dia 5 de janeiro de 2006, o lugar foi, anteriormente, a Casa do Artista Popular, criada com o objetivo de valorizar o trabalho dos artesãos paraibanos. O projeto de transformação do ambiente em museu contou com a colaboração do artista plástico Geo Oliveira — que, além de ter participado da inauguração, hoje trabalha ativamente na curadoria do espaço e no relacionamento com os artistas. Ele destaca a importância do museu como um meio de divulgação e de valorização do trabalho artístico da região.

“É um marco na valorização do nosso artesanato. Ele

representa as mãos e as histórias de quem, com talento e dedicação, mantém viva a tradição da nossa terra”, afirma. “É um lugar que não só preserva nossa memória, mas também transmite para as novas gerações o valor do que fazemos aqui na Paraíba. O artesanato é nossa identidade, e o museu faz essa conexão entre o passado, o presente e o futuro”, continua Geo.

Assim, o museu serve como um importante centro de aprendizado e troca cultural. Os visitantes podem explorar a diversidade do artesanato da Paraíba por meio de tipologias variadas, como cerâmica, madeira, fibras, brinquedos populares, bordados e rendas, representando as várias regiões do estado. “Recebemos, em média, 200 pessoas por dia, entre turistas e grupos escolares, que vêm conhecer a nossa história por meio da arte”, relata o artista plástico e curador do espaço. De fato, o local, que ainda abriga eventos e exposições temporárias, tornou-se um frequentado ponto turístico de João Pessoa, recebendo visitantes de todo o Brasil e do exterior.

Homenagem

Erguido nos anos 1920, o casarão onde fica o museu foi restaurado para abrigar a instituição, que recebeu seu nome em homenagem à arquiteta pernambucana responsável pelo projeto de re-



Situado na Praça da Independência, no Centro de João Pessoa, espaço apresenta itens de uma grande variedade de tipologias, como madeira, bordados, fibras e cerâmica

vitalização do espaço. Janete Costa, que faleceu em 2008, foi uma das grandes idealizadoras do empreendimento, e seu legado reflete-se na beleza e na funcionalidade do local.

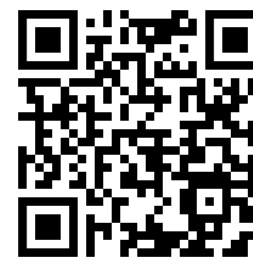
Tombado como patrimônio histórico, o prédio foi utilizado como residência particular até os anos 1960, servindo como pensionato nas décadas de 1970 e 1980, antes de ser transformado no espaço cultural que é hoje.

Outras atrações

Além das exposições permanentes e temporárias, o Museu do Artesanato Paraibano oferece outros atrativos ao público, como uma loja de produtos artesanais, o Café Terraço Goretti Zenaide, batizado em memória da jornalista paraibana homônima, falecida em 2017, e a Biblioteca Ariano Suassuna, que fornece um ambiente agradável para leitura e estudos.

Visita on-line

Desde 2023, o espaço também passou a disponibilizar um tour virtual, que facilita o acesso ao genuíno artesanato da Paraíba e promove a cultura local. Por meio do site do Programa do Artesanato Paraibano (PAP), é possível conferir um pouco da variedade do acervo que o lugar apresenta, incluindo itens elaborados em couro, macramê e renda renascença.



Acesse o QR Code acima para conferir o tour virtual

Lugar é “parada obrigatória” em passeios turísticos pela capital

Com a crescente valorização do turismo cultural, o Museu do Artesanato Paraibano tornou-se uma “parada obrigatória” para quem deseja entender mais sobre a história e a cultura do estado. O guia turístico Jalyson Sales, que acompanhava um grupo de quatro

visitantes do interior de São Paulo, ressaltou a importância de incluir o local no roteiro de turismo de João Pessoa. “A visita ao museu está incluída no pacote de todos os passeios turísticos pela cidade. Não tem como deixar de passar por aqui, é um lugar que representa

a verdadeira identidade da Paraíba”, enfatizou Jalyson.

Renata Silveira, uma turista de Goiás, também compartilhou sua experiência. Ela estava na capital paraibana para passar uma semana com três familiares e iniciou os passeios pela cidade com a visita ao Museu

do Artesanato. “Eu sempre ouvi falar do artesanato da Paraíba e, ao chegar aqui, não pude perder a chance de conhecer o museu. Estou encantada com a variedade das peças e a história por trás de cada uma delas”, declarou Renata, visivelmente impressionada

com o espaço.

Para Geo Oliveira, que acompanha de perto a movimentação no lugar, a combinação entre cultura, arte e história torna a visita uma experiência enriquecedora para os turistas, que se encantam ainda mais com a beleza e a au-

tenticidade das peças expostas. “A visita ao Museu do Artesanato é obrigatória para quem quer realmente conhecer a história e a cultura da Paraíba. As peças expostas refletem a riqueza do estado e a dedicação dos artesãos”, argumenta o artista plástico e curador.

Mostra temporária oferece mergulho no universo circense

O Museu do Artesanato Paraibano também abriga a Sala de Exposições Temporárias Mestra Zefinha de Pitimbu, onde são realizadas mostras que exaltam a cultura popular do estado. Desde novembro do ano

passado, por exemplo, os visitantes podem apreciar a exposição “Hoje Tem Espetáculo”, que continua até o dia 27 de fevereiro e oferece um mergulho no universo circense.

Com curadoria de Dadá

Venceslau e Geo Oliveira, a mostra reúne cerca de 50 peças inspiradas no tema, desenvolvidas por, aproximadamente, 40 artesãos de várias regiões, incluindo paraibanos e nomes de outros estados. A exposição en-

canta tanto crianças quanto adultos, com uma palestra de cores diversificada e uma variedade de tipologias, como papietagem, sucata, barro e tecido bordado.

De acordo com o diretor do museu, Fábio Mo-

rais, um dos objetivos da mostra é despertar a memória afetiva dos visitantes. “É muita gente que viveu ou que vivencia o universo do circo. São várias telas que mostram cenários e outras referências do universo circense”, comenta.

“Os visitantes vão ficar encantados com essa exposição, porque ela está colorida, lúdica, bonita, com cada peça mais interessante que

a outra. E, para os artesãos, foi um desafio, porque nós convidamos santeiros, por exemplo, e pedimos para que eles fizessem um palhaço ou uma cena circense. A grande maioria topou o desafio. Quando você contemplar um santeiro de Santa Luzia, chamado Fernando Clavinote, que faz divinos, e observar o palhaço que ele montou, é de se emocionar”, complementa Geo.



Cerca de 40 artesãos, de dentro e de fora da Paraíba, confeccionaram 50 obras inspiradas em figuras e cenários típicos do circo

Saiba Mais

Museu do Artesanato Paraibano Janete Costa

Funcionamento: de terça-feira a domingo, das 9h às 17h

Endereço: Praça da Independência, nº 56, Centro (ao lado do Museu da Cidade de João Pessoa)

Telefone: (83) 98845-5033

Instagram e Facebook: @museudoartesanatoparaibano



Regina Duarte é Raquel; Glória Pires é Maria de Fátima; Beatriz Segall é Odete Roitman: ícones

Clássico corrigido

Com o remake a caminho, a novela “Vale Tudo” original reestrea amanhã com o formato de tela correto

Esmejoano Lincol
esmejoanolincol@hotmail.com

A pergunta “Quem matou Odete Roitman?” foi sanada há pouco mais de 36 anos, quando, na noite de 6 de janeiro de 1989, o público descobriu a identidade de seu algoz. Para os leitores que nunca assistiram *Vale Tudo*, a reportagem não dará abertamente *spoilers* sobre o assassino, deixando a oportunidade de assistirem a novela clássica de Gilberto Braga e desvendarem o segredo por si mesmos. Disponível desde 2020 no Globoplay, a obra será recondicionada no catálogo da plataforma amanhã, passando a constar com os capítulos em seu formato de tela original, 4:3, quase quadrado. O relançamento chega com a expectativa da estreia, em março, do *remake* da clássica trama, adaptado por Manuela Dias para o horário das 21h.

Partindo da ideia original de Gilberto, o autor contou com a coautoria de Aguinaldo Silva, recém-saído dos sucessos *Roque Santeiro* e *O Outro*, e de Leonor Bassères, sua companheira de trabalho desde 1983. A premissa era simples, baseada no clássico conflito entre uma mãe batalhadora e uma filha ambiciosa.

O tema previamente explorado no filme *Almas em Suplício*, de 1945, ganhou contornos brasileiros com Raquel (Regina Duarte) e Maria de Fátima (Glória Pires). Iludida pelo modelo e gigolô César (Carlos Alberto Riccelli), a moça decide vender, em segredo, a casa em que mora com a mãe e parte de Foz do Iguaçu, no Paraná, para o Rio de Janeiro, deixando Raquel, uma simples guia turística, sem teto.

A trama fica mais complexa quando Raquel viaja em busca de Maria de Fátima e descobre que ela não foi enganada, mas planejou a negociata do imóvel. Desiludida e falida, Raquel instala-se no subúrbio carioca e decide reconstruir sua vida do zero, galgando aos poucos — e honestamente — o seu lugar ao sol; e envolve-se com Ivan (Antônio Fagundes). Sua filha permanece no lado oposto: Fátima cruza o caminho com os membros da família Roitman, donos da TCA, uma empresa de aviação. Ela enxerga no apático Afonso Roitman (Cássio Gabus Mendes) a oportunidade para dar um golpe do baú, encontrando apoio na matriarca Odete Roitman (Beatriz Segall) e em Marco Aurélio (Reginaldo Faria), inescrupuloso administrador da TCA.

Os personagens secundários da novela também propiciaram debates pioneiros. Helena Roitman, papel de Renata Sorrah, rendeu-se ao alcoolismo na tentativa de mascarar traumas da juventude. Ainda que a autora do *remake* tenha indicado em entrevista recente que Heleninha era feita de “chacota” dentro e fora da ficção, a abordagem de Gilberto, Aguinaldo e

Leonor propiciou grandes momentos para sua intérprete, que, no final, encontra apoio nos Alcoólicos Anônimos (AA) para superar o vício.

O casal Cecília e Laís, vivido por Lala Deheinzeln e Cristina Prochaska, foi marcado pela morte da primeira, mas não por ação da Censura, como chegou-se a ventilar: a intenção dos novelistas era discutir a situação de parceiros homoafetivos numa época em que não havia segurança jurídica para casais LGBTQIAPN+. Administrada conjuntamente pelas mulheres, uma pousada no Litoral fluminense vira alvo da cobiça de Marco Aurélio, que após o falecimento de Cecília, sua irmã, tenta excluir Laís da herança.

Mostra a tua cara

Perto do fim da novela, Odete é morta num crime com vários suspeitos. Mas enquanto o mistério não era elucidado, o trio de autores lançou mão de outro questionamento, que orientou por meses a narrativa: vale a pena ser honesto no Brasil?

Para responder, os telespectadores tinham à sua disposição as trajetórias de Raquel e Fátima. Essa discussão por meio da telenovela foi propiciada graças ao contexto político daquele ano: três anos depois do fim do regime militar e meses antes da queda oficial da Censura, que foi encerrada de fato com a promulgação da Constituição Federal, em outubro de 1988.

A jornalista e pesquisadora Ana Paula Gonçalves lançou em dezembro do ano passado o livro *Vale Tudo – A Telenovela que Escancarou a Elite e a Corrupção Brasileira*, pela editora Autografia. Esse trabalho retoma a pesquisa de doutorado de Ana, que transforma o texto acadêmico num relato robusto sobre o trabalho de Gilberto Braga e de sua equipe.

“Na primeira exibição da obra eu tinha 12 anos e me lembro muito bem do sucesso. E antes da pesquisa, eu, como comunicóloga, já entendia a importância de *Vale Tudo*. Acompanhei o êxito da reprise no Canal Viva, em 2010, e a reví nessa oportunidade, entendendo melhor porque ela é especial”, justifica.

A pesquisa utilizou a novela como objeto de estudo para análise da chamada “década perdida”, termo rechaçado por Ana Paula, pois, na opinião da autora, os anos 1980 foram de fundamental importância para a história do Brasil. Na primeira parte, a então doutoranda escrutinou a formação da sociedade brasileira e as bases da corrupção local. “Depois me debrucei na televisão do Brasil. Assisti a todos os capítulos de *Vale Tudo*, fazendo uma relação com a trama e o momento que o país estava vivendo”, explica.

A segunda versão de *Vale Tudo* já está sendo gravada desde o final do

ano passado. Os papéis de Raquel e Maria de Fátima ficarão a cargo de Taís Araújo e Bella Campos. Odete Roitman ganha nova vida por meio de Débora Bloch; Paolla Oliveira assume a nova Heleninha; e Alexandre Nero fará o novo Marco Aurélio.

Para Ana Paula, a temática abordada segue relevante em 2025, ainda que o contexto social seja outro. “Hoje há um novo público, com acesso à internet, muitos canais, plataformas e outros modos de ver televisão. Isso já será um grande desafio para a repercussão do *remake*. Com relação ao modo de vida do brasileiro, infelizmente, muita coisa segue como era, no âmbito da corrupção e da desigualdade social”, conclui.

CENAS MARCANTES

Fotos: Reprodução



Marco Aurélio (Reginaldo Faria), de helicóptero, dá “uma banana” para o país



O assassinato da vilã Odete Roitman foi um dos maiores “quem matou?” da história das telenovelas



Foto: Reprodução

Trilha nacional vendeu 180 mil cópias e a internacional explodiu: 1,4 milhão

Discos com as trilhas marcaram a época

Vale Tudo permaneceu sendo tratada como uma “novela sem nome” até próximo de sua estreia. O título provisório *Bufunfa*, sugerido por Boni, então diretor geral da Globo, causava ânsia de vômito em Gilberto Braga, que revelou o colega Aguinaldo Silva em sua autobiografia. Mas o tema de abertura já tinha sido produzido: “Brasil”, de Cazuzza, George Israel e Nilo Romero, na voz de Gal Costa. A série de *slides* com imagens de paisagens brasileiras, “clipadas” pela equipe do *designer* Hans Donner, marcou os telespectadores pela força e simplicidade e foi a partida de uma trilha sonora de sucesso.

A gravação de “Brasil” permaneceu restrita ao disco com a trilha nacional da novela até ser destacada para a coletânea *O Melhor de Gal Costa*, de 1990. O próprio Cazuzza também incluiu a faixa do álbum *Ideologia*, sucesso do mesmo ano: desse LP foi extraído o sucesso “Faz parte do meu show”, para ser o tema do casal Afonso e Solange, bastante executado dentro e fora da novela.

Outras canções foram igualmente exitosas: “Pense e dance”, do Barão Vermelho, tocando frequentemente para as armações de Maria de Fátima; e “Tá combinado”, escrita por Caetano Veloso para Peninha e que ganhou a voz de Maria Bethânia, servindo como tema de amor para Raquel e Ivan.

Caetano ainda se fez presente como intérprete em

Vale Tudo, com sua versão de “Isto aqui o que é”, clássico de Ary Barroso, também produzida exclusivamente para a novela: foi tema de Raquel, em sua luta para vencer sem maracutaias. Outra versão, mas de uma faixa em inglês, servia como canção de fundo para o núcleo jovem da novela — “Um mundo só pra nós”, adaptação da banda Gáz para o sucesso “Eye in the sky”, do The Alan Parsons Project.

“É”, música de Gonzaguinha que anos depois foi usada na abertura de *Amor de Mãe*, em 2019, era frequentemente escalada para pontuar cenas de locação na capital fluminense, onde a maior parte da ação se passa. O disco com a trilha nacional vendeu cerca de 180 mil cópias, número padrão considerando os álbuns nacionais da Som Livre, a então gravadora da Globo. Lançado em LP e cassete, em 1988, ganhou uma edição em CD, em 2001.

Do outro lado, a trilha internacional foi campeã de vendas na época: 1,4 milhão de discos e fitas foram vendidos, com sucessos que já tocavam nas rádios brasileiras ou que passaram a ser executados nessas emissoras: “Baby, can I hold you?”, de Tracy Chapman, cantora revelação daquele ano; “Father figure”, de George Michael; “Silent morning”, *funk freestyle* do americano Noel; e “Where do the broken hearts go?”, de Whitney Houston, onipresente no cenário *pop* da música.

Artigo

Estevam Dedalus
Sociólogo | Colaborador

Obdulio

Acredito que seja impossível viver sem mistificar ao menos parte da realidade. Sem a imaginação, o sonho e a fantasia, o mundo se tornaria ainda mais cruel e burocrático.

Há pouco revi uma entrevista de Eduardo Galeano concedida à ESPN. O escritor uruguaio dizia que a vitória da Celeste, em 1950, produziu um entusiasmo misterioso, único, que nenhuma droga do mundo seria capaz de proporcionar, bem como um estranho e comovente sentimento de compaixão.

Esse pensamento é ilustrado com a história de Obdulio Varela — capitão da Celeste — que, após a inesperada conquista no Maracanã, perambulou como anônimo pelas ruas da cidade do Rio de Janeiro, de boteco em boteco. A cada porta de bar que cruzava, ouvia os prantos, observava a tristeza e o desespero dos brasileiros que repetiam: “Foi o Obdulio”, “Foi o Obdulio”, “Foi o Obdulio”.

Obdulio não teve coragem de dizer àquelas pessoas quem era, de se assumir como algoz. Não gritou: “O Obdulio sou eu!”, “Eu sou o carrasco!”. Mas, com a voz embargada, a alegria que sentia pela vitória e o *ethos* guerreiro transformaram-se em com-

paixão, piedade e autoacusação. Experimentou a sensação de fazer os outros sofrerem e sentiu culpa por isso.

Sou levado a concordar com Eduardo Galeano quando diz ser essa uma das histórias mais belas e comoventes do futebol, que devolveria a certeza de que outro mundo é possível.

“

Galeano dizia que a vitória da Celeste, em 1950, produziu um entusiasmo misterioso, único, que nenhuma droga seria capaz de proporcionar

A imaginação é uma das capacidades humanas mais notáveis e distintas. Não quero dizer que os animais também não sejam capazes de imaginar e sonhar, mas é que, entre nós, a imaginação e o sonho desempenham papel crucial em nossas vidas, no desenvolvimento e da organização de nossas sociedades. Por meio da imaginação, criamos o que há de mais refinado na cultura humana, como as obras de artes, os sistemas filosóficos e religiosos; estimulamos a busca pelo conhecimento científico e por um mundo melhor.

A imaginação permite-nos criar o mundo com base em nossos desejos; recriar o passado, mudar o presente e moldar o futuro. É por meio dela que concebo os craques do passado como semideuses. Para mim, Garrincha é um atacante invencível, com poderes sobrenaturais. Os chutes de Didi são mágicos e Zico em campo é a mais sublime perfeição estética.

É também a partir da imaginação que posso pensar num mundo livre de guerras, intolerância, fanatismos, desigualdades, maldade e medo.

A imaginação, no entanto, não pode ser apenas um refúgio da realidade.

Estética e Existência

Klebber Maux Dias

klebmaux@gmail.com | colaborador

Música erudita dignificando vidas

A arte na sociedade une as pessoas e inspira movimentos revolucionários para garantir a dignidade humana. Em tempos de opressão, as obras artísticas tornam-se uma forma de resistência contra a perversidade humana. Ela dá voz às vozes silenciadas, fortalece o ímpeto de luta e inspira a esperança, também reflete a evolução cultural e tecnológica ao longo dos séculos e a forma como os cidadãos relacionam-se entre si e com a própria sociedade. Por exemplo, nos últimos séculos, especialmente o 19, a música erudita expressou os ideais do Iluminismo, do Romantismo e da Revolução Industrial, e é vista como um reflexo da busca por excelência, ordem e beleza, tornando-se um símbolo de pertencimento de um país, de forma a estabelecer uma fusão entre o passado e o presente, ao mesmo tempo que contribuiu para a criação de uma tradição cultural que constituiu territórios, regionalismos e nacionalismos. Por exemplo, na década de 1970, surgiu, no Nordeste do Brasil, o Movimento Armorial na cidade do Recife, capital do estado de Pernambuco, tendo o seu maior incentivador o escritor, filósofo, dramaturgo, professor, romancista, artista plástico, ensaísta, poeta, político e advogado paraibano Ariano Vilar Suassuna (1927-2014).

A música erudita, ao longo da história, expressa as culturas e revoluções de um país. Ela desenvolve o pensamento crítico dos cidadãos por meio da percepção estética musical. Os compositores expõem as condições sociais de seus respectivos tempos e suas peças tornam-se um símbolo de afirmação nacional e preservam as memórias históricas que construíram a dignidade humana. Nesse sentido, a música erudita é um bem-estar social. Além disso, ela tem uma relação com a ciência, especialmente no campo da acústica, descrita pela matemática e física. Compositores como o francês Jean-Philippe Rameau (1683-1764) e Franz Joseph Haydn (1732-1809) do Sacro Império Romano-Germânico exploraram os aspectos científicos do som, da harmonia e da escala musical, contribuindo para o desenvolvimento de teorias sobre a percepção sonora. As-



Foto: Reprodução/Facebook

“O Prima tem mostrado resultados de transformação social, pertencimento e autoestima”

sim, ela interage com diversas áreas do conhecimento humano. As promoções de concertos em eventos populares contribuem para massificar o acesso a mais pessoas, de forma diversificada e democrática. Esse processo cria o senso de pertencimento por meio do folclore, cancionário popular e gêneros artísticos regionais.

Um dos maiores impactos da música erudita na sociedade tem sido sua formalização como uma disciplina nas escolas e universidades para impulsionar o desenvolvimento intelectual dos cidadãos que contribuíram para as transformações sociais em função do bem comum. O estudo da música, seja por meio da teoria musical ou da prática instrumental, estimula várias habilidades, como a memória, a concentração, o raciocínio lógico e a resolução de conflitos. Essa formação oferece uma experiência que desenvolve a sensibilidade estética, aprimora a capacidade de análise crítica e a desconstrução do desembrutecimento humano. Ela também potencializa a inteligência emocional e habilidades sociais, levando os ouvintes aos estados de introspecção para reconstruírem seus projetos de vida. Esse processo aguça

a percepção para as formas de beleza implícitas no dia a dia e a capacidade de enfrentar desafios com resiliência.

A música erudita e a inclusão social têm democratizado a criação de orquestras comunitárias. Temos como exemplo o projeto Prima no estado da Paraíba. Seus programas de ensino têm mostrado resultados de transformação social, em função de promover o sentimento de pertencimento e a autoestima, de forma a potencializar nos jovens e crianças a oportunidade para o desenvolvimento pessoal e profissional. A popularização de concertos tem tornado a música erudita mais acessível aos cidadãos. Isso tem construído um gosto estético de identidade, a formação e fidelização de plateia.

Sinta-se convidado à audição do 504^o Domingo Sinfônico, que ocorrerá neste dia 19, das 22h às 0h. Para quem está em João Pessoa (PB), a sintonia é na FM 105.5, ou você pode acessar (clique em ao vivo) pelo aplicativo em www.radiotabajara.pb.gov.br. Durante a transmissão, comentarei as contribuições do regente austríaco Herbert Ritter von Karajan (1908-1989) para a massificação da música erudita entre os países.

Kubitschek Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

Pinheiro, Pinheiros

Meu pai escutava dizer que o nosso sobrenome Pinheiro tinha uma conexão com as famílias judias que fugiram para o Brasil e usavam Pinheiro, Pera, Carvalho, entre outras fontes da natureza, como um disfarce, certamente, um escudo diante do nazismo, que se espalhou pelo mundo.

A vereadora Creusa Pires, ao discursar na Câmara de Vereadores em 1996, quando recebeu o título de Cidadão Pessoaense de sua autoria, falou apenas sete palavras: “João Pessoa ganhou hoje mais um Pinheiro”. Aquilo dela dizer mais um Pinheiro, referindo-se a árvore, encheu-me do orvalho, nasci de novo, pelo amor incondicional por essa cidade, onde estou há 50 anos.

Pinheiros, bairro de São Paulo, onde morei cerca de 300 dias (na casa da jornalista Selma Tuareg), tem tanto origens indígenas quanto portuguesas. Cidade cosmopolita — o bairro é tão bonito —, mas São Paulo, já disse Caetano Veloso, é como o mundo todo.

Pinheiro é gênero masculino, é o nome que carrego. Se o espaço da coluna fosse pequeno, eu encerraria aqui meu texto, mas preciso esticar o tema mesmo sem saber mais o que dizer.

O bairro Pinheiros foi povoado pela chegada dos jesuítas naquele lugar que se chamaria cidade de São Paulo, mas um grupo indígena já estava lá, por volta de 1560, às margens do Rio Grande — que, posteriormente, ficou conhecido como Rio Pinheiros. Isso eu não sabia, mas cabe aqui.

O Largo de Pinheiros, nada tem a ver comigo, mesmo eu tendo morado naquele apartamento da esquina da Avenida Monsenhor Tabosa, mas, se eu tivesse ficado em São Paulo, feito o mestrado lá, como pretendia, eu seria mais um Pinheiro na grande São Paulo.

Depois de Pinheiro, vem o complemento Vasconcelos, mas eu nunca usei esse sobrenome, não foi necessário, a não ser quando cantei o Hino Nacional para receber a carteira de reservista, que me dispensou do serviço militar. Realmente eu não teria aguentado servir ao exército, não combina comigo.

A partir daqui não conta, é o recomeço do homem velho, mas não tenho a longevidade da árvore. Quando recebi o título de Cidadão Pessoaense, falei um monte de coisas e terminei com a assertiva de que, quando alguém me encontrasse na rua, anos e anos depois, diria: lá vai o velho Kubitschek Pinheiro. Está chegando a hora, mas já me chamam de K, somente. “Lá vai o velho K”.

Cinquenta anos numa cidade que tem poucos Pinheiro, acumulando emoções, dores e tristezas e alguns reflexos que me fogem — eu posso até dizer do amor que tive, do que não tive, que não foi imortal jamais, posto que é o chamariz, mas nada é infinito, nem aqui, nem além, sequer o eterno, mas se tiver novidade, me chama, me chama.

Hoje, o Pinheiro que sou se põe a abusar da imaginação, embora eu já tenha vivido mais da metade, se é que a outra metade de mim, enfim, sei lá, sou mil vezes das delicadezas absurdas, que impregnaram minha alma. Ah! Um dia entrevistei o compositor e escritor Paulo César Pinheiro, que não dá entrevista a Seu Ninguém — foi o amigo Dori Caymmi que fez a ponte.

O que importa? Leio versos como se fossem meus para ocupar a boca, o tempo, sem roer as unhas e bem mais, mas na queda dos vazios vários, quando ninguém sabe o que fazer com a ausência da vida. Mas é isso, ser Pinheiro me basta.

Kapetadas

1 – Será que a natureza vai nos fazer voltar ao nomadismo? A ver.

2 – Tem mais brasileiro desaparecido na Europa do que receita de brigadeiro no Instagram. Tá foda.

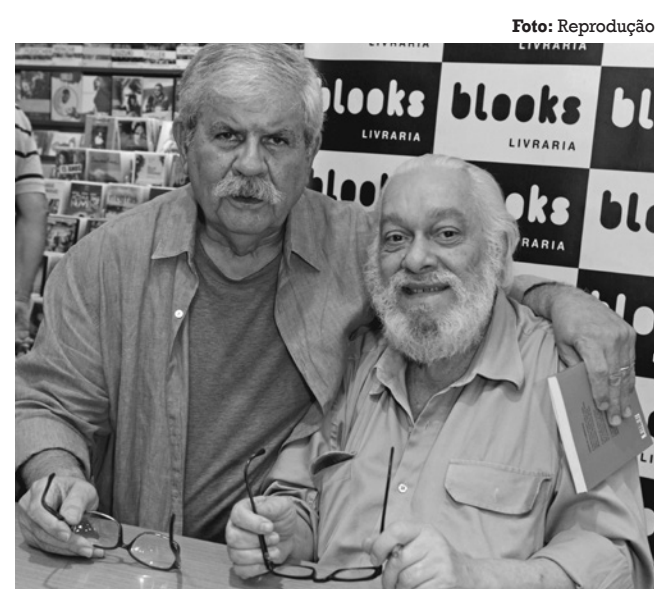


Foto: Reprodução

Dori Caymmi e Paulo César Pinheiro: “O amigo que fez a ponte”

Colunista colaborador

Coisas de Cinema

Alex Santos

Cineasta e professor da UFPB | colaborador

Do folclorismo ao cinema, uma longa trajetória

Olhando bem, sempre encontramos no passado aquela referência viva do que fomos ao que hoje somos, profissional e culturalmente, nos diversos estágios da nossa vida. E para quem sempre militou no plano da cultura, por extensão no cinema, lógicas assim me fazem todo sentido.

Parceiro meu desde os tempos do Nuppo/UFPB, ele na cultura popular, eu em jornalismo e cinema, passei a me encontrar com o professor José Nilton da Silva também em salas de aulas, no Departamento de Comunicação: ele ensinando Educação Artística, eu ministrando aulas de Foto-Cine, depois, Mídias Digitais. Época dos nossos logos papos com o amigo cineasta Linduarte Noronha.

Graduado pela Universidade Federal da Paraíba, no curso Licenciatura em História, professor José Nilton da Silva é, hoje, figura das mais conhecidas no nosso meio cultural, notadamente em cultura popular. Sobre quem, esta semana, o historiador José Octávio de Arruda Melo fez a seguinte afirmação: “Prestei mais atenção à personalidade de José Nilton da Silva, dinâmico cientista social paraibano cuja biografia vem sendo agora trabalhada...”

Na realidade, o nosso Zé Nilton, como é normalmente conhecido, tem uma aproximação também muito forte com o cinema paraibano, através da fotografia. Basta ver o seu currículo, no qual encontramos pontuações mui-



Foto: Arquivo pessoal

José Nilton da Silva, em uma gravação: “Aproximação forte com o cinema paraibano”

to remotas, tais como a que registra sua participação no curta-metragem *Padre Zé Estende a Mão*, de Jurandy Moura (1970), além de outras realizações, sempre como fotógrafo de *still*.

Em parceria comigo, Zé Nilton iniciou, em 1975, no curta-metragem *Vila de Independência*, depois em *O Coqueiro*, filme premiado nacionalmente, em 1977. Na década seguinte, fotografou *Lucena Paradisiaca*, sobre as praias do norte da Paraíba, e, representando o Nuppo, participou ainda dos seguintes documentários sobre cultura popular: *Misticismo – Folguedos e Tradições; Africanos* (da Torre); *Pastoris, Scherasade – Parahyba* e *Procissão Marítima de São Pedro*, entre os anos.

Foi pesquisador e fotógrafo da produção *O Romanço do Dinossau-ro*, gravada no Alto Sertão da Paraíba (1992), com os cineastas Pedro Jorge de Castro (UnB) e Alex Santos (UFPB), filme inscrito no Festival de Cinema das Ilhas Canárias, na Espanha. Fotografou o média-metragem *Antomachi*, de Alex Santos, e codirigiu *A Ninhada*, que lhe rendeu o prêmio de melhor filme de curta-metragem sobre cultura popular do V Festcine Digital do Semiárido. Recentemente, atuou em *Poltrona Rasgada*. Portanto, a trajetória Zé Nilton merece ser sempre lembrada. – Para mais “Coisas de Cinema”, acesse nosso blog: www.alex santos.com.br



APC debate filme *Não Somos Impuros*

A Academia Paraibana de Cinema confirmou presença na exibição e no debate sobre o filme *Não Somos Impuros*, que deve acontecer no final deste mês, nesta capital. O convite foi feito diretamente à APC, sendo aceito pela diretoria da entidade, que cumpre, assim, um dos seus compromissos: o de valorizar o cinema em quaisquer estágios de sua realização.

O evento deverá acontecer na sede da Federação da Agricultura e Pecuária (Faepa), no bairro de Jaguaribe, na Rua Engenheiro Leonardo Arcoverde, nº 320, com direito a *coffee break*.

POLÍTICAS PÚBLICAS

Funesc abre editais para propostas e parcerias

Daniel Abath
abathjornalista@gmail.com

A Fundação Espaço Cultural da Paraíba (Funesc) inicia 2025 lançando uma série de editais, com objetivos de promover a ocupação dos seus espaços expositivos, de incentivar a produção cultural feminina e de fomentar parcerias com municípios paraibanos interessados em receber ações culturais para o ano corrente.

A presidente da Funesc, Bia Cagliani, afirma que esses editais são apenas o começo. “O principal desejo da gente é sempre que mais artistas e fazedores de cultura tenham acesso a esses editais e eles possam participar da programação da Funesc em todo o estado. Uma das nossas principais ações é essa programação diversificada que chega ao artista que, às vezes, nem conhecemos por meio do edital”, ressalta Bia.

Ela atenta ainda para a importância de ler com calma e atenção o edital a fim de evitar desclassificações no ato da submissão de propostas. “Outra parte bem importante são as documentações e em terceiro lugar, mas não menos importante, o cronograma. Muitas vezes o trabalho é massa, mas sem o documento a gente não consegue contratar”, acrescenta.

Abaixo destacamos algumas das principais oportunidades oferecidas pela Fundação.

Ocupação dos espaços expositivos

O edital para ocupação dos espaços expositivos selecionará nove propostas artísticas, distribuídas entre a Galeria Archidy Picado, o Espaço Expositivo Alice Vinagre e o Muro da Filgueiras. As inscrições podem ser realizadas até 14 de fevereiro pelo *site* da Funesc (funesc.pb.gov.br).



Foto: Divulgação/Funesc

A Archidy Picado terá quatro propostas

nesc.pb.gov.br).

Bia explica que esse edital é mais voltado para a fruição e performance, no sentido do artista mostrar o seu trabalho. A Galeria Archidy Picado contemplará até quatro propostas, sendo três destinadas a artistas visuais paraibanos e uma aberta a proponentes de outros estados.

Já o Espaço Alice Vinagre receberá exclusivamente quatro propostas de artistas locais. Para o Muro da Filgueiras, será selecionada uma proposta artística para pintura de mural ou graffiti, podendo ser individual ou coletiva, desde que residente na Paraíba há mais de dois anos.

Conforme o edital, 30% das vagas são reservadas a candidaturas que se autodeclararem pretos, pardos ou afrodescendentes, enquanto 10% destinam-se a povos de etnias indígenas ou ciganas. Metade das oportunidades será voltada para mulheres. Cada projeto selecionado será remunerado com valores que variam entre R\$ 3,5 mil e R\$ 11 mil, dependendo do espaço contemplado.

Mostra Matriz

Em alusão ao Mês das Mulheres, a Funesc abriu inscrições para a Mostra Matriz, que reunirá espetáculos de ar-

tes cênicas e shows musicais protagonizados por mulheres. As interessadas têm até as 17h, do dia 13 de fevereiro, para inscrever propostas.

Serão selecionados quatro shows musicais e seis espetáculos — dois de teatro, dois de dança e dois circenses —, que comporão a programação de eventos realizados em equipamentos culturais administrados pela Funesc, nas cidades de João Pessoa, Campina Grande, Cabedelo e Cajazeiras, entre 14 e 23 de março, todos com entrada gratuita. Cada proposta selecionada será remunerada com R\$ 5 mil.

O edital prioriza participantes residentes nas cidades-polo ou em regiões vizinhas. A Mostra Matriz é realizada em parceria com a Secretaria da Mulher e da Diversidade Humana (SEMDH).

Parcerias culturais com municípios

A Funesc também disponibilizou desde a última segunda-feira (13), formulário de inscrição para municípios paraibanos interessados em receber ações culturais em 2025. O cadastro é voltado para secretarias, diretorias e departamentos municipais de cultura e estará disponível até 31 de janeiro no *site* da fundação (na aba “editais”).

“É a partir deste edital que nós construímos nossas caravanas”, afirma Bia. As parcerias abrangem projetos consolidados como Caravana Interatos, Caravana Literária Agosto das Letras, De Repente na Estrada e De Repente no Espaço. Também estão previstas ações formativas nas áreas de gestão e produção cultural. Cada instituição poderá solicitar até duas atividades, indicando contrapartidas para viabilizar as realizações.

“Nossa ideia é continuar com a capacitação técnica iniciada desde o ano passado, tanto de artistas quanto de quem está no *backstage*, auxiliando sempre nessa profissionalização”, conclui Bia.

Letra Lúdica

Hildeberto Barbosa Filho
hildebertopoesia@gmail.com

Inspiração e labor

Com exceção dos poetas românticos e dos autores ingênuos, nenhum escritor costuma falar de seu trabalho a partir de palavras como inspiração ou outras semelhantes, que possam sugerir algum tipo de procedimento mediúnico na hora da criação. Pelo contrário: a maioria prefere mencionar as dificuldades e o esforço, conscientes de que a boa escrita não cai do céu”.

Leio esse parágrafo no curioso e sugestivo livro de Antônio Fernando Borges, *Não Perca a Prosa – O Pequeno Guia da Grande Arte da Escrita* (Rio de Janeiro: Versal, 2003).

Não tiro suas razões, mas sinto, nas suas palavras, certo tom pejorativo, quando se refere à categoria da “inspiração”, ao mesmo tempo em que tende a exaltar a ideia de que o ato de escrever é escrever bem e “não cai do céu”, é esforço, é trabalho, é labor etc.

Talvez eu seja um desses autores ingênuos ou um romântico tardio, pois, ao falar do meu processo criativo com a palavra, principalmente a palavra que se pretende literária, não tenho o menor pudor em falar de inspiração. Não diria meio mediúnico, sopro divino, possessão ou expressões equivalentes a que tantos aludem na circunstância desse debate.

Admitindo o papel relevante da inspiração, pelo menos nos limites do meu método de criação, não desprezo, no entanto, a função essencial do labor com as palavras, o vigor de certos procedimentos técnicos, a apuração do estilo, o esforço, enfim, para equilibrar aquilo que ele mesmo, Antônio Fernando Borges, chama de “exatidão, verdade e harmonia”, isto é, a convergência de sintaxe, semântica e beleza.

Não sei como ocorre com os outros. Manuel Bandeira, por exemplo, nunca descartou a presença da inspiração na fatura de seus poemas. No delicioso *Itinerário de Pasárgada*, há páginas primorosas sobre a questão, e não me consta que o autor de *Ritmo Dissoluto* possa ser chamado de romântico, pelo menos de romântico em sentido restrito, ou muito menos de ingênuo. Ao contrário, Bandeira foi um grande estudioso e um profundo conhecedor das técnicas do verso, sem negar, porém, a força da inspiração como elemento deflagrador do processo de criação poética.

Mário de Andrade também nunca negou que a inspiração fosse uma componente essencial ao ato criador. Chegou mesmo a elaborar, de maneira lúdica e idiossincrática, uma fórmula teórica, assim definida: lirismo + crítica = a poesia. Entendendo-se, aqui, lirismo como inspiração, e crítica, como o trabalho racional que deve se seguir ao relâmpago emocional do primeiro momento.

João Cabral de Melo Neto, por outro lado, e num extremo das ideias, sempre enfatizou a disciplina, a racionalidade diante dos vocábulos, o trabalho, a transpiração, a construção do poema como uma espécie de engenharia da linguagem. Era o seu percurso, a sua estratégia, enfim, a sua metodologia perante os vocativos da realização estética.

Quero crer que os três têm razão. Cada um, a seu modo, aceitando ou não o impulso da inspiração, conseguiram consolidar uma obra lírica das mais representativas da literatura brasileira. Bandeira e Cabral, mais do que Mário, em que o estudioso parece-me maior que o poeta, podem ser vistos como dois paradigmas emblemáticos da poesia moderna no Brasil, naquilo que ela pode conter de intuição e razão enquanto pólos que se harmonizam na arquitetura do verso.

Enfim, prefiro pensar que ambas as categorias parecem-me indispensáveis. E, em sendo assim, devem existir ou coexistir como fundamentos intrínsecos à frutificação do poema como um corpo inteiro dotado de exatidão, verdade e beleza.

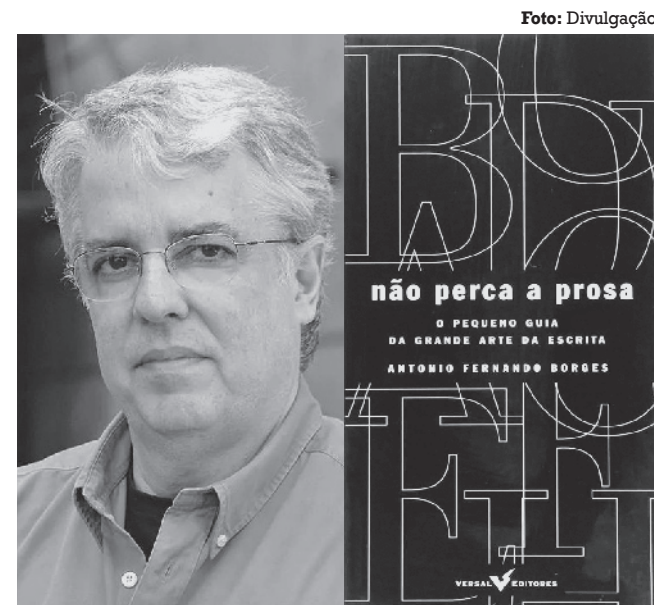


Foto: Divulgação

Antônio Fernando Borges é o autor do livro “Não Perca a Prosa”

TELEVISÃO

“Hermetismos pascoais” na tela

Documentário sobre o instrumentista estreia amanhã à noite, no Canal Curta!, e entra no streaming CurtaOn na terça-feira

Esmejoano Lincol
esmejoanolincol@hotmail.com

Um dos vídeos mais conhecidos e compartilhados do instrumentista alagoano Hermeto Pascoal é um trecho do filme *Sinfonia do Alto Ribeira*, lançado pelo diretor Ricardo Lua, em 1985: nele, o artista exercita sua capacidade de produzir músicas “do nada”, com o material mais abundante na Terra — a água. Essas imagens (rodadas em uma lagoa no Parque do Ribeira, em São Paulo), abrem um outro documentário sobre Hermeto, *O Menino d’Olho d’Água*, dos realizadores Carolina Sá e Lírio Ferreira, que estreia amanhã (20), no Canal Curta!, às 22h30. Na terça-feira (21), o título será adicionado ao catálogo da plataforma de streaming CurtaOn.

Carolina detalha que Lírio e ela começaram a pensar nesse longa-metragem a partir das referências de Hermeto, mas não apenas as musicais. Descobriram, então, que o artista guarda proximidade e carinho por seu lugar de origem — o distrito de Lagoa da

Canoa, na cidade de Arapiraca, sendo essa a sua “raiz”. “Falamos da relação dele com a primeira natureza, o brejo, o sapo, o pássaro, o boi. Você vê que ao longo da obra dele — e são 80 anos tocando —, quase tudo remete a esse começo, essa música que eu chamo de ‘paisagem sonora’”, detalha.

Talvez por isso, justifica a realizadora, o documentário opte por uma montagem sensorial, que explora não apenas as entrevistas com o próprio Hermeto, coletadas em dois encontros com ele, em São Paulo, mas outras imagens, presentes no universo do artista. As filmagens com Hermeto, a propósito, eram uma caixa de surpresas.

“A gente estava com o rebatedor da câmera, para ter mais luz no rosto dele. Ele falou, ‘O que é isso aqui?’. Então pediu uma caneta e, com esses dois objetos, começou a musicar. Acho que tanto os músicos, quanto quem está filmando, sabe que ele pode improvisar, e nisso está a beleza dele também”, afirma.

A cena final do longa conta com a participação do pianista

pernambucano Amaro Freitas, por sugestão de Carolina; de acordo com ela, o trabalho dele no jazz faz parte da “linhagem” iniciada anos antes por Hermeto.

“Ele vive o presente, de uma forma muito inteira e honesta. Eu tinha feito um roteiro para a entrevista, no carro, uma coisa mais biográfica. Mas a conversa foi indo para outro lado. Ele foi falar dos processos, da cabeça dele, da relação dele com Deus, com a fé e com a música”, informa.

Antes de estrear na TV, o filme circulou dentro e fora do Brasil, em mostras como o Festival Internacional de Documentários de Amsterdam (IDFA) e o Festival de Brasília. Mas os diretores estão aguardando que um espectador, em especial, consiga se ver na tela: o próprio Hermeto, que ainda não assistiu o filme.

“O Hermeto veio desse lugar muito pequeno e hoje em dia, aos 88 anos, toca nos maiores festivais de jazz no mundo inteiro, sendo admirado pelo Miles Davis e outros grandes colegas. Isso é muito importante”, conclui.



Cenas de “O Menino d’Olho d’Água”, de Carolina Sá e Lírio Ferreira: experiência sensorial

O MENINO D’OLHO D’ÁGUA

■ Direção:
Carolina Sá e Lírio Ferreira

■ Lançamento
amanhã, 22h30

■ No Canal Curta!



Foto: Divulgação/Canal Curta!

Em Cartaz



Cinema

Programação de 16 a 22 de janeiro, nos cinemas de João Pessoa, Campina Grande, Patos e Guarabira.

* Até o fechamento desta edição, não haviam divulgado suas programações: o Cine RT, em Remígio, e o Cine Vieira, em São Bento.

ESTREIAS

AQUI (Here). EUA, 2024. Dir.: Robert Zemeckis. Elenco: Tom Hanks, Robin Wright, Paul Bettany, Kelly Reilly. Drama. Uma família vive alegrias e dramas através dos anos na sala de sua casa. 1h44. 12 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 4: leg.: 19h30, 21h45. CINÉPOLIS MANAÍRA 11 (VIP): leg.: 14h, 19h15. CINESERCLA TAMBIA 3: dub.: 20h20. **Campina Grande**: CINESERCLA PARTAGE 5: dub.: 20h20.

LOBISOMEM (Wolf Man). EUA, 2025. Dir.: Leigh Whannell. Elenco: Christopher Abbott, Julia Garner, Matilda Firth. Terror. Família é atacada por um animal misterioso e, como resultado, o pai começa a se transformar em um monstro. 1h43. 16 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 2: dub.: 14h30, 19h30; leg.: 17h, 22h20. CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: dub.: 19h, 21h45. CINESERCLA TAMBIA 2: dub.: 18h40, 20h45. **Patos**: CINE GUEDES 2: dub.: 21h15. CINE GUEDES 3: dub.: 19h05. **Guarabira**: CINEMAXXI CIDADE LUZ 1: seg. a qua.: dub.: 21h20.

MMA – MEU MELHOR AMIGO. Brasil, 2025. Dir.: José Alvarenga Jr. Elenco: Marcos Mion, Antônio Fogundes, Guilherme Tavares, Andréia Horta, Vanessa Giacomio, Lúcio Mauro Filho, Augusto Madeira. Drama/comédia. Campeão de MMA em recuperação de uma contusão séria descobre que tem um filho de 8 anos autista. 2h. 12 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 1: qui. a dom.: 14h15, 16h30, 19h, 21h20; seg. a qua.: 14h15, 19h, 21h20. CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: 16h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 3: 21h. CINESERCLA TAMBIA 3: 18h10. **Campina Grande**: CINESERCLA PARTAGE 5: 18h10. **Patos**: CINE GUEDES 1: 19h. CINE GUEDES 3: 15h. **Guarabira**: CINEMAXXI CIDADE LUZ 2: dom.: 18h55.

MARIA CALLAS (Maria). Itália/Alemanha/Chile/EUA, 2024. Dir.: Pablo Larraín. Elenco: Angelina Jolie, Pierfrancesco Favino, Haluk Bilginer, Valeria Golino. Drama. Em 1970, a veterana Maria Callas, maior cantora de ópera do mundo, confronta sua história. 2h04. 14 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: leg.: 16h20, 21h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 11 (VIP): leg.: 16h30, 22h.

REDEÇÃO (Maixabel). Espanha, 2021. Dir.: Iciar Bollain. Elenco: Blanca Portillo, Luis Tosar. Aventura/animação/infantil. Onze anos após ter o marido morto pelo grupo terrorista ETA, mulher aceita encontrar um dos assassinos na prisão. 1h55. 12 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: leg.: 19h.

CONTINUAÇÃO

AINDA ESTOU AQUI. Brasil/França, 2024. Dir.: Walter Salles. Elenco: Fernanda Torres, Seltón Mello, Valentina Herzage, Fernanda Montenegro, Humberto Carrão, Dan Stulbach, Daniel Dantas, Marjorie Estiano, Camila Márdila, Maeve Jinkings. Drama. Família precisa lidar com o desaparecimento do marido, vítima da ditadura. Vencedor do Globo de Ouro de melhor atriz/drama (Fernanda Torres). 2h16. 14 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1: 15h, 20h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 7: 21h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 10 (VIP): 21h.

O AUTO DA COMPADECIDA 2. Brasil, 2024. Dir.: Guel Arraes e Flávia Lacerda. Elenco: Matheus Nachtergaele, Seltón Mello, Virginia Cavendish, Fabiula Nascimento, Humberto Martins, Luis Miranda, Enrique Diaz, Tais Araújo, Eduardo Sterblitch, Luisa Arraes, Juliano Cazarré. Comédia. Após 20 anos, João Grilo retorna a Tapeorá e reencontra Chico para viverem novas aventuras durante uma campanha eleitoral. 1h44. 12 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 3 (atmos): 13h30, 16h, 18h30, 21h. CINÉPOLIS MANAÍRA 5: 14h, 16h45, 19h15, 22h. CINÉPOLIS MANAÍRA 9 (macro-xe): 13h30, 16h, 18h45, 21h15. CINÉPOLIS MANAÍRA 10 (VIP): 13h, 15h45, 18h15. CINÉPOLIS MANGABEIRA 1: 13h15, 16h, 18h45, 21h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 5: 19h30, 22h. CINESERCLA TAMBIA 1: 16h10, 18h20, 20h40. CINESERCLA TAMBIA 4: 14h, 18h30. CINESERCLA TAMBIA 5: 16h30, 21h. **Campina Grande**: CINESERCLA PARTAGE 1: 16h30, 21h. CINESERCLA PARTAGE 3: 14h, 18h30. **Patos**: CINE GUEDES 1: 21h15. CINE GUEDES 2: 14h40, 16h50, 19h. MULTICINE PATOS 1: 15h45, 19h, 21h20. **Guarabira**: CINEMAXXI CIDADE LUZ 3: 14h10, 16h30, 18h50, 21h10.

BABYGIRL (Babygirl). Holanda/EUA, 2024. Dir.: Halina Reijn. Elenco: Nicole Kidman, Harris Dickinson, Antonio Banderas. Drama/erótico. CEO poderosa arrisca família e carreira por um tórrido caso com jovem estagiário. 1h54. 18 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 8: leg.: 20h.

CHICO BENTO E A GOIABEIRA MARIÓSA. Brasil, 2025. Dir.: Fernando Fraiha. Elenco: Isaac Amendoim, Anna Ju-

lia Dias, Luís Lobianco, Débora Falabella, Tais Araújo, Augusto Madeira. Comédia/infantil. Chico Bento precisa enfrentar os interesses comerciais que querem derrubar sua querida goiabeira. 1h30. Livre.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: 14h. CINÉPOLIS MANAÍRA 8: 12h30, 15h, 17h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: 14h. CINESERCLA TAMBIA 2: 14h45, 16h40. **Campina Grande**: CINESERCLA PARTAGE 4: 14h45, 16h40. **Patos**: CINE GUEDES 1: 15h. MULTICINE PATOS 4: 17h15. **Guarabira**: CINEMAXXI CIDADE LUZ 1: seg. a qua.: 14h20.

MOANA 2 (Moana 2). EUA/Canadá, 2024. Dir.: David G. Derrick Jr., Jason Hand e Dana Ledoux Miller. Vozes na dublagem brasileira: Any Gabrielly, Saulo Vasconcelos. Infantil/musical/animação. Jovem navegadora enfrenta mares desconhecidos para livrar uma das ilhas de seu povo de uma maldição. 1h40. Livre.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 3: dub.: 13h15, 15h45. CINESERCLA TAMBIA 3: dub.: 14h10, 16h10. **Campina Grande**: CINESERCLA PARTAGE 5: dub.: 14h10, 16h10.

MUFASA, O REI LEÃO (Mufasa, the Lion King). EUA, 2024. Dir.: Barry Jenkins. Aventura/animação/infantil. Filhote de leão órfão é acolhido por semelhante de linhagem real. Prelúdio de *O Rei Leão* (2019). 2h. Livre.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1: dub.: 18h. CINÉPOLIS MANAÍRA 4: dub.: 12h45, 15h30, 18h, 20h45. CINÉPOLIS MANGABEIRA 3: dub.: 13h, 15h45. CINESERCLA TAMBIA 4: dub.: 16h10, 20h40. CINESERCLA TAMBIA 5: dub.: 14h10, 18h40. **Campina Grande**: CINESERCLA PARTAGE 1: dub.: 14h10, 18h40. CINESERCLA PARTAGE 3: dub.: 16h10, 20h40. **Patos**: CINE GUEDES 1: dub.: 16h50. MULTICINE PATOS 4: dub.: 3D: 14h30, 19h35. **Guarabira**: CINEMAXXI CIDADE LUZ 1: dom.: dub.: 16h50.

NOSFERATU (Nosferatu). EUA/Reino Unido/Hungria, 2024. Dir.: Robert Eggers. Elenco: Bill Skarsgård, Lily-Rose Depp, Nicholas Hoult, Willem Dafoe, Aaron-Taylor Johnson, Emma Corrin. Terror. Vampiro viaja ao encontro de sua amada reencomendada, causando horror a uma cidade. 2h12. 16 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 3: leg.: 18h15, 21h. **Patos**: CINE GUEDES 3: dub.: 21h05. MULTICINE PATOS 3: dub.: 20h35. **Guarabira**: CINEMAXXI CIDADE LUZ 2: dub.: dom.: 21h; seg. a qua.: 16h10.

RM RIGHT PEOPLE – WRONG PLACE (RM Right People – Wrong Place). Coreia do Sul, 2024. Dir.: Lee Seokjun. Documentário/show. Registro da turnê do segundo álbum solo de RM, líder do BTS. 1h20. 10 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 1:

qua.: leg.: 16h50.

SONIC 3 – O FILME (Sonic the Hedgehog 3). EUA/Japão, 2024. Dir.: Jeff Fowler. Elenco: Manolo Rey (voz na dublagem brasileira), Jim Carrey, James Marsden. Aventura/animação/infantil. O ouriço veloz e seus amigos precisam enfrentar um poderoso novo adversário. 1h50. Livre.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 4: dub.: 14h30, 17h. CINÉPOLIS MANAÍRA 6: dub.: 12h15, 14h45, 17h15, 19h45, 22h10. CINÉPOLIS MANAÍRA 7: dub.: 13h45, 16h15, 18h50. CINÉPOLIS MANGABEIRA 3: dub.: 18h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 5: dub.: 14h30, 17h. CINESERCLA TAMBIA 6: dub.: 14h10, 16h20, 18h30, 20h40. **Campina Grande**: CINESERCLA PARTAGE 2: dub.: 14h10, 16h20, 18h30, 20h40. **Patos**: CINE GUEDES 3: dub.: 17h. MULTICINE PATOS 3: dub.: 15h10, 18h10. **Guarabira**: CINEMAXXI CIDADE LUZ 1: seg. a qua.: dub.: 19h10.

Teatro

HOJE

A BUTIJA DO PASTORIL PROFANO. Da Trupe de Comédia da Paraíba. Duração: 1h30. 12 anos.

João Pessoa: TEATRO PAULO PONTES (Espaço Cultural, R. Abdias Gomes de Almeida, nº800, Tambauzinho). Sexta a domingo, até 25/1, 20h. Ingressos: R\$ 50 (inteira), R\$ 40 + 1 kg de alimento não perecível (solidário) e R\$ 25 (meia), antecipado na plataforma Outgo.

AS MALDIVAS – ESSAS GÊMEAS NÃO SÃO FLOR QUE SE CHEIRE. Da Cara Dupla Cia. de Teatro. Texto: Saulo Queiroz. Direção: Leticia Rodrigues.

João Pessoa: TEATRO EDNALDO DO EGYPITO (Av. Maria Rosa, nº 284, Manaíra). Domingo, 20h. Ingressos: R\$ 77 (balcão/meia) a R\$ 286 (VIP central/inteira), antecipado na plataforma Ingresso Nacional.

ZÉ LEZIN E TIRULLIPA. Humoristas apresentando o show *Dose Dupla de Humor*. 14 anos.

João Pessoa: TEATRO PEDRA DO REINO (Centro de Convenções, PB-008, km 5, s/n, Polo Turístico Cabo Branco). Domingo, 19/1, 20h. Ingressos: de R\$ 77 (balcão/meia) a R\$ 286 (VIP central/inteira), antecipado na plataforma Ingresso Nacional.

Música

HOJE

DUO SERTÃO. Show da dupla formada por Léo Meira e Xisto Medeiros.

João Pessoa: VILA DO PORTO (Praça São Frei Pedro Gonçalves, nº 8, Varadouro). Domingo, 18h. Ingressos: R\$ 30 (inteira), R\$ 20 + 1 kg de alimento (social) e R\$ 15 (meia), antecipado na plataforma Shotgun.

HENRY FREITAS + MATUÊ + NUZIO MEDEIROS. Shows de atrações populares.

Cabedelo: LOVINA BEACH CLUB (Via Litorânea, Ponta de Campina). Domingo. Ingressos: R\$ 320 (inteira), R\$ 170 + 1 kg de alimento (social) e R\$ 160 (meia), antecipado na plataforma Ingresso Nacional.

AMANHÃ

SANHAUÁ SAMBA CLUBE. Show com sambistas paraibanos.

João Pessoa: VILA DO PORTO (Praça São Frei Pedro Gonçalves, nº 8, Varadouro). Segunda, 20h. Ingressos: R\$ 30 (inteira), R\$ 20 + 1 kg de alimento (social) e R\$ 15 (meia), antecipado na plataforma Shotgun.

Exposições

CONTINUAÇÃO

CADA CABEÇA, UM MUNDO. Coletiva com João Neto, Daniel da Hora, Odegine Graça e João Peregrino.

João Pessoa: ESTAÇÃO CABO BRANCO (Avenida João Cirillo da Silva, Altiplano Cabo Branco). Visitação até março de 2025. Entrada franca.

LUP DANTAS. Artista mostra quadros na exposição *Olhar em Cores*.

João Pessoa: ESPAÇO ARTE BRASIL (Liv Mall, Av. Gov. Flávio Ribeiro Coutinho, nº 500, Jardim Oceania). Entrada franca.

QUINO, MAFALDA E O MEIO MABIEN-TE. Dezesseis banners com obras do cartunista Quino enfocando a questão ambiental.

João Pessoa: ESPAÇO CULTURAL ((Avenida João Cirillo da Silva, Altiplano Cabo Branco). Visitação até 10 de fevereiro. Entrada franca.

SALÃO MUNICIPAL DE ARTES PLÁSTICAS (SAMAP). 18ª edição do evento, com obras de 15 artistas.

João Pessoa: CASARÃO 34 (Praça Dom Adauto, nº 34, Centro). Visitação de segunda a sexta, das 9h às 17h, até 31 de janeiro. Entrada franca.

DEPOIS DA POSSE

Novos prefeitos conhecem problemas

Em menos de um mês de trabalho, planejamento e montagem de equipes são os primeiros desafios para os gestores

Filipe Cabral
filipemscabral@gmail.com

Prestes a completar vinte dias de gestão, os prefeitos e prefeitas da Paraíba têm aproveitado o mês de janeiro para definir as equipes de governo e planejar as ações para enfrentar os problemas e atender às demandas da população nos 223 municípios do estado. Mais do que “arrumar a casa”, é neste período que os Executivos municipais começam a identificar os desafios para os próximos anos e a estabelecer as diretrizes e objetivos estratégicos que nortearão, por exemplo, a elaboração dos respectivos Planos Plurianuais (PPAs) — instrumento orçamentário apresentado a cada quatro anos, no primeiro ano de cada mandato, com as metas a serem alcançadas pela administração.

Fundamental a qualquer exercício de gestão, o processo de planejamento adquire ainda mais importância em cenários de intensas mudanças como o experimentado pela Paraíba. De acordo com informações do Censo Demográfico de 2022, divulgadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o estado apresentou o segundo maior crescimento populacional entre os estados do Nordeste nos últimos anos, saltando de 3.766.528 habitantes, em 2010, para 3.974.495, em 2022, o que significa um acréscimo de 207.967 pessoas e uma alta de 5,5%.

Ainda segundo os dados do Censo, as 10 maiores cidades da Paraíba em termos de população são: João Pessoa (833.932 habitantes), Campina Grande (419.379), Santa Rita (159.121), Patos (103.165), Bayeux (97.519), Sousa (67.259), Cabedelo (66.519), Cajazeiras (63.239), Guarabira (57.484) e Sapé (51.306). Juntos, os municípios correspondem a quase metade (48%) da população total do estado. Para compreender os desafios a serem enfrentados pelas Prefeituras nessas cidades, *A União* conversou com especialistas em políticas públicas, que comentaram sobre questões imprescindíveis ao desenvolvimento sustentável dos municípios, como políticas de distribuição de renda, desenvolvimento tecnológico, diversificação econômica e qualificação profissional.

João Pessoa

Em João Pessoa, por



Em todas as cidades do estado, os desafios se parecem e exigem ações nas áreas de Saúde, Educação e mobilidade urbana

exemplo, cujo Produto Interno Bruto (PIB) ultrapassa a marca dos R\$ 22,2 bilhões — o maior do estado —, a desigualdade social é um dos principais problemas a serem encarados pela gestão municipal. Segundo o IBGE, a capital paraibana lidera o *ranking* de concentração de renda na comparação com as demais capitais do país.

De acordo com o economista e professor do Programa de Pós-graduação em Políticas Públicas, Avaliação e Gestão da Educação Superior da Universidade Federal da Paraíba (PPGAES/UFPB), Paulo Cavalcanti, a questão da desigualdade é histórica e sua superação passa pela ampliação dos chamados “mecanismos de equidade” que permitam aos grupos de baixa renda acessar empregos com remunerações mais altas.

“Para reverter a desigualdade de renda, precisamos: ampliar o acesso da população aos níveis mais elevados de educação formal, especialmente o superior; dar amplo acesso à moradia (resolvendo o problema de habitação) e à saúde pública; e diversificar a atividade econômica, produzindo uma maior variedade de produtos e introduzindo atividades de maior conteúdo tecnológico e maior valor adicionado, permitindo a criação de mais e melhores empregos”, enumerou.

Em paralelo às políticas de distribuição de renda, o

economista e professor do Programa de Pós-graduação em Ciência Política e Relações Internacionais (PPGCPR) da UFPB, Ítalo Fittipaldi, observa que o crescimento populacional da cidade — que recebeu mais de 110 mil novos moradores na última década — tem imposto “uma pressão muito forte sobre políticas públicas, como as de acessibilidade, mobilidade urbana, segurança, além dos serviços de qualidade em educação e saúde”.

“João Pessoa, hoje, é uma cidade que precisa de equipamentos públicos de maior qualidade, melhor distribuídos pelos bairros, com um planejamento urbano sério. Isso é o que vai garantir um crescimento com qualidade de vida. O desafio, portanto, não é apenas gerar essas políticas propriamente ditas, porque elas já existem, já estão na praça. O desafio é fazer com que elas cheguem a mais pessoas e que cheguem com qualidade”, pontuou.

Campina Grande

No caso de Campina Grande, ambos os pesquisadores concordam que os gestores da Rainha da Borborema deveriam investir “mais e melhor” no desenvolvimento tecnológico como vetor de avanço econômico e social.

Segundo Paulo Cavalcanti, embora conte com uma série de serviços tecnológicos em Pesquisa e Desenvolvimento (P&D) — particu-

larmente em Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC)—e possua um grande número de patentes depositadas no Instituto Nacional da Propriedade Industrial (INPI), o município ainda enfrenta limitações para aproveitar esse potencial: “Grande parte desses serviços e patentes são criados pelos professores universitários das federais (UFPB e UFCG), da estadual (UEPB) e do IFPB e, quando são transformados em inovações, são as empresas de fora do estado (e até de fora do país) que mais se beneficiam (não gerando bons empregos e salários no estado). E, quando não viram uma inovação, permanecem apenas como patentes citadas no currículo dos professores”, analisou.

Para Ítalo Fittipaldi, Campina Grande dispõe de uma série de condições para se desenvolver como “cidade inteligente”, mas ainda esbarra na “falta de visão” das elites locais para “a nova vocação” do município.

“Vocação para comemorar São João não promove desenvolvimento sustentável. Não dá para você desenvolver uma cidade simplesmente investindo em uma festa que ocorre uma vez por ano. Isso é para cidades minúsculas. Campina é uma cidade de porte médio do interior do Nordeste com duas universidades públicas — uma federal e uma estadual. Isso não é pouca coisa. Mas é preciso

articulação, é preciso coordenação política. Desenvolvimento não é um fenômeno natural. É um fenômeno criado pelos atores sociais, e isso está faltando a Campina Grande”, criticou.

Sertão

Sobre os grandes municípios do Sertão paraibano, os especialistas destacam a importância de um planejamento que aponte estratégias de diversificação econômica na região que, até hoje, tem a produção agropecuária como um de seus principais expoentes. Neste sentido, Fittipaldi atenta para a chegada das indústrias de energia — eólica e solar — como oportunidade a ser aproveitada pelos municípios.

“Existe uma grande chance de desenvolver toda a região com base nesse tipo de indústria, mas isso precisa ser acompanhado de políticas públicas, em especial de capacitação e formação técnica. No momento em que essas indústrias gerarem demanda de emprego, ela vai mudar a massa salarial da cidade, o que é um elemento positivo, porque atrai outros tipos de investimentos que, por sua vez, devem gerar outros tipos de geração de emprego em uma espécie de efeito multiplicador”, explicou.

O “efeito multiplicador” do investimento no setor industrial também foi reforçado pelo professor Paulo Cavalcanti como parte do



Foto: Arquivo Pessoal

João Pessoa, hoje, é uma cidade que precisa de equipamentos públicos de maior qualidade, melhor distribuídos pelos bairros, com um planejamento urbano sério

Ítalo Fittipaldi

processo de diversificação econômica. Segundo ele: “é fundamental que a economia paraibana seja capaz de incorporar algumas atividades produtivas industriais e de serviços oferecidos à indústria nos setores de máquinas e equipamentos. São esses os setores econômicos com capacidade para gerar ampliação da renda e do emprego que possui efeitos multiplicadores nas demais atividades econômicas (bens e serviços de consumo)”.

Consórcios municipais são estratégia para o desenvolvimento

Ao analisar as perspectivas de Sapé, Bayeux, Santa Rita e Cabedelo, os especialistas observam que, devido à proximidade com a capital, tais cidades acabam assumindo um perfil de “cidade-dormitório” — com boa parte da população trabalhando fora do município —por não

■ A capacitação técnica da administração é importante para poder pensar a cidade

terem a capacidade de, sozinhas, gerarem emprego na quantidade e qualidade desejadas pelos cidadãos. Em casos assim, os pesquisadores apontam para a importância da formação de consórcios municipais como estratégia de fortalecimento político e desenvolvimento econômico

regional para que garantam um mínimo de autonomia em relação à capital.

Segundo Ítalo Fittipaldi, a solução pode ser válida também para Guarabira e os municípios em seu entorno. Contudo, o economista acrescenta a necessidade de qualificação dos próprios gestores

para administrar a relação entre as Prefeituras.

“A capacitação técnica da administração pública, às vezes, é esquecida, mas é muito importante para poder pensar a cidade, atender às demandas de empresários, gerar emprego e preparar uma mão de obra qualificada para

a oferta de produtos e serviços. No caso de Guarabira, por exemplo, a qualificação pode ajudar, por exemplo, a organizar e evitar (ou pelo menos aliviar) a sobrecarga sobre serviços que as cidades vizinhas não dispõem, como serviços de saúde ou até de educação”, sublinhou.

Memórias

A União

Fernando Moura

Uma história que começou afetiva e acabou nos caminhos da Redação

Jornalista que se apaixonou pel' A União ainda criança, ao conhecer o jornal na biblioteca de um tio, juntamente com exemplares das revistas O Cruzeiro e Manchete, chegou à presidência da empresa no ano do centenário

Luiz Carlos Sousa
lnhujp@gmail.com

O jornalista Fernando Moura tem uma relação com **A União** que não termina. Foi repórter, colunista, editor-geral e presidente da empresa, no ano em que o jornal completou 100 anos. Nesta conversa com o Memórias A União, ele conta sobre como descobriu o jornal, sua relação com a Redação, sobre os amigos que fez e revela detalhes sobre como foi a escolha da manchete para noticiar o atentado do então governador Ronaldo Cunha Lima contra o ex-governador Tarcísio Burity. Fernando diz que é dever de todos preservar **A União**, como fonte de história, protagonista e promotora da própria história ao fazer jornalismo, “antes que algum aventureiro lance mão”. E acrescenta: “Falar sobre **A União** é mais do que trabalho, é uma obrigação, um prazer. A gente vibra. Chega a contaminar o ambiente, as pessoas”.

Entrevista

Quando você chegou em A União?

Esse ano eu estou completando 45 anos de profissão. Entrei, exatamente, em outubro de 79 no jornal O Norte, quando entrei no jornalismo. Eu nem fazia Comunicação ainda, fazia Economia. Fiz mais uns dois ou três semestres e decidi migrar para Comunicação, que era a minha vocação natural, porque a minha relação com o jornalismo e com **A União** começou antes da minha fase profissional, ainda na infância.

Você é paraibano?

Sou de São Paulo. Nasci por um acaso em São Paulo. Meus pais são daqui, do Brejo, e, no retorno de São Paulo para cá, eu tinha oito, nove anos de idade, a nossa primeira passagem foi em Campina Grande, na casa de um tio e de uma tia-avó que era casada com um juiz.

Além de uma memória profissional, há a afetiva nessa história?

Muito. Minha relação com Campina é muito grande. Eu devo muito a Campina na minha trajetória. Então o juiz Manoel Casado de Oliveira — notório na época dele — tinha uma biblioteca maior do que a de **A União**. Me deparei com periódicos de uma forma geral, **A União** entre tantos, mas principalmente com O Cruzeiro e Manchete.

Eram as grandes revistas nacionais da época...

A Veja tinha começado em 1968. Enfim, aquelas pilhas imensas... Aquilo para mim foi um universo impactante, lúdico até. O que é isso aqui?

Por onde eu começo...?

O impacto foi mais estético, mais visual, claro. Depois, quando a gente vem para João Pessoa, eu passo a frequentar a casa de um outro tio, chamado Ivan Apremont.

Quando eu comecei em A União, em 1980, ele era o gerente administrativo. Providenciava o papel para as máquinas, as fitas...

Só que ele tinha uma missão, que era escrever a coluna “A União há 50 anos”, herdeiro que foi de Walfredo Rodriguez, que iniciou

sas do ambiente de Carlos Aranha, ficava lá esperando, e a gente conversava muito e trocava muitas ideias. Foi nesse período que surgiu a candidatura de Aranha à Associação Paraibana de Imprensa (API), com o lema “A ideia é outra”. Ficamos muito amigos, apesar de uma pequena diferença de idade, e, quando ele assumiu a editoria de **A União**, em 86, Aranha me convidou para ser editor de Cultura, substituindo ele, que, até então, era o editor do segundo caderno. Depois, em outras ocasiões, eu retornei em outras funções.

Como você encarou aquela história de ir para A União, que é um desafio, por trabalhar no governo, mas no órgão que é um patrimônio, com uma história impressionante, escola do jornalismo?

A União sempre foi desafiadora e paradoxal em algumas circunstâncias. Perceba o seguinte: se você, por pudor, seja lá por que for, não quisesse entrar em **A União** e passasse a vida inteira sem ter estado n'A **União**, sentiria falta de algo na sua vida profissional, sem a menor sombra de dúvidas. O fato de ter passado, mesmo em circunstâncias as mais adversas, mesmo com desconfortos eventuais, mas a pulsão de **A União**, a energia que ela emanava e que emana até hoje... É o único jornal impresso, gente, pelo amor de Deus. Quer dizer, é uma referência permanente. Então você compensava qualquer dissabor ao participar das redações, das discussões etc. Eu tive um episódio, por exemplo, aqui que, se fosse em outro jornal, talvez mancharia nossa vida profissional.

Qual foi esse episódio?

Foi no episódio de Ronaldo Cunha Lima, quando ele atirou em Tarcísio Burity. Eu era o editor e Nonato Guedes, o superintendente. Passamos a noite em claro aqui para decidir qual seria a manchete do jornal. Porque, mesmo sendo um jornal do governo, teria que dar



“Minha família é de jornalistas. Fui gazeteiro com 11 anos. Meu pai foi tesoureiro dos Associados”

essa coluna na década de 50, se eu não me engano.

Com o acesso a Ivan, ficou mais fácil?

Como eu frequentava muito a casa dele, de vez em quando, eu me deparava com as coleções de **A União** que ele levava para casa, para pesquisar, fazer anotações, e eu via aquele universo muito estranho para mim até então: o acesso ao jornal **A União**, aos jornais antigos. Minha família é de jornalistas, trabalhei como gazeteiro com 11 anos de idade. Meu pai foi tesoureiro dos Associados, meu avô trabalhou em O Norte, e Ivan Apremont aqui.

E o contato real com A União, como profissional?

Então, essa coisa de **A União**, o contato direto, a familiaridade, foi a partir de Ivan. Alguns anos depois, o fato de eu ter ingressado no Jornalismo... **A União** foi o caminho natural, a partir dos anos 1980. E, a partir de 1982, eu entrei e saí de **A União** várias vezes.

Interessante que, apesar de ter começado em outro jornal, acabou em A União, na velha escola?

Principalmente no período em que nós iniciamos. Foi um período de muita efervescência em **A União**, sob o comando de Agnaldo Almeida. Diferentemente dos outros jornais, **A União** deu uma oxigenada do ponto de vista jornalístico e técnico que atraiu a atenção da meninada, que saía do curso de Comunicação Social, e dos veteranos, que gravitavam por aqui.

Quais os cargos e as funções que você desempenhou em A União?

Eu fui tudo: repórter, redator, editorialista, editor e gestor. **A União** nunca sai da gente, né? Quando você me formulou o convite, eu disse: “Que maravilha”. Mas depois fiquei preocupado: tanta coisa que você tem em relação ao tempo, todo mundo...

Você começou como repórter. Como foi sua primeira experiência?

Eu acompanhava muito Silvana, que chegou n'A **União** primeiro. Então frequentava muitas coi-



Fernando diz que é dever de todos defender o projeto de A União para que ele permaneça prestando serviços à sociedade

um fato daquela relevância, daquela magnitude, e aí chegamos à conclusão que, para a história, não foi o atentado, foi o incidente do Gulliver. Eu até fico um pouco acanhado em situações de exposição para estudantes de Comunicação, para colegas, quando eu me refiro a isso, mas, ao mesmo tempo, não, porque você tinha que tomar uma decisão, e uma decisão que fosse não favorável a “A” ou a “B”, mas confortável para um veículo do Governo do Estado, cujo chefe de Estado tinha se envolvido numa situação daquelas.

E tinha aquela história: Ronaldo era um poeta; Burity, um intelectual, professor da universidade...

Um drama humano, mas do que político.

Foi uma grande repercussão e um grande fato histórico... mas vocês pensaram, procuraram uma alternativa, o que realmente deve ter sido muito difícil naquela situação.

Não foi uma, não foram duas, nem três, nem quatro, nem 10 pessoas que chegaram a nos sugerir que não se desse mais nada, gente com influência do governo e fora dele. “Vocês não se metam nisso. Isso é coisa grande. Deixa para os outros jornais. Vamos já dar a defesa de Ronaldo”, diziam, e nós percebemos que não era essa a nossa escola, que efetivamente era o jornalismo.

Nosso acadêmico?

Nosso acadêmico, angustiado também. Nós todos os angustiados. Optamos por título e permanecemos com ele e amanhecemos o dia para ver como é que os jornais tinham dado. O conteúdo não foi muito diferente, mas atuamos como jornalistas, como um jornal deveria fazer, mas, na manchete do jornal, realmente, deslizamos, mas, ao mesmo tempo, nós realizamos aquilo que **A União** poderia fazer.

Por exemplo...

Por exemplo, no centenário de **A União**. Itamar Cândido era superintendente e convidou Marcos Tavares Jacinto Barbosa, Carlos César, eu e Juca Pontes para trabalharmos o tema.

Que time!

Imagina essa turma se encontrando todo dia...

Só o bom humor de Jacinto e a ironia de Marcos Tavares...

...

que restaurante e atirou. Foi um terremoto. Foi um terremoto nacional, até internacional, porque se falou de República de Bananas, embora, recentemente, deram um tiro Trump.

Que outras iniciativas marcaram o centenário?

Eu tive a iniciativa, a criatividade, de fazer uma entrevista com a própria **A União**, com a velhinha. Então uma das matérias que desenvolvi, um dos textos, foi exatamente fazendo uma entrevista, fictícia obviamente, mas ela se colocando nessa coisa do próprio paradoxo de **A União**, dessa coisa de você ser jovem e ser tradicional ao mesmo tempo. E você defender o governo e, ao mesmo tempo, ter que fazer jornalismo e história. Então essas discussões meio intestinas, eu trouxe nessa entrevista. E, nos 120 anos, eu estava como superintendente e tive a oportunidade de colocar no livro, que é esse livro aqui de **A União**, de 120 anos, no qual trouxemos até a primeira edição.

E a própria história de A União.

Não permitiria isso, mas foi um dos poucos episódios que me deixou desconfortável na imprensa. Na grande maioria das vezes, foi uma relação muito prazerosa.

Grandes histórias de Jacinto com A União e com todos nós...

Tive a ideia de criar uma coluna dominical e propus a Jacinto: “Olha, uma coluna assim, eu vou lá na própria coleção de **A União**, pesquise um assunto, atualize, refaça, dou uma guaribada, ou coloco umas notinha”. Fiz um exemplo, imprimi, coloquei num envelope e vim aqui n'A **União** conversar com ele. Chegando aqui, ele não estava.

Foi maravilhoso, relação maravilhosa, e fizemos uma edição memorável até hoje: uma edição com 100 páginas. O número 100, no centésimo ano, mas elaborando uma edição especial.

Como é que você faz a leitura do salto tecnológico da máquina de datilografia para o computador em A União?

No caso de **A União**, foi um pouco menos complexo e menos complicado do que as outras empresas de comunicação, por uma razão muito simples: **A União** tem um parque industrial próprio, ela tinha o domínio do parque e tinha que ficar atualizando esse processo.

Para não ser engolida pelas outras?

Então, o impacto foi menor. Claro, o início foi meio atabalhoado, porque ninguém tinha experiência no setor. Todo mundo já tinha tido que se familiarizar, se integrar, porque ou fazia isso ou estava fora do mercado. Foi muito rápido. O processo entre o chumbo e o offset, essa passagem foi mais demorada, foi uma coisa mais planejada, menos traumática. Para o digital, foi impactante: você num dia tinha máquina de escrever e no outro era museu.

O que me chama atenção, Fernando, é que a tecnologia não trouxe apenas uma, digamos assim, velocidade maior à logística, à produção, mas também trouxe uma revolução quase que de linguagem. A única coisa que ficou é que continua tendo lado, continua tendo uma forma de contar histórias que você se expressa e faz referência, mas, por exemplo, a apuração... A gente sai a pé em busca das fontes, da notícia; depois do advento da tecnologia, até o telefone ficou obsoleto.

Agora trouxe também a nova faceta do jornalismo contemporâneo no aspecto da participação na Redação. Você foi eliminando uma série de funções dentro da própria Redação. A revisão desapareceu.

Embora, em A União, a revisão foi preservada.

A União é escola.

Tem uma equipe de revisão de primeira linha. Você pode ver como o jornal é limpo.

Mas aí você vê a iniciativa privada, que teve que economizar, enfim, revisão, paginação, emenda, fotolito. Até o diagramador foi desaparecendo.

Hoje é designer gráfico.

Faz a editoração eletrônica. Quando chegaram esses programas de editoração eletrônica, quem era diagramador e se adaptou conseguiu sobreviver na profissão.

Deixei anotado no envelope, com a boneca da coluna em cima, “para Jacinto Barbosa, ‘Jornal de Hontem’, com ‘H’, e o pedido para ele me ligar quando se deparasse com o material. Passou um tempo e ele não ligava. O que houve?”

E Jacinto, com aquela ansiedade dele, não gostou?

Não é possível. Meu amigo Jacinto poderia pelo menos ter me ligado para dizer que não era isso. Resolvi ligar: “Jacinto, o que houve? Deixei um material para você olhar, passou uma semana e você não diz nem um ‘não?’”. “Não vi nada disso, não, amigo”, ele respondeu. “O ‘Jornal de Hontem’. Eu deixei um envelope”, eu disse. “Ah, eu não te conto, cara, o que aconteceu”, acrescentou. Quando ele chegou, viu o envelope em cima e o Jornal de Hontem. “Quem foi o analfabeto que deixou isso aqui? ‘Ontem’ com ‘H’...”. Aí botou direto na cesta do lixo e deixou de lado. Ele faleceu pouco tempo depois e não deu para concretizar. Com Ramalho Leite aqui, em 2011, foi que eu consegui implantar a ideia, que resultou em um livro também chamado “Jornal de Hontem”, que tem aí a coleção. E aí, assim, a minha familiaridade, o meu entrosamento e intimidade com **A União** é operacional, jornalística e é também histórica. Porque eu tive uma oportunidade de integrar determinados projetos, que contam essa história, que é maravilhosa e que precisa ser contada e recontada, porque **A União**, com o tempo, tem uma quantidade de história que é inesgotável. É uma fonte de pesquisa.

Só o Arquivo, a quantidade de gente que vem aqui fazer pesquisa...

O que você quer saber está lá, todo o repertório, o que você gosta, o que você não gosta, concorda ou não concorda, mas está lá a base. Por exemplo, nós não seríamos essa referência literária que somos hoje

em inúmeros exemplos... não vou nem citar aqui para esquecer alguns que passaram por aqui. Não teriam tido essa projeção ou talvez a gente nem conhecesse, se não tivesse existido a editora **A União**, a imprensa oficial, como se chamava na época. Os primeiros livros de José Américo, de Ascendino Leite, do próprio Carlos Dias Fernando, que é uma grande referência na nossa literatura...

Como é que você avalia a empresa, não apenas como a própria A União, sendo personagem da história e como guardião da história, com esse arqui-

vo maravilhoso que ela tem e com **A União** fazendo a história no dia a dia? Olha, é uma documentação tão preciosa que a gente ainda não consegue dar a dimensão, não tem uma leitura definitiva disso. Esse mergulho que eu fiz durante o período e que eu faço permanentemente, sempre que eu posso... Hoje, com **A União** digitalizada, de vez em quando, eu vou lá e dou uma olhada em determinado assunto. Nesse período de realização dessa coluna, eu percebi inúmeros altos e inúmeros baixos na própria **A União**, em situações onde ela agiu como coadjuvante e quantas ocasiões como protagonista, de forma correta, de forma incorreta; por exemplo, há erros, em uma coisa bem simples, de numeração, n'A **União**. Há um período que ficou tendo uma data, mas tinha outra. Isso, no período mais à frente, a gente teria um hiato, quer dizer, uma coisa mínima, do ponto de vista da história, da cronologia. Você tem episódios acima identificados na própria **A União**, como você citou de Orlando Geisel. Mas isso faz parte de um veículo longo, ativo, permanente e que tem a cara da sociedade. Vai além do aspecto jornalístico, do memorialismo, do patrimonial e histórico, que é precioso demais e que nos leva a ter uma preocupação permanente, que é o fato de ser um jornal governamental oficial. Se alguém no futuro vai ter ousadia de extinguir esse jornal... Nós temos a certeza que, pelo menos na gestão de João Azevêdo, isso não acontecerá; ele já assumiu o compromisso que não faria isso. Um homem de cultura tal jamais faria. É patrimônio não apenas dos jornalistas, mas de toda a sociedade. Enquanto estivermos aqui, próximos, devemos fazer essa proteção para que não chegue algum aventureiro e lance mão disso.

Algum tema que eu não abordei e que você gostaria de comentar?

Muitos. Mas vai ficar para uma segunda edição.

Nos 200 anos?

Falar sobre **A União** é mais do que trabalho, é uma obrigação, um prazer. A gente vibra. Chega a contaminar o ambiente, as pessoas.

Como é que você avalia a empresa, não apenas como a própria A União, sendo personagem da história e como guardião da história, com esse arqui-

vo maravilhoso que ela tem e com **A União** fazendo a história no dia a dia? Olha, é uma documentação tão preciosa que a gente ainda não consegue dar a dimensão, não tem uma leitura definitiva disso. Esse mergulho que eu fiz durante o período e que eu faço permanentemente, sempre que eu posso... Hoje, com **A União** digitalizada, de vez em quando, eu vou lá e dou uma olhada em determinado assunto. Nesse período de realização dessa coluna, eu percebi inúmeros altos e inúmeros baixos na própria **A União**, em situações onde ela agiu como coadjuvante e quantas ocasiões como protagonista, de forma correta, de forma incorreta; por exemplo, há erros, em uma coisa bem simples, de numeração, n'A **União**. Há um período que ficou tendo uma data, mas tinha outra. Isso, no período mais à frente, a gente teria um hiato, quer dizer, uma coisa mínima, do ponto de vista da história, da cronologia. Você tem episódios acima identificados na própria **A União**, como você citou de Orlando Geisel. Mas isso faz parte de um veículo longo, ativo, permanente e que tem a cara da sociedade. Vai além do aspecto jornalístico, do memorialismo, do patrimonial e histórico, que é precioso demais e que nos leva a ter uma preocupação permanente, que é o fato de ser um jornal governamental oficial. Se alguém no futuro vai ter ousadia de extinguir esse jornal... Nós temos a certeza que, pelo menos na gestão de João Azevêdo, isso não acontecerá; ele já assumiu o compromisso que não faria isso. Um homem de cultura tal jamais faria. É patrimônio não apenas dos jornalistas, mas de toda a sociedade. Enquanto estivermos aqui, próximos, devemos fazer essa proteção para que não chegue algum aventureiro e lance mão disso.

Algum tema que eu não abordei e que você gostaria de comentar?

Muitos. Mas vai ficar para uma segunda edição.

Aquele que achou que era besteira foi engolido pelo mercado.

E a internet?

Realmente foi o que mais impactou, mais do que a própria digitalização, porque, uma década depois da chegada digital, veio a internet e aí foi realmente uma revolução.

Uma revolução, inclusive, de costumes. Facilitou a apuração, a pesquisa. Lembro de Carlos Aranha, que era uma referência na pesquisa, quando estourou a Guerra das Malvinas, ele se trancou no Arquivo e, depois de algumas horas, saiu com toda a história das ilhas. Hoje qualquer pessoa tem uma profusão de informação, inclusive já com o uso da inteligência artificial para produzir textos da forma que você quiser e solicitar...

Será que essa é uma atividade em extinção? Por que, com a inteligência artificial, onde vai entrar o redator? No momento da criatividade? Talvez. Mas no factual, no básico?

No repetitivo?

Ninguém vai precisar mais desse profissional.

Eu acho que o jornalista vai ficar só com algo que é comum aos analistas políticos, que é imaginar cenários, porque a inteligência artificial, para imaginar cenário, não é muito boa. Ela só consegue produzir qualquer coisa baseada no que já houve; então, para imaginar lá para a frente...

Vamos deixar alguma coisa para a gente. São novos tempos, novas tecnologias nos processos, novos hábitos numa sociedade em permanente transformação, mas a gente não pode perder enquanto jornalistas, enquanto integrantes de uma categoria que pensa e que faz história — o jornalismo é um braço da história. Eu fui fazer História, por exemplo, depois, por conta disso, do jornal. O que é o jornalismo? É a história de hoje, é um retrato de hoje. Isso já é história. Então você está muito interligado. Nós, que integramos essa casta, não podemos esquecer que o jornalismo é essencial para o alicerce da democracia. No dia que a gente perder essa referência e que a gente não se indignar mais com os blogs que fazem fake news, como os instagams da vida, sem que haja nenhuma defesa incisiva da instituição imprensa... A gente tem que se precaver contra aquilo que nos combate, inclusive na raiz, na nossa essência, porque, no momento que você deixa que isso ocorra, o que vai acontecer vai fissurar aquilo que é real, aquilo que nos apetece enquanto profissionais, enquanto técnicos de uma área que é tão importante para a sociedade

Como é que você avalia a empresa, não apenas como a própria A União, sendo personagem da história e como guardião da história, com esse arqui-

vo maravilhoso que ela tem e com **A União** fazendo a história no dia a dia? Olha, é uma documentação tão preciosa que a gente ainda não consegue dar a dimensão, não tem uma leitura definitiva disso. Esse mergulho que eu fiz durante o período e que eu faço permanentemente, sempre que eu posso... Hoje, com **A União** digitalizada, de vez em quando, eu vou lá e dou uma olhada em determinado assunto. Nesse período de realização dessa coluna, eu percebi inúmeros altos e inúmeros baixos na própria **A União**, em situações onde ela agiu como coadjuvante e quantas ocasiões como protagonista, de forma correta, de forma incorreta; por exemplo, há erros, em uma coisa bem simples, de numeração, n'A **União**. Há um período que ficou tendo uma data, mas tinha outra. Isso, no período mais à frente, a gente teria um hiato, quer dizer, uma coisa mínima, do ponto de vista da história, da cronologia. Você tem episódios acima identificados na própria **A União**, como você citou de Orlando Geisel. Mas isso faz parte de um veículo longo, ativo, permanente e que tem a cara da sociedade. Vai além do aspecto jornalístico, do memorialismo, do patrimonial e histórico, que é precioso demais e que nos leva a ter uma preocupação permanente, que é o fato de ser um jornal governamental oficial. Se alguém no futuro vai ter ousadia de extinguir esse jornal... Nós temos a certeza que, pelo menos na gestão de João Azevêdo, isso não acontecerá; ele já assumiu o compromisso que não faria isso. Um homem de cultura tal jamais faria. É patrimônio não apenas dos jornalistas, mas de toda a sociedade. Enquanto estivermos aqui, próximos, devemos fazer essa proteção para que não chegue algum aventureiro e lance mão disso.

Algum tema que eu não abordei e que você gostaria de comentar?

Muitos. Mas vai ficar para uma segunda edição.

Nos 200 anos?

Falar sobre **A União** é mais do que trabalho, é uma obrigação, um prazer. A gente vibra. Chega a contaminar o ambiente, as pessoas.



Acesse o QR Code para assistir à entrevista no YouTube



INSCRIÇÕES ABERTAS

MPU e prefeituras têm 1,3 mil vagas

Edital selecionados por **A União** oferecem oportunidades para profissionais de diversos níveis de escolaridade

Priscila Perez
priscilaperez@comunicao@gmail.com

O início de 2025 chega com excelentes oportunidades para os paraibanos que buscam novos rumos profissionais, além de estabilidade e bons salários. No cenário nacional, o Ministério Público da União (MPU) abriu 152 vagas em todas as capitais do país, incluindo João Pessoa, com salários que chegam a R\$ 13,9 mil. Em Pernambuco, estado vizinho, a Prefeitura de João Alfredo lançou um edital com 803 vagas, para profissionais de níveis fundamental, médio/técnico e superior, e remunerações de até R\$ 8 mil. Já na Paraíba, o destaque é o certame de Alagoa Grande, que segue com 388 vagas abertas e salários que alcançam a faixa de R\$ 11,2 mil.

Um dos certames mais esperados de 2025, o concurso do MPU traz oportunidades em todos os estados brasileiros. Com o esquema de concorrência regional, os candidatos deverão indicar a localidade em que desejam concorrer às vagas. Falando nisso, elas estão divididas entre os cargos de analista e de técnico, com remunerações que chegam a R\$ 13.994,78, para nível superior, e R\$ 8.529,65, para nível médio. Entre as áreas contempladas pelo concurso, estão Direito, Comunicação Social, Desenvolvimento de Sistemas, Enfermagem e Administração. A jornada de trabalho é de 40 horas semanais.

As inscrições estão abertas até 27 de fevereiro e podem ser feitas pelo *site* da Fundação Getulio Vargas (FGV), com taxas de R\$ 95, para técnicos, e R\$ 120, para analistas. As provas objetivas estão previstas para 4

de maio e terão caráter eliminatório e classificatório. Dependendo do cargo, haverá ainda etapas adicionais, como prova discursiva e teste de aptidão física, exclusivo para o cargo de técnico/polícia institucional. Além disso, candidatos a algumas funções também passarão por avaliação psicológica e programa de formação profissional. O concurso tem validade de dois anos e possibilidades de convocações extras.

Nordeste

Já no Agreste pernambucano, a Prefeitura de João Alfredo lançou um dos editais mais robustos da região, com 803 vagas para profissionais de níveis fundamental, médio/técnico e superior. Por lá, os salários vão de R\$ 1,4 mil a R\$ 8 mil por jornadas de 20 a 40 horas semanais — dependendo da função escolhida. Contemplando diversas áreas, as oportunidades incluem cargos como de professor, procurador, analista de Recursos Humanos, fisioterapeuta, técnico em Enfermagem, agente administrativo, vigia, motorista, psicólogo, contador, engenheiro agrônomo, entre outros. Na Secretaria de Educação, por exemplo, há 50 vagas para professor de Educação Infantil e Ensino Regular, além de oportunidades para intérprete de Libras e pedagogos. Já na Secretaria de Saúde, são 10 vagas de fisioterapeuta e 13 para médico do Programa Saúde da Família (PSF).

Os interessados no concurso devem realizar a inscrição até 23 de fevereiro, pelo *site* do Instituto de Administração e Tecnologia (ADM&TEC), com taxas que variam de R\$ 79,63 a R\$ 112,33. As provas objetivas



Foto: Tânia Régio/Agência Brasil

Além das provas objetivas, certames preveem avaliações psicológicas, de títulos e de aptidão física para alguns cargos

estão agendadas para os dias 5 e 6 de abril e incluirão questões de Língua Portuguesa, Matemática e conhecimentos específicos. Algumas funções, a exemplo da de professor, terão etapas adicionais, como avaliação de títulos.

Destaque paraibano

Na Paraíba, por sua vez, a Prefeitura de Alagoa Grande segue com 388 vagas abertas, contemplando funções como agente administrativo, vigilante, procurador, professor e guarda municipal. Com sa-

lários que variam de R\$ 1,4 mil a R\$ 11,2 mil e jornadas de até 40 horas semanais, o concurso oferece boas chances para profissionais de di-

ferentes níveis de escolaridade. Para quem ainda não garantiu sua participação, fique atento: as inscrições terminam em 16 de fevereiro e

devem ser feitas pelo *site* da Comissão Permanente de Concursos (CPCCon). As taxas de inscrição variam de R\$ 75 a R\$ 115.



Pelo QR Code acima, acesse o edital da Prefeitura de Alagoa Grande



Pelo QR Code acima, acesse o edital da Prefeitura de João Alfredo



Pelo QR Code acima, acesse o edital do Ministério Público da União

Interpretando sentimentos para conectar mundos distintos

Dar voz, traduzir sentimentos e conectar mundos. Essa é a missão e, também, a essência do intérprete de Libras — a Língua Brasileira de Sinais —, um profissional que, por meio de gestos aparentemente simples, mas carregados de significados, constrói pontes entre pessoas e realidades diferentes. Em um país onde a acessibilidade ainda avança a passos lentos, o trabalho desse especialista é fundamental para garantir que a comunidade surda tenha acesso a direitos básicos, como educação e saúde. Mas não se engane: essa é uma profissão que exige dedicação, preparo e, sobretudo, determinação para transformar vidas.

Embora a profissão tenha sido regulamentada em 2010, o intérprete de Libras ainda enfrenta inúmeros desafios no mercado de trabalho, como aponta Luanny Barbosa de Lima, formada e pós-graduada em Letras — Libras pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB).



Foto: Estúdio Imagem

“Antes de 2010, o trabalho do intérprete de Libras era visto como um favor e, mesmo após a regulamentação, muitas pessoas ainda tratam a atividade como algo voluntário”

Luanny Barbosa de Lima

Mesmo com o crescente debate sobre diversidade e inclusão, a valorização desse profissional ainda está longe de ser a ideal. Muitas vezes, o trabalho é associado ao assistencialismo, o que dificulta o reconhecimento de sua importância no dia a dia. “Antes de 2010, o trabalho do intérprete de Libras era visto como um favor e, mesmo após a regulamentação, muitas pessoas ainda tratam a atividade como algo voluntário”, ressalta.

Luanny também chama atenção para a desvalorização financeira que ainda assombra a profissão, em pleno século 21, reflexo direto da falta de entendimento sobre a sua relevância. Segundo ela, a ausência de intérpretes em eventos é, frequentemente, justificada por desconhecimento ou negligência com relação à acessibilidade. “Muitas vezes, o intérprete precisa baixar seus valores, porque, se não aceitar, simplesmente não haverá acessibilidade no evento”. Essa rea-

lidade, além de enfraquecer a luta por inclusão, impede que a sociedade avance e evolua para se tornar mais justa e acolhedora. “Normalmente, a conscientização vem de pessoas que têm algum contato com a comunidade surda. Então, a mente fica um pouco mais aberta”, reflete a profissional.

Qualificação e diversidade

Para atuar como intérprete de Libras, é preciso investir em qualificação. Antes de 2023, apenas quem possuía formação superior podia exercer a profissão. Com a formalização da carreira, houve uma maior flexibilização: agora, cursos de extensão e capacitação técnica também conferem a legalidade necessária para atuar na área. No entanto, como destaca Luanny Barbosa de Lima, o contato direto com a comunidade surda é o que realmente faz a diferença, já que a língua é viva e carregada de regionalismos. “Não é só dominar a Língua de Sinais em nível de estudo. Sem

contexto, ficamos perdidos, porque existem várias questões envolvidas. O trabalho é em prol do surdo compreender e ser incluído. Então, se não tivermos essa preocupação, fica extremamente vago”, analisa. Além disso, ela também acredita na importância de formações específicas, já que cada área exige uma abordagem única do intérprete.

Não por acaso, sua atuação também é bastante ampla. Esses profissionais são requisitados em salas de aula, palestras, eventos culturais, esportivos e religiosos, tribunais e até transmissões de TV. Porém, como destaca Luanny, a Educação Básica ainda é o principal campo de trabalho, muito pela exigência legal de garantir intérpretes para alunos surdos. Segundo ela, enquanto na educação os avanços acontecem pela força da legislação, outros setores ainda precisam evoluir. Um exemplo é a saúde, uma vez que a falta de intérpretes em consultas e exames prejudica direta-

te a qualidade do atendimento à pessoa surda.

Conscientização

Para superar esses desafios e alcançar o reconhecimento que a profissão merece, a professora e intérprete Luanny Barbosa de Lima acredita que o melhor caminho seja a conscientização. Compreender como a Língua de Sinais funciona é fundamental para enxergar o intérprete como peça-chave da inclusão. Afinal, mais do que traduzir palavras, ele é um facilitador de acessos. Se você já atua como intérprete de Libras e busca uma oportunidade no serviço público, o concurso da Prefeitura de João Alfredo, em Pernambuco, pode ser o caminho certo. Com duas vagas disponíveis, incluindo uma destinada a pessoas com deficiência (PCD), o edital exige Ensino Superior em Pedagogia e especialização em Libras. A remuneração é de R\$ 3.028,44 para uma carga horária de 200 horas mensais.

Selic

Fixado em 11 de dezembro de 2024

12,25%

Salário mínimo

R\$ 1.518

Dólar \$ Comercial

+0,20%

R\$ 6,066

Euro € Comercial

-0,03%

R\$ 6,233

Libra £ Esterlina

-0,08%

R\$ 7,398

Inflação

IPCA do IBGE (em %)

Dezembro/2024 0,52

Novembro/2024 0,39

Outubro/2024 0,56

Setembro/2024 0,44

Agosto/2024 -0,02

Ibovespa



ALTERNATIVA

Cresce procura por motos elétricas em João Pessoa

Elas representam 0,2% da frota paraibana, que é de 1,6 milhão de veículos

Bárbara Wanderley
babiwonderley@gmail.com

O trânsito intenso, a possibilidade de economizar dinheiro com combustível e a preservação do meio ambiente são alguns dos motivos que têm impulsionado a procura por motos elétricas em João Pessoa. O empresário Leandro Moreira Liberato, que começou a atuar nesse ramo na cidade há pouco mais de dois meses com as lojas Gotrix, afirmou que a procura é diária e alguns itens até já se esgotaram em seu estoque.

De acordo com o Departamento de Trânsito da Paraíba (Detran-PB), os veículos elétricos representam 0,2% da frota paraibana, que é de 1,6 milhão de veículos. Isso inclui carros e motos, sendo que nem todas as motos elétricas precisam ser registradas, por isso os números não são precisos.

No que depender de Leandro Liberato a tendência é que os números aumentem. “A demanda está crescendo bastante. E é um produto acessível, é mais barato que moto comum”, disse. O empresário possui duas unidades da Gotrix Mobilidade Urbana, uma localizada no bairro de Brisamar e outra no Cabo Branco, ambas na capital. Em suas lojas, o custo varia de R\$ 8 mil a R\$ 16 mil, dependendo do modelo escolhido.

A loja vende motos, triciclos, patinetes e também *drifts*, um tipo de carrinho elétrico para crianças. Entre as motos, há três opções de potência, sendo 1 mil, 2 mil, ou 3 mil watts, com velocidades máximas de 30 km/h, 50 km/h e 80 km/h, respectivamente.

Para o modelo de menor potência, semelhante àqueles que são alugados para passeios na orla da cidade, não é necessário qualquer documen-



Fotos: Evandro Pereira

O preço das motos varia de R\$ 8 mil a R\$ 16 mil, dependendo do modelo escolhido

to. Já para o modelo que atinge até 50 km/h é necessário ter pelo menos uma Autorização para Condução de Ciclomotor (ACC), emitida pelo Detran. Modelos de potência maior exigem a Carteira Nacional de Habilitação na categoria A.

Leandro Liberato contou que o modelo de moto mais simples e de menor potência é o mais vendido, mas os carrinhos e patinetes também são bem procurados para crianças e adolescentes. “Apesar de que temos alguns patinetes que chegam a 40 km/h e tem gente que compra para ir trabalhar mesmo, se a pessoa mora perto do trabalho, tipo 2 km de distância”, comentou.

Foi justamente para se locomover para o trabalho que o engenheiro civil e empresário Ricardo Castro decidiu comprar uma moto elétrica. Ele estava fechando o negócio no momento em que a reportagem de A União chegou à Gotrix para entrevistar o proprietário da loja. “João Pessoa está com mui-

to engarrafamento, então pensei numa moto por causa disso, e elétrica para não passar nem perto de posto”, brincou. Ele explicou que, como engenheiro, precisa visitar diversas obras em bairros próximos, no seu cotidiano de trabalho, e a moto será muito útil nesse aspecto. Ele lembrou também da vantagem para o meio ambiente, já que não estará emitindo os gases responsáveis pelo efeito estufa.

A economia também é um fator importante. Leandro Liberato afirma que as motos possuem entre 50 km e 60 km de autonomia. Após isso, é necessário carregar a bateria de lítio (mesmo material das baterias de celular), que são removíveis, ou seja, elas podem ser retiradas e levadas para carregar dentro de casa, o que é particularmente prático para quem mora em apartamento. Segundo ele, cada carga consome menos de R\$ 0,50 em energia elétrica.



“Temos alguns patinetes que chegam a 40 km/h e tem gente que compra para ir trabalhar, se a pessoa mora perto do emprego”

Leandro Liberato

Empresários apostam numa maior procura

Leandro Liberato é natural de São José dos Campos, interior de São Paulo, mas decidiu mudar-se para João Pessoa com a família no ano passado. “Eu tinha alguns critérios. Procurei por cidades litorâneas com melhor qualidade de vida e encontrei aqui e Sergipe nos meus critérios. João Pessoa acabou ganhando”, contou.

A decisão de abrir as lojas veio após uma visita a uma feira de franquias em São Paulo, onde ele conheceu a Gotrix, e uma pesquisa que apontou que ele só terá um concorrente na cidade. “Aqui também não tinha assistência técnica, e agora temos uma, no bairro da Torre”, explicou. Embora os produtos pos-

sam ser comprados pela Internet, Leandro acredita que a escassez de lojas físicas e a falta de uma assistência técnica local inibiam a compra de motos elétricas, que agora está crescendo após a inauguração da loja.

O trânsito da cidade, que vem se tornando cada vez mais complicado, também ajuda a tornar a opção mais atrativa. “Acho que a procura maior é por causa do trânsito”, disse ele.

Mais potência

Os modelos vendidos por Leandro, de menor potência, são mais acessíveis e resolvem a situação para quem precisa se locomover em pequenas distâncias, no dia a

dia. Quem precisa percorrer distâncias maiores e busca mais potência e autonomia também pode encontrar motos e *scooters* elétricas em João Pessoa, em lojas como Voltz e Shineray.

■ Incentivo vem do trânsito da cidade, cada vez mais complicado, e do alto preço dos combustíveis

Os modelos têm sido usados, inclusive, por quem trabalha com transporte de passageiros, como a Uber moto, por exemplo. Já entre os entregadores não é tão comum, de acordo com o secretário do Conselho Municipal de Entregadores de João Pessoa (CME-JP), Ewerton Vicente. O problema, segundo ele, seria a autonomia, já que os entregadores costumam rodar muito diariamente.

“São poucos aqui em João Pessoa. A vantagem é que eles têm que gastar menos na gasolina, mas só podem rodar determinados quilômetros e horas. Já as motos a gasolina gastam mais em gasolina, mas rodam mais quilômetros”, explicou Ewerton.

Economia em Desenvolvimento

João Bosco Ferraz de Oliveira
joaboferraz3@gmail.com | Colaborador

Como organizar as finanças no início do ano

O início do ano traz consigo uma série de desafios financeiros para as famílias paraibanas. As despesas com matrícula e material escolar, IPTU, IPVA, e até mesmo as compras natalinas realizadas no fim do ano, pressionam o orçamento doméstico. Para enfrentar esse cenário, é fundamental adotar medidas práticas de planejamento e controle financeiro que garantam uma transição mais tranquila pelo período.

Uma das estratégias mais eficazes é o planejamento financeiro antecipado. Criar um orçamento anual, ainda no ano anterior, permite que as famílias distribuam as despesas ao longo dos meses, evitando o impacto de pagamentos acumulados.

Reservar um valor mensal para compromissos fixos, como impostos e materiais escolares, é uma prática que reduz a necessidade de recorrer a crédito ou endividamento.

Na hora de adquirir materiais escolares, pesquisar preços e comprar com consciência faz toda a diferença. Elaborar uma lista detalhada com o essencial ajuda a evitar compras desnecessárias. Aproveitar promoções, tanto em lojas físicas quanto on-line, e considerar compras coletivas em atacado pode gerar economias significativas.

Outra dica importante é aprender a priorizar e parcelar os gastos. Impostos como IPTU e IPVA frequentemente oferecem descontos para pagamentos à vista, enquanto outras despesas, como o material escolar, podem ser parceladas de forma planejada. Organizar os pagamentos por prioridade e negociar condições melhores com fornecedores ou escolas também são atitudes que aliviam o orçamento.

Além disso, o reaproveitamento de materiais escolares é uma alternativa sustentável e econômica. Antes de comprar novos itens, é importante verificar o que sobrou do ano anterior, como mochilas e cadernos parcialmente usados. Trocas de livros didáticos ou outros materiais entre famílias podem ajudar a reduzir custos e incentivar a colaboração entre a comunidade.

Um ponto crucial para evitar dívidas é o controle de compras impulsivas. Planejar as aquisições com antecedência reduz a probabilidade de gastar mais em produtos comprados de última hora, ou seduzidos por marcas mais caras. O foco deve estar no essencial, evitando armadilhas do *marketing*.

A educação financeira das crianças também desempenha um papel relevante. Envolver os pequenos nas decisões de compra pode ser uma oportunidade para ensiná-los sobre o valor do dinheiro e a importância de economizar. Orientá-los a escolher materiais de boa qualidade e preço acessível, em vez de marcas famosas, é um aprendizado que pode ser levado para a vida.

Por fim, o uso consciente de benefícios ou linhas de crédito pode ser um recurso em momentos de maior aperto. Programas sociais e descontos, oferecidos por escolas ou governos, devem ser explorados. Caso o crédito seja inevitável, é importante buscar opções com juros baixos e planejar o pagamento de forma responsável.

Adotar essas práticas não apenas reduz o impacto financeiro nos primeiros meses do ano, como também fortalece a cultura de planejamento e de organização nas famílias. Com pequenas mudanças no comportamento financeiro, é possível evitar endividamentos e garantir um início de ano mais tranquilo e equilibrado.

EMPURRADO PELO PRÉ-SAL

Petróleo passa a soja nas exportações

Vendas de óleo bruto ou de minerais alcançaram US\$ 44,8 bilhões na pauta brasileira, segundo ANP

Bruno de Freitas Moura
Agência Brasil

O petróleo fechou o ano de 2024 como o principal produto da pauta de exportações brasileiras, tomando o lugar da soja. As vendas de óleo bruto de petróleo ou de minerais alcançaram US\$ 44,8 bilhões, segundo dados divulgados, na semana passada, pela Secretaria de Comércio Exterior do Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços.

O ano de 2024 terminou com o petróleo bruto representando 13,3% das exportações do Brasil, tomando a liderança da soja que, de 2023 para 2024, viu a participação cair de 15,7% para 12,7%. Em 2024, a soja rendeu aos exportadores US\$ 42,9 bilhões, ante US\$ 53,2 bilhões de 2023.

O óleo do pré-sal é o motor que permitiu o petróleo alcançar o topo da pauta exportadora. De acordo com a Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP), de janeiro a novembro — último dado disponível —, o país produziu 36,9 milhões de barris de petróleo por dia (Mbbl/d), sendo 71,5% originários do pré-sal. Observando apenas dados do segundo semestre, esse percentual salta para 80,3%.

Histórico do pré-sal

Descoberto em 2006, o pré-sal contribuiu para a soberania energética do país, possibilitando que o país se mantivesse sem a necessidade de importar óleo. Além da alta produtividade, os poços armazenam um óleo leve, considerado de excelente qua-

lidade e com alto valor comercial.

O início da produção ocorreu no campo de Jubarte, localizado na Bacia de Campos, Litoral do Sudeste, em 2008. Ao lado da Bacia de Santos, é onde se encontram os reservatórios, perfurados há uma profundidade de 5 mil km a 7 mil km. Para se ter uma ideia, 7 mil km é, aproximadamente, o ponto mais alto da Cordilheira dos Andes.

Atualmente, os campos de Tupi, Búzios e Mero representam 69% da origem do pré-sal, segundo a ANP. Os três ficam na Bacia de Santos. O primeiro a produzir o pré-sal de Santos foi Tupi, maior ativo em produção no país, chegando a 1,1 milhão de barris por dia no terceiro trimestre de 2024.

A história da exploração e produção de pré-sal se confunde com os anos recentes da Petrobras, estatal que respondeu por 98% da produção de pré-sal em novembro de 2024, incluindo poços operados em consórcio. De toda a produção da companhia, cerca de 80% tem origem no pré-sal.

Entre as principais empresas petrolíferas que operam em consórcio com a Petrobras, figuram as multinacionais Shell (anglo-holandesa), TotalEnergies (francesa) e CNDOC (chinesa).

Segundo a companhia, o pré-sal, que deve atingir o pico de produção na década de 2030, tem papel estratégico na transição energética. Segundo a estatal, tecnologias desenvolvidas pela Petrobras fazem com que o óleo extraído do pré-sal tenha emissão de dióxido de carbono (CO₂)



Fotos: Tânia Régio/Agência Brasil

De toda a produção da companhia, cerca de 80% tem origem no pré-sal e exigiu que fossem criadas tecnologias específicas

— um dos causadores do efeito estufa e do aquecimento global — 70% menor que a média mundial.

Geologia

De acordo com a Petrobras, o pré-sal são rochas sedimentares formadas há mais de 100 milhões de anos com a separação dos atuais continentes sul-americano e africano. Com essa separação, surgiram grandes depressões que deram origem a diversos lagos, que mais tarde foram conectados aos oceanos.

“As regiões mais profundas desses lagos começaram a acumular grandes quantidades de matéria orgânica de algas microscópicas. Essa matéria orgânica, misturada a sedimentos, formou o que são as rochas que geram o óleo e o gás do pré-sal”, explica o site da companhia.

“Por causa do clima árido daquele tempo, a evaporação intensa da água marinha provocou a acumulação de sais, o que criou a camada do pré-sal, uma espécie de proteção que impedia que o petróleo escapasse e chegasse à superfície”, completa.

Tecnologia

A distância dos reservatórios de pré-sal para a costa e a profundidade foram desafios para a Petrobras encontrar, refinar e transportar o óleo para o continente, fazendo com que a empresa desenvolvesse tecnologias para superar as dificuldades logísticas e exploratórias. Um exemplo é a técnica de processamento que ajudou a mostrar claramente a posição da rocha do pré-sal.

Na jornada de exploração e produção do pré-sal, o conjunto de tecnologias de-

envolvidas pela Petrobras rendeu à estatal prêmios da Offshore Technology Conference (OTC), espécie de centro de pesquisa de elite mundial para exploração no mar, nos anos de 2015, 2019, 2021 e 2023.

Uma tecnologia usada no campo de Búzios é a aquisição sísmica 4D sistemática. “Por meio da emissão de ondas ultrassônicas que refletem no reservatório e retornam com dados, conseguimos definir altura, comprimento e profundidade, construindo uma imagem do reservatório”, explica a companhia.

“A partir de levantamentos sísmicos sistemáticos e de estudos para esquadrihar a configuração do reservatório, conseguimos decidir os próximos passos, como onde perfurar determinado tipo de poço, alavancando a produção e reduzindo custos”, completa.

Entre as tecnologias de destaque atualmente estão as que reinjetam o CO₂ resultante da produção no próprio reservatório. É uma forma de evitar a liberação de poluente na atmosfera e diminuir a “pegada de carbono” da companhia.

Inovação

Petrobras desenvolveu técnica de processamento que ajudou a mostrar claramente a posição da rocha do pré-sal

Descoberta das reservas profundas mudou lei de exploração



A companhia que oferecer a maior parcela de lucro à União vence o direito à exploração

A descoberta do pré-sal foi tão significativa para o potencial de produção de petróleo brasileiro que levou o governo a mudar o regime que autorizava as empresas a explorar a riqueza submersa.

Dessa forma, nas áreas de pré-sal, vigora o regime de partilha. Nesse modelo, a produção de óleo excedente (saldo após pagamento dos custos) é dividida entre a empresa e a União. Quando é realizado o leilão que autoriza a exploração, vence o direito de explorar a companhia que oferece a maior parcela de

lucro à União.

É diferente do modelo de concessão (válido no pós-sal), quando o risco de investir e encontrar — ou não — petróleo é da concessionária, que se torna dona de todo o óleo e do gás que venham a ser descobertos. Em contrapartida, além do bônus de assinatura ao arrematar o leilão, a petrolífera paga royalties e participação especial (no caso de campos de grande produção).

Junto com o modelo de partilha, foi criada uma estatal — Pré-Sal Petróleo (PPSA) —, vinculada ao Ministério de Minas e Energia, que representa a União no recebimento das receitas.

Só em 2024, a PPSA recebeu R\$ 10,32 bilhões com a comercialização das parcelas de petróleo e gás natural da União em cinco contratos de partilha de produção e em um acordo de produção no campo de Tupi. O valor é cerca de 71% maior do que o arrecadado em 2023 (R\$ 6,02 bilhões).

De acordo com a estatal, até 2034, as projeções indicam uma arrecadação acumulada de R\$ 506 bilhões para a União.

Novas fronteiras

Com a previsão de o

pré-sal alcançar o pico na década de 2030, a indústria nacional de petróleo, capitaneada pela Petrobras, volta a atenção para novas fronteiras petrolíferas onde, acredita-se, pode haver grande potencial de produção.

Uma delas é a chamada margem equatorial, no Litoral Norte brasileiro, que está à espera de uma decisão favorável do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama), órgão ligado ao Ministério do Meio Ambiente e Mudança do Clima (MMA).

Outra região é a Bacia de Pelotas, no Litoral da Região Sul. Um fator que explica o interesse na região são descobertas de poços de petróleo no Uruguai e na costa da África — Namíbia e África do Sul. As condições geológicas das regiões, apontam especialistas, são semelhantes, pois os continentes eram unidos há dezenas de milhares de anos.

De acordo com a Petrobras, até 2029, a empresa investirá US\$ 79 bilhões na exploração de novas fronteiras de óleo e gás, sendo 40% para a exploração da margem Sul e Sudeste, 38% na margem equatorial e o restante em outros países.

Investindo

Até 2029, a Petrobras pretende investir US\$ 79 bilhões na exploração de novas fronteiras de óleo e gás, sendo 40% para a exploração do Sul e Sudeste

INOVAÇÃO

Terra fértil para os jogos digitais

Talento e criatividade de estudantes fazem da Paraíba uma referência na produção independente de games

A Paraíba deu um importante passo para fortalecer a indústria de jogos digitais independentes no estado. Na última quarta-feira (15), o Governo da Paraíba, por meio da Secretaria de Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior (Secities), em parceria com a Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Paraíba (Fapesq), realizou o evento Kick-Off, marcando a abertura oficial do Game Dev Quest. O circuito, voltado para a profissionalização e o desenvolvimento de jogos *indies*, reuniu centenas de participantes no auditório da Reitoria da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), em João Pessoa.

Com um público diversificado, o evento foi um ponto de encontro para as 40 equipes selecionadas no edital do programa. Além de participar de palestras e painéis conduzidos por especialistas renomados do setor, os integrantes das equipes puderam traçar estratégias, ampliar sua rede de contatos e receber os primeiros direcionamentos para transformar ideias em projetos sólidos.

O secretário da Secities, Claudio Furtado, destacou a relevância do Game Dev Quest para o cenário local de inovação. “Nosso objetivo é criar um polo de *games* na Paraíba, aproveitando o talento e a criatividade dos jovens do estado. As equipes passarão por etapas formativas, para que possam, além de criar jogos inovadores, desenvolver produtos com *design* de qualidade e viabilidade comercial. A ideia é que, até junho, com o apoio do setor privado, possamos lançar esses jogos em plataformas digitais”, explicou.

Com um investimento



Fotos: Mateus de Medeiros/Secities

Formação

Durante o Kick-Off, abertura oficial do Game Dev Quest, participantes traçaram estratégias e receberam direcionamentos para transformar ideias em projetos sólidos

de R\$ 800 mil, o Game Dev Quest pretende ser um divisor de águas para o mercado de jogos *indies* na Paraíba.

Para Rangel Júnior, presidente da Fapesq, o evento de abertura simboliza o início de uma jornada de aprendizado e colaboração.

“O Kick-Off é fundamental para que as equipes entendam o potencial do trabalho coletivo. Além da interação com mentores e instrutores, os participantes terão a oportunidade de trocar experiências entre si, um aspecto essencial para o crescimento profissional e criativo”, afirmou.

Evolução

Uma das palestrantes foi Juliana Britto, CEO e cofundadora da Indie Hero e da GAMEJAM+. Ela comentou que políticas como o Game Dev Quest são importantes

Evento voltado à profissionalização do setor reuniu centenas de pessoas, na capital; cofundadora da Indie Hero destacou a importância da iniciativa

para desenvolvimento profissional de quem está começando a empreender no universo *gamer*.

“É um momento de ter acesso a esses profissionais para poder tirar dúvida. A gente tem que sair de casa, encontrar pessoas. É assim que a gente desenvolve o negócio, por meio de relacionamentos. Eu espero que eventos e programas como esse sejam cada vez mais frequentes”, enfatizou.



Lobba Mattos, *game designer* e presidente da Associação de Desenvolvedores de Jogos da Bahia, também participou do evento, durante o painel “Reset, Play Conquiste”. Ela destacou a importância de eventos como o Game Dev Quest para o amadurecimento do setor. “É um espaço essencial, tanto para quem está há mais tempo na área — e descobrirá coisas novas — quanto para quem está começando — e conhe-

cerá os desafios já existentes. Ele é fundamental para amadurecer o cenário como um todo”, afirmou.

Lobba também compartilhou suas expectativas para o futuro do programa. “Estou muito empolgada para ver os resultados que vamos alcançar e ainda mais animada para voltar, no próximo ano, contribuindo com a avaliação, o processo de reconstrução e a reelaboração do circuito”, completou.

Equipes recebem mentoria e disputam aportes

O circuito será dividido em três fases eliminatórias, cada uma com atividades e benefícios específicos. Durante a primeira fase, intitulada Círculo dos Visionários, participam as 40 equipes selecionadas para o desenvolvimento inicial do projeto. Os competidores terão acesso a *workshops*, conteúdos exclusivos e mentoria especializada.

A equipe Íluru: O chamado das Ilhas está entre as 40 selecionadas. Segundo o CEO do grupo, o estudante de Engenharia da Computação João Victor Rodrigues, o time está otimista com a evolução do jogo desenvolvido, cujos temas são educação e cultura.

“O projeto é sobre ilhas, e cada ilha representará um país no nosso mundo. A gente quer colocar animais para ser mais atrativo para crianças. É um projeto focado na educação do público infantil”, disse.

Outra equipe selecionada, a Helva está desenvolvendo um jogo no estilo RPG



Primeira fase do circuito oferece palestras e workshops

— sigla de *role playing game*, expressão inglesa que, em tradução livre, significa jogo de interpretação de papéis. Mateus Dantas, CEO do grupo, cursa Desenvolvimento de Sistemas (ADS) e soube do edital do programa por meio de um professor. Ele explicou que um dos diferenciais do *game* da equipe é que os protagonistas da história coexistem com o jogador e podem alterar o mapa de acordo com as missões.

“A gente tem todo um sistema de tarefas para entregar, primeiro, o sistema de ataque, como será o sistema de batalha. Estamos otimistas de que passaremos para as próximas etapas”, comentou Mateus Dantas.

As equipes de Mateus e João Victor disputarão o acesso à segunda fase da competição, chamada Fábrica de Lendas. Nela, 20 equipes com potencial empreendedor e qualidade técnica receberão um aporte de R\$ 20 mil para consoli-

dar suas ideias em *startups* e criar seus jogos.

Já na terceira fase, Coliseu dos Campeões, as 10 melhores *startups* receberão um segundo aporte, no valor de R\$ 40 mil, para a incubação e o lançamento comercial do jogo. As cinco equipes de maior destaque serão lançadas no mercado e poderão apresentar seus projetos a investidores em um evento público, ainda sem data marcada, denominado Covil dos Dragões.

Estado expande verbas no biênio 2025–2026

A partir deste ano, o setor de Ciência e Tecnologia da Paraíba terá ainda mais investimentos. O governador João Azevêdo anunciou, na última segunda-feira (13), recursos de R\$ 187,2 milhões para a pasta.

Parte da verba será aplicada na construção da Cidade da Astronomia, em Carrapateira, um centro de pesquisa e turismo com planetário e exposições sobre a formação do universo.

O Estado também implantará o Laboratório de Prototipagem 3D, em João Pessoa, no Parque Tecnológico Horizontes da Inovação. O objetivo é impulsionar as *startups* e projetos tecnológicos paraibanos. O Programa Vale dos Dinossauros — Novos Caminhos, em Sousa, também receberá mais investimentos, para a ampliação da pesquisa que é realizada no local,

unindo turismo, ciência e preservação cultural.

A Paraíba ganhará, ainda, o Museu Científico de Arqueologia de Cajazeiras, com o objetivo de resgatar e preservar a história arqueológica regional, além do Programa Estadual de Concessão de Bolsas de Mestrado, Doutorado e Pós-Doutorado, do apoio aos núcleos de excelência, da participação em eventos e de programas nacionais e internacionais.

Governador João Azevêdo anunciou, na última semana, que R\$ 187 milhões serão investidos em Ciência e Tecnologia

ÁRVORES compõem paisagem da capital

Cobertura vegetal da cidade é composta por áreas de reserva e plantas viárias

Carolina Oliveira
marquesdeoliveira.carolina@gmail.com
Priscila Perez
priscilaperezcomunicacao@gmail.com

A cobertura vegetal de João Pessoa é composta por uma grande diversidade de formações, especialmente remanescentes de Mata Atlântica, principal bioma da capital paraibana, que abrange mais de 30% de sua área. Além disso, a paisagem da capital também é composta por árvores viárias, ou seja, aquelas cultivadas em calçadas, canteiros centrais e praças das avenidas, a exemplo de espécies como sibipiruna; angelim; sucupira; pau-ferro; ipês-amarelos, roxos, brancos e rosas; pau-brasil; e ingazeiros.

O engenheiro agrônomo e diretor de controle ambiental da Secretaria do Meio Ambiente (Semam), Anderson Fontes, enumera os benefícios da presença e da preservação de vegetação arbórea no ambiente urbano: "As árvores combatem as doenças, atuam nas condições climáticas de temperismo em relação ao calor, em relação até a uma própria chuva torrencial".

Juliana Coutinho, bióloga do Jardim Botânico Benjamim Maranhão, destaca que a vegetação urbana desenvolve "um conjunto muito importante de funções para melhoria da qualidade do ambiente, podendo minimizar o impacto causado pelas ações antrópicas, às vezes, realizadas dentro dos processos de expansão das cidades". A especialista observa que a Paraíba possui uma divisão geográfica que contribui para a diversidade da flora, "sobretudo da vegetação arbórea, que se estende pelas diferentes localidades do estado, sendo os principais biomas a Caatinga e a Mata Atlântica".

Espécies

Além da típica paisagem urbana, outras espécies da flora ganham destaque, em especial, "dentro da floresta, dos parques, das áreas de preservação, das unidades de conservação". O agrônomo aponta que a Paraíba é um estado que contempla vegetação em áreas como Mata Atlântica e o bioma da Caa-

Formações remanescentes da Mata Atlântica compõem 30% da área local, mas, no âmbito da Paraíba, a cobertura do bioma é de 9%

tinga. Também são encontrados trechos de vegetação de restinga ao longo do Litoral, da Zona da Mata e do Brejo de Altitude, onde ganham destaque espécies nativas da Mata Atlântica. Outras porções da Paraíba são o Curimataú, Cariri, Sertão e Grande Sertão, "tudo isso está dentro do bioma da Caatinga".

A Paraíba tem espécies nativas e também exóticas, a depender da região e do bioma. A árvore considerada a mais emblemática da flora de João Pessoa é o ipê-amarelo. Já para o estado, nas regiões da Paraíba, uma árvore que simboliza a resistência é o juazeiro, que tem bastante presença na zona da Caatinga, além da craibeira e do umbuzeiro, espécies destacadas e conhecidas pela população do estado em diferentes áreas.

Nas áreas rurais, principalmente, conforme detalha Anderson, destacam-se as espécies oriundas da Caatinga. Nas cidades, as árvores viárias presentes misturam-se com as nativas da Caatinga, da Mata Atlântica e também as exóticas, espécies oriundas de outras regiões, bem como algumas que são de outros países e que foram introduzidas no território do estado, plantadas em praças, em canteiros centrais e calçadas, em muitos municípios paraibanos.

Ipês-amarelos são exemplos de espécies comumente encontrados na área urbana de João Pessoa

Arborização favorece equilíbrio ambiental

A manutenção do equilíbrio ambiental é fundamental para a garantia da preservação da vegetação. O engenheiro agrônomo Anderson Fontes defende a importância de equilibrar as árvores existentes e plantar mais, entendendo o papel da flora na construção de uma área sustentável.

Ele aponta ainda que se faz necessário manter a vegetação nativa da Caatinga intacta, bem manejada, equilibrada, para que não entre cada vez mais em processo de desertificação.

Além disso, segundo ele, quanto maior for a preocupação com a preservação da Mata Atlântica, mais favoráveis se tornam as condições

de salvar os rios, os lagos, as lagoas, equilibrando a fauna, a flora e o meio ambiente.

Uma das políticas públicas da Secretaria do Meio Ambiente é a Viva o Verde, uma dinâmica da divisão de arborização e reflorestamento, que conta com um viveiro onde são produzidas, anualmente, cerca de 60 mil mudas de árvores por ano.

Plano Diretor

Quando o assunto é a preocupação com as consequências do crescimento da cidade, o diretor de controle ambiental observa que o Plano Diretor do município mostra regras que orientam esse crescimento, "de acordo com

a preservação do zoneamento urbano do município".

Pensando na expansão da cobertura vegetal, um aspecto levado em conta é a construção, já em curso, de novos parques na cidade: "É importante que dentro desses parques, nas ruas da cidade, nas áreas aptas a receber as futuras gerações, seja prioridade contrapor esse número de árvores que vão ser retiradas com o plantio de novas árvores". O especialista ressalta que já há, no plano de ação climática do município, um planejamento para o plantio até 2030 de, aproximadamente, 500 mil árvores.

A condução de atividades agrícolas são foco de regula-

Vegetação urbana proporciona melhorias para a qualidade de vida da população

Foto: Roberto Cuedes

Unidade de Conservação preserva a biodiversidade

Dentro da cidade, há uma área de remanescentes de Mata Atlântica com mais de 512 hectares, que é um refúgio de vida silvestre, a Mata do Buraquinho. A bióloga, Juliana Coutinho, reforça que o local desempenha um papel importante na conservação da Mata Atlântica na Região Nordeste.

No estado, a especialista aponta que apenas 9% da cobertura vegetal é oriunda da vegetação original de Mata Atlântica, e o pouco que resta está dividido em pequenos fragmentos, às vezes sem que haja ligação entre eles, "o que torna essas áreas ainda mais vulneráveis, então é importante que existam, por exemplo, corredores ecológicos, para que

esses fragmentos tenham uma conexão". A criação de unidades de conservação é uma forma de manter a biodiversidade e esses remanescentes preservados.

Os principais impactos que a Mata Atlântica vem sofrendo no estado, segundo a bióloga, estão relacionados com a questão da inspeção das áreas de cultivo de cana-de-açúcar e atividades agropecuárias, que, por vezes, são executadas por meio de métodos e práticas que podem ocasionar algum dano ou impacto para aquela área. O desmatamento também é um fator que contribui para esse processo, ameaçando a integridade da mata.

Em contrapartida, o bioma da Mata Atlântica é con-



Mata do Buraquinho é um refúgio da vida silvestre

templado por uma lei que prioriza a proteção da vegetação, e existem vários projetos de cunho municipal e estadual que visam minimizar os impactos ambientais nas áreas de Mata Atlântica, como a Operação Mata Atlântica em Pé, uma parceria entre o Ministério Público e órgãos ambientais, que tem o objetivo de contabili-

zar as áreas desmatadas e as infrações executadas, com o intuito de coibir essas ações que afetam o bioma e também desenvolver projetos de reflorestamento, de educação ambiental. "Então, é importante que a sociedade, juntamente ao Poder Público, exerça seu papel de fiscalizar e preservar as nossas áreas verdes".

Foto: Evandro Pereira

NOVO CICLO

Petrucio e Cícero treinam visando Los Angeles

Pedrinho Almeida supervisiona os treinos dos paratletas paraibanos

Paratletas iniciam preparação para continuar brilhando no esporte paralímpico nos Jogos de 2028, nos EUA

Camilla Barbosa
acamillabarbosa@gmail.com

Os Jogos de Los Angeles ainda estão a pouco mais de três anos de distância, mas muitos atletas e paratletas já deram início à preparação para o maior evento esportivo do mundo, que acontece a cada quatro anos. Petrucio Ferreira e Cícero Nobre, ouro e bronze, respectivamente, em Paris 2024, fazem parte do time de esportistas que estão retornando aos treinos após o período de férias.

Petrucio Ferreira é tricampeão paralímpico e tetracampeão mundial nos 100 m rasos para atletas da Classe T47. Em solo parisiense, ele conquistou o lugar mais alto do pódio paralímpico ao obter o tempo de 10s68. Já Cícero Nobre, campeão mundial em Dubai 2019, garantiu o bronze no lançamento de dardo F57 — feito semelhante ao realizado por ele em Tóquio 2020 —, com a marca de 49,46 m. As façanhas dos dois colaboraram para elevar o atletismo ao cargo de modalidade com mais condecorações para a Paraíba nas Paralimpíadas 2024.

“São quatro anos, mas quatro anos que passam num piscar de olhos. E a gente inicia a temporada com uma boa mentalidade, esperando terminar 2025 com bons resultados. A meta é cada vez mais buscar bons resultados para estar sempre buscando o me-

lhor. Temos o privilégio de estar sempre sendo cobrados, sempre pressionados, por estar sempre em evidência, com bons resultados, e isso nos dá uma sensação de representatividade, não só para as pessoas com deficiência, mas sempre para aqueles que sonham também. Então a gente espera ter uma temporada abençoada de bons resultados”, declara Petrucio.

“A gente nunca teve um período de férias tão extenso igual esse; geralmente eram 20 dias. Dessa vez, desde os Jogos que a gente está parado; eu ainda treinei no mês de novembro. São quatro anos em que a gente tem que trabalhar sério para chegar na competição mais importante e dar o nosso melhor, representar o nosso estado e o nosso Brasil”, afirma Cícero.

Na primeira fase de treinamento, que vai até a metade de fevereiro, os treinos acontecem na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), de segunda a sexta-feira e em sábados alternados, durante dois turnos (manhã e tarde). A partir daí, a rotina volta ao normal e os esportistas se preparam de segunda a sábado, nos períodos matutino e vespertino.

lhor. Temos o privilégio de estar sempre sendo cobrados, sempre pressionados, por estar sempre em evidência, com bons resultados, e isso nos dá uma sensação de representatividade, não só para as pessoas com deficiência, mas sempre para aqueles que sonham também. Então a gente espera ter uma temporada abençoada de bons resultados”, declara Petrucio.

“A gente nunca teve um período de férias tão extenso igual esse; geralmente eram 20 dias. Dessa vez, desde os Jogos que a gente está parado; eu ainda treinei no mês de novembro. São quatro anos em que a gente tem que trabalhar sério para chegar na competição mais importante e dar o nosso melhor, representar o nosso estado e o nosso Brasil”, afirma Cícero.

Na primeira fase de treinamento, que vai até a metade de fevereiro, os treinos acontecem na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), de segunda a sexta-feira e em sábados alternados, durante dois turnos (manhã e tarde). A partir daí, a rotina volta ao normal e os esportistas se preparam de segunda a sábado, nos períodos matutino e vespertino.

Para além das pistas

Tem sido cada vez mais recorrente o debate a respeito da importância da busca por uma vida para além dos treinos. Nesse sentido, a família e a fé podem ser fatores fundamentais para que os atletas possam driblar as pressões e expectativas ex-

ternas e para impulsioná-los no caminho em busca das conquistas esportivas.

“Eu creio que existe um ser superior e que tem horas que ele dá forças para a gente conquistar os nossos objetivos. Então tem que ter esse lado da fé, tem que ter o lado da sorte. No esporte existe sorte, e eu posso falar até um exemplo: o Petrucio, hoje, é um cara imbatível no esporte; imagina para os concorrentes dele, na hora da largada, depois de Petrucio chegar a queimar a largada. Não existe sorte? Existe. Queimar a largada, sorte para os caras”, explica Cícero.

“O que me move é a questão da família, dar um suporte para ela. Eu não gosto nem de falar que quero dar o que eu não tive na infância. Minha infância não foi fácil, mas eu sempre falo: não trocava minha infância pela de alguém que teve tudo de mãos beijadas, de jeito nenhum. Nossa infância foi o alicerce para a gente se tornar o que a gente é hoje”, acrescenta ele.

Planos futuros

Um grande campeão pode ser consagrado, também, a partir de suas ações fora dos locais de competições. Partindo dessa premissa, Petrucio Ferreira tem a intenção de, no futuro, trazer à existência um projeto — que é também um sonho pessoal — de implantar uma insti-

tuição no Alto Sertão paraibano voltada à prática esportiva.

“Do Sertão, de onde eu vim, eu conheço muito a realidade, e muitos sonham com um futuro melhor, em ser um atleta, um profissional, em ter uma formação, mas não têm a oportunidade de fazer. Eu fui escolhido um em um milhão, e hoje eu quero dar oportunidade a quem tanto procura. Essa instituição seria voltada mais para essas crianças carentes do Alto Sertão, para começar, através desse incentivo que o esporte dá, ele que tem essa magia de transformação; da mesma forma que ele transformou a minha vida, ele tem o poder de transformar várias outras vidas. E, quando eu falo ‘transformar’, não significa que a pessoa vai se tornar um grande atleta, mas, pela disciplina que o esporte nos traz, ele consegue trazer uma grande formação, um grande cidadão para a sociedade, para o que ele vai exercer na sua vida. Você sempre vai ter disciplina e objetivo a ser alcançado”, explica o velocista.

Vila Paralímpica

Na última segunda-feira (13), o governador do Estado, João Azevêdo, anunciou a construção do Centro de Treinamento Paralímpico, em João Pessoa, um sonho

antigo da comunidade de paratletas paraibanos. Com a implantação, a Paraíba se tornará o segundo estado do país a ter esse tipo de equipamento, que será feito aos moldes do único existente em solo brasileiro, localizado na cidade de São Paulo.

OCT não beneficiará apenas o estado, mas toda a Região Nordeste, já que possibilitará a realização de competições fora do território paulistano. “Eu fui um que fiz parte no dia de ir para aprovação do projeto, para falar que seria necessário, que vinha a contribuir para o nosso estado uma vila paralímpica. Hoje, a Paraíba é uma potência, tanto nacional como mundial. Temos de carros-chefes eu e o Cícero, que estamos aí há mais tempo, mas tem uma leva de novos atletas, novos talentos, que estão surgindo, que estão sendo trabalhados aqui. Então, como o João Azevêdo já falou, isso seria importante não só para abraçar João Pessoa e a Paraíba, mas para abraçar, quem sabe, o Nordeste, e isso é muito importante para o crescimento do esporte paralímpico. O tanto que já vem crescendo e com esse incentivo que o governo vem nos dando, vai aumentar cada vez mais o número de atletas representando o nosso estado, representando o nosso país”, garante Petrucio.



Fotos: Carlos Rodrigo

Petrucio Ferreira e Cícero Nobre já treinam normalmente na pista de atletismo da UFPB

PAN-AMERICANOS DE 2031

Rio e Niterói buscam sediar os Jogos

Cidades entregam ao COB dossiê da postulação da candidatura conjunta, sendo descartado o interesse de São Paulo

Agência Estado

Os prefeitos do Rio de Janeiro e de Niterói, Eduardo Paes e Rodrigo Neves, respectivamente, entregaram ao presidente do Comitê Olímpico do Brasil (COB), Marco La Porta, o dossiê da postulação da candidatura conjunta das duas cidades para receber os Jogos Pan-Americanos e Parapan-Americanos de 2031. A cerimônia aconteceu, na última quinta-feira (16), no centro de treinamento do Time Brasil, na capital fluminense.

São Paulo também havia demonstrado interesse em sediar a competição, entregando a carta de intenções durante os Jogos de Paris, mas desistiu de formalizar a proposta. O prefeito Ricardo Nunes e o governador Tarcísio de Freitas discutiram o tema na reunião, data-limite para a entrega do dossiê, e decidiram apoiar Rio-Niterói, com base na "relevante infraestrutura disponível das duas cidades", comunicou a Prefeitura de São Paulo, em nota.

Cada país pode indicar apenas um representante como candidato aos Jogos continentais de 2031 à PanAm Sports, entidade máxima do esporte pan-americano, até 31 de janeiro. Além da candidatura Rio-Niterói, por

enquanto, apenas Assunção, no Paraguai, demonstrou interesse em receber o evento.

"Realizar os Jogos Pan-Americanos ou os Jogos Olímpicos é uma tarefa árdua e uma responsabilidade enorme, mas temos esse projeto

Rio-Niterói muito bem integrado. Esses grandes eventos são oportunidades de transformação da vida das cidades porque acabam atraindo mudanças demandadas por essas cidades", afirmou o prefeito do Rio, Eduardo Paes.

"Temos uma geração nova que não viveu aquele Pan de 2007 e que pode viver o de 2031. Nossas cidades têm estrutura para receber grandes eventos internacionais. A ideia é fazer candidaturas sustentáveis,

de compartilhar custos, uma inovação na proposta do Brasil em candidaturas", explicou Rodrigo Neves, prefeito de Niterói.

A cidade-sede dos Jogos Pan-Americanos de 2031 será escolhida em agosto,

no Paraguai, durante a realização do Pan Júnior. Em 19 edições, São Paulo (1963) e Rio de Janeiro (2007) foram as cidades brasileiras que receberam o evento, que em 2027 será realizado em Lima, no Peru.



Salto ornamental é uma das modalidades dos Jogos Pan-Americanos, que, em 2031, podem acontecer no Brasil ou na cidade de Assunção, no Paraguai

Foto: Marina Ziehe/COB

GINASTAS

Rebeca Andrade participa de evento nos EUA com Simone Biles

Agência Estado

Cinco meses após fazerem história na Olimpíada de Paris 2024, Rebeca Andrade e Simone Biles voltaram a se encontrar, desta vez fora das competições. A brasileira e a americana, considerada a maior de todos os tempos por muitos, participaram de um evento de patrocinadores em Nova York, nos Estados Unidos, nesta semana.

O encontro, promovido pelo evento VTeX Connect, foi rápido. Mas as ginastas puderam conversar por alguns minutos. "Foi muito legal encontrar a Simone, poder dar um abraço e ver o que estamos construindo dentro da modalidade. Não só pelas medalhas, pelas conquistas, mas pelo exemplo de respeito e pelos valores", comentou Rebeca.

"Essa foi a primeira vez que participamos de um evento, que seja, o primeiro de muitos. Que a gente tenha mais oportunidades de falar do nosso esporte, das nossas trajetórias e seguir inspirando o público", disse a ginasta brasileira, dona de seis medalhas olímpicas, sendo duas de ouro.

Uma delas foi conquistada justamente sobre Biles em Paris 2024, quando a brasileira foi a melhor na prova do solo. A disputa foi marcada por uma emocionante cerimônia de premiação, na qual Biles e a americana Jordan Chiles, que então ficara com o bronze, fizeram uma reverência à brasileira.

No evento em Nova York, as duas ginastas americanas repetiram o gesto no palco do evento — Chiles viria a per-

der a medalha dias depois por uma reavaliação das notas, sendo que o caso gerou forte repercussão e ainda está sendo avaliado pelas autoridades esportivas.

Rebeca passou suas férias nos Estados Unidos nas últimas semanas. Nesse período, passou pela famosa cidade e até assistiu a uma partida do New York Knicks, pela NBA. De acordo com a equipe da brasileira, a ginasta já está de volta ao Brasil e retomará os treinos ainda nesta semana.

■ Rebeca passou férias nos Estados Unidos nas últimas semanas



Rebeca abraça a norte-americana Simone Biles no VTeX Connect, nos Estados Unidos

Foto: Reprodução/Instagram

FÓRMULA 1

Aston Martin pode desembolsar R\$ 7,4 bilhões por Verstappen

Agência Estado

A dança das cadeiras agitou o mercado de pilotos da Fórmula 1 em 2024 e promete repetir a dose em 2025. Logo nos primeiros dias do ano, surgem rumores de uma possível investida da Aston Martin para contar com o tetracampeão mundial Max Verstappen na equipe.

De acordo com o jornal britânico Daily Mail, a Aston Martin prepara uma oferta de 1 bilhão de libras (R\$ 7,4

bilhões) para ter Verstappen pelo restante de sua carreira na Fórmula 1. O holandês tem 27 anos e possui contrato com a Red Bull até o fim de 2028.

No entanto, a Red Bull passou por grandes turbulências no início de 2024 e viu o mestre da aerodinâmica Adrian Newey deixar o time rumo à Aston Martin, local em que pode reencontrar Verstappen. O holandês conquistou o quarto título consecutivo, mas guarda te-

mores em relação ao futuro da escuderia austríaca.

Em 2026, haverá mudanças grandes na Fórmula 1 com a introdução de um novo regulamento de motores, com a simplificação das unidades de potência e implementação de um combustível renovável. A Red Bull deixará de ter os motores Honda e terá parceria com a Ford. Os japoneses serão os fornecedores oficiais da Aston Martin, outro ponto que pode favorecer os interessados em Vers-

tappen, que deve aguardar o desenvolvimento do carro para avaliar uma eventual mudança de ares.

Segundo o jornal britânico, o holandês fatura anualmente cerca de R\$ 370 milhões e entende-se que a oferta de um contrato quatro vezes maior convenceria Verstappen.

Atualmente, a Aston Martin conta com Fernando Alonso e Lance Stroll como pilotos, mas o espanhol já tem 43 anos — idade consi-

derada avançada para a F1 —, enquanto o canadense é filho do dono da escuderia, Lawrence Stroll, mas não é bem conceituado diante das novas ambições da equipe. O brasileiro Felipe Drugovich é o piloto reserva.

Os treinos de pré-temporada da Fórmula 1 estão programados para acontecer no Bahrein, entre os dias 26 e 28 de fevereiro. O campeonato começa no fim de semana dos dias 14 e 16 de março, em Melbourne, na Austrália.

Treinos

As atividades na Fórmula 1, neste ano, começam entre os dias 26 e 28 de fevereiro, no circuito do Bahrein, mas o campeonato só se inicia em março

MUNDIAL DE CLUBES

Bebeto aposta nos times brasileiros

Tetracampeão em 1994, o ex-jogador vê com otimismo as chances de Botafogo, Flamengo, Fluminense e Palmeiras

O lendário atacante campeão mundial fala à Fifa sobre a expectativa em torno do novo Mundial de Clubes e responde com otimismo sobre as chances de Botafogo, Flamengo, Fluminense e Palmeiras. Tudo por conta das ótimas memórias que ele tem dos Estados Unidos em 1994.

O lendário atacante falou sobre como os laços entre o futebol brasileiro e os Estados Unidos, forjados com a conquista do tetra, podem ser positivos para Botafogo, Flamengo, Fluminense e Palmeiras brilharem no Mundial de Clubes da Fifa.

Os Estados Unidos são reconhecidos como referência no esporte no mais amplo sentido. Não só pelo alto rendimento em dezenas de modalidades, mas também por conta de uma infraestrutura magnífica, mais que pronta para receber os maiores eventos.

Como é o caso da edição inaugural do renovado Mundial de Clubes da Fifa, que lá será jogado entre 14 de junho e 13 de julho, reunindo 32 dos melhores times do futebol internacional.

Dois clubes classificados estarão realmente jogando em casa: Inter Miami e Seattle Sounders. Agora, há mais quatro equipes que talvez possam se sentir bastante confortáveis ao jogar em gramados norte-america-



Bebeto em ação na Copa do Mundo de 1994, nos Estados Unidos, palco da quarta conquista da Seleção Brasileira, onde formou o ataque com Romário

nos: Botafogo, Flamengo, Fluminense e Palmeiras, o quarteto que faz do Brasil o país com o maior número de representantes no torneio.

Mas, como assim? Eles não terão de jogar mais de seis mil quilômetros longe de suas cidades? Sim, estão. A questão aqui é que a distância geográfica pode ser atenuada por uma proximidade cultural e, talvez mais importante, pela memória afetiva que grandes estádios dos EUA podem despertar nos torcedores brasileiros — e nos craques.

“Os Estados Unidos são uma coisa muito forte para nós, porque foi lá que a gente conseguiu o tetracampeonato mundial em 1994”, afirmou à Fifa o ex-atacante Bebeto,

um dos protagonistas da conquista da Copa do Mundo da Fifa três décadas atrás. “Então a gente gosta de jogar ali, né? A gente se sente bem. Então vai ser muito importante ali para os [clubes] brasileiros”.

Bebeto, por sinal, brilhou com a camisa de 50% dos clubes brasileiros classificados: pelo Flamengo no início de sua carreira e pelo Botafogo já

na reta final. “Eles fazem parte da minha carreira, então tenho muito carinho pelos dois. Espero que possam fazer um grande campeonato e, quem sabe, até ganhar”, disse.

Enfrentar os gigantes europeus e os melhores times das demais confederações obviamente não será tarefa simples: “Na Europa, todo mundo conhece: temos o

Real Madrid e outras equipes que vêm fortes”.

Mas Bebeto não se acanha e manifesta confiança no potencial do quarteto de seu país em gramados americanos. “Os clubes brasileiros vão fortes também. Eles têm grandes jogadores e são grandes equipes e vão lutar pelo título, não tenha dúvida disso”, afirmou.

MEMÓRIA FIFA

Klose ainda segue como o maior artilheiro de Copas do Mundo

Foi talvez o resultado mais chocante da história da Copa do Mundo da Fifa. A vitória de 7 a 1 da Alemanha sobre o Brasil na semifinal de 2014 deixou os até então esperançosos torcedores da seleção anfitriã mergulhados em um misto de desespero e incredulidade no Mineirão.

O surpreendente placar virou manchete em todo o mundo e o jogo também viu como um oportunista centroavante alemão superou um ídolo brasileiro como o maior artilheiro da Copa do Mundo.

Miroslav Klose tinha igualado o recorde de gols anterior, de Ronaldo, um pouco antes no torneio, ao

marcar o seu 15º gol na competição, no empate em 2 a 2 com Gana, na fase de grupos.

Klose já tinha 36 anos nessa altura, mas o gol que permitiu que ele superasse o Fenômeno provou que ele não tinha perdido o seu instinto de matador. Ele foi o autor do segundo gol da sua seleção naquela semifinal extraordinária, batendo de dentro da área no rebote do seu primeiro chute, espalmado pelo goleiro Júlio César.

Doze anos antes, Klose tinha começado a sua carreira no Mundial com um desempenho impressionante em outra goleada da Alemanha. Na sua primeira participação no maior torneio do futebol, ele marcou três vezes de ca-

beça na vitória por 8 a 0 sobre a Arábia Saudita, na República da Coreia/Japão 2002.

A Chuteira de Ouro Adidas foi o primeiro prêmio para os maiores artilheiros do torneio, em 1982, sob o nome de Sapato de Ouro. Foi renomeado Chuteira de Ouro em 2010. Os segundo e terceiro melhores são premiados com a Chuteira de Prata Adidas e Chuteira de Bronze Adidas respectivamente.

Ele voltou a balançar a rede outras duas vezes naquele torneio, em que a sua seleção terminou como vice-campeã ao perder a final para o Brasil de Ronaldo. Quatro anos mais tarde, mostrou a sua qualidade como artilheiro mais uma

vez, quando o seu país natal foi a sede da competição.

Klose começou na Alemanha de 2006 em grande estilo, com dois gols no triunfo sobre a Costa Rica por 4 a 2. Mais três se seguiram na campanha dos donos da casa rumo ao terceiro lugar. Garantido como artilheiro do torneio, ele recebeu a Chuteira de Ouro da Adidas.

Já na África do Sul 2010, o atacante ajudou os alemães a começarem com tudo. Aos 32 anos, ele deixou a sua marca na goleada sobre a Austrália, por 4 a 0, na estreia em Durban.

Nesse ponto da sua carreira, Klose era um dos atletas mais experientes de um vibrante selecionado ger-

mânico, que mostrou um futebol que esteve entre os mais entusiasmantes do torneio. Implacável diante do gol, ele ajudou a sua equipe a terminar mais uma vez na terceira colocação, balançando a rede na emocionante eliminação da Inglaterra, por 4 a 1, nas oitavas de final, e fazendo outros dois no arrasador triunfo sobre a Argentina, por 4 a 0, nas quartas.

Quando o Brasil 2014 chegou, aquele grupo excepcional de jogadores alemães, que incluía nomes como Manuel Neuer, Phillip Lahm, Toni Kroos, Mesut Özil e Thomas Müller, estava no seu auge. Em Klose, eles contavam com um insaciável e calejado artilheiro, que estava a apenas um gol do recorde de artilharia de Ronaldo.

Com os seus chutes certos contra Gana e a seleção

da casa, Klose se imortalizou. Ainda assim, mostrou humildade ao minimizar a chuva de elogios dirigidos a ele.

“Tenho que prestigiar a minha equipe, porque nunca poderia ter feito isso sem ela”, disse Klose para a Fifa após superar a marca do Fenômeno. “Marcar 16 gols na Copa do Mundo é uma coisa com a qual você normalmente só sonha. Pessoalmente, não me considero um ídolo, mas isso com certeza é uma coisa incrível”.

Cinco dias depois, o alemão pôs as mãos no troféu que mais desejava quando a sua seleção derrotou a Argentina na final para conquistar o tetracampeonato. Logo depois, Klose se despediu da seleção, entrando para a história como um dos maiores nomes da Copa do Mundo.



Miroslav Klose marca o segundo gol da Alemanha na humilhante vitória sobre o Brasil na Copa de 2014, no Mineirão

Jogadores que já fizeram 10 ou mais gols na Copa do Mundo

- 1º — Miroslav Klose (Alemanha): 16
- 2º — Ronaldo (Brasil): 15
- 3º — Gerd Müller (Alemanha Ocidental): 14
- 4º — Just Fontaine (França): 13
- 5º — Lionel Messi (Argentina): 13
- 6º — Kylian Mbappé (França): 12
- 7º — Pelé (Brasil): 12
- 8º — Jürgen Klinsmann (Alemanha Ocidental/Alemanha): 11
- 9º — Sándor Kocsis (Hungria): 11
- 10º — Gabriel Batistuta (Argentina): 10
- 11º — Teófilo Cubillas (Peru): 10
- 12º — Grzegorz Lato (Polónia): 10
- 13º — Gary Lineker (Inglaterra): 10
- 14º — Thomas Müller (Alemanha): 10
- 15º — Helmut Rahn (Alemanha Ocidental): 10

CAMPINENSE X TREZE

Clássico dos Maiorais movimentada Campina Grande

No último confronto, válido pelo Campeonato Paraibano de 2024, o Galo venceu por 3 a 0

Danrley Pascoal
danrley.p.c@gmail.com

Campinense e Treze fazem, hoje, o Clássico dos Maiorais, pela terceira rodada do Campeonato Paraibano, às 16h, no Amigão. O jogo coloca frente a frente duas das equipes mais vencedoras do certame local. A Raposa tem 22 conquistas, enquanto o Galo, 17. O site ogol.com.br registra 99 jogos no confronto, com 30 vitórias do Rubro-Negro, 39 empates e 30 triunfos do Alvinegro.

Na primeira rodada, tanto Campinense quanto Treze decepcionaram seus torcedores. A Raposa perdeu por 1 a 0 para o Serra Branca; já o Galo empatou por 1 a 1 com o Auto Esporte, após sofrer um golão de falta na reta final da partida. As duas equipes não entraram em campo no meio de sema-

quitar o resultado positivo. Tivemos um critério no jogo passado condicionado pelo bom treino contra o Náutico, mantemos a base, depois ficamos sem o nosso lateral-direito. Mudamos algumas situações e não funcionou. Em cima disso, nós estamos procurando a melhor opção para fazer um grande clássico. São situações que estamos trabalhando”, complementou Rodrigo.

O técnico ressaltou que entende a importância de um triunfo contra o rival. Para a sequência da temporada e para ganhar a confiança do torcedor, é essencial conquistar os três pontos. “Sem dúvida, acho que uma vitória no clássico dá uma moral, estabelece uma confiança. A equipe vinha com uma confiança muito boa, principalmente depois daquele jogo-treino contra o Náutico. Infelizmente, não conseguimos uma vitória na estreia, mas gostei da forma como nossa equipe jogou. Infelizmente, não aconteceu aquilo que nós estávamos esperando. Faltou um algo mais. Espero que esse algo mais apareça no clássico”, disse.

Lado alvinegro

A estreia do Treze teve um sabor amargo, sendo ofuscada pelo belo gol de falta de Doido de Mandacaru, que garantiu o empate para o Macaco Autino. Agora, o treinador Renatinho Potiguar espera um desfecho diferente para o Clássico dos Maiorais. Ele falou sobre o cenário projetado para o duelo contra o Campinense.

“Um clássico sempre se torna um jogo diferente, envolvendo muitas coisas. Eu acho que vai ser um jogo importante. Nossa equipe precisa do resultado, e vamos procurar fazer o melhor possível. Será um jogo difícil, mas estamos preparados para ter uma grande atuação”, ressaltou Renatinho.

“A partida envolve toda a população da cidade, quem torce para o Treze e quem torce para adversário. Então o clássico tem outra atmosfera. É um outro campeonato, sempre vai ser. Estamos concentrados, passando essa responsabilidade para todos que estão envolvidos no projeto do Treze em 2025.

É preciso entender que num clássico não há favorito, independente da situação de cada clube. Conhecemos o adversário e os profissionais que lá estão. Logo, é um jogo meio a meio”, afirmou o técnico.

Após a primeira partida pelo Estadual e dois jogos pela Copa do Nordeste, Renatinho disse que já detectou alguns pontos fracos de sua equipe e tem trabalhado para corrigir as fraquezas apresentadas.

“Nós estamos deixando a desejar um pouquinho nas finalizações, temos que procurar trabalhar e passar tranquilidade para os atletas para que possamos, no clássico, concluir bem as ações e converter as chances criadas em gols. Esse é o principal detalhe que falta para nossa equipe”, comentou o treinador.

Divisão de torcidas

No Clássico dos Maiorais, a torcida do Campinense, o mandante do confronto, fica-

rá no setor Arquibancada Sombra. A torcida do Treze, que será o visitante, ocupará a Arquibancada Sol. O setor das Cadeiras está reservado para receber torcedores dos dois times, numa espécie de setor misto, onde os torcedores do Galo não poderão usar a camisa do clube.

As entradas para o confronto podem ser adquiridas pelos seguintes valores: Sombra (Campinense): R\$ 60 a inteira e R\$ 30 a meia; Sol (Treze): R\$ 60 a inteira e R\$ 30 a meia; Cadeiras (zona mista): R\$ 100 a inteira e R\$ 50 a meia. Os ingressos podem ser adquiridos até o intervalo da partida, nas bilheteiras do Amigão.

Tarifa zero

A Prefeitura de Campina Grande informou que todas as linhas de ônibus da cidade estarão com tarifa zero hoje. A medida privilegia os torcedores de Campinense e Treze, que devem comparecer em grande número para o primeiro clássico da temporada. O anúncio foi feito pelo prefeito Bruno Cunha Lima nas suas redes sociais.

Arbitragem

A árbitra Ruthyanna Camila Medeiros da Silva apita o Clássico dos Maiorais. Rafael Guedes de Lima e Arlindo Nascimento dos Santos

serão os assistentes. José de Arimatéia Freires da Silva é o quarto árbitro.

Outros jogos

A terceira rodada terá mais um jogo nesta tarde: Esporte e Sousa jogam no José Cavalcanti, em Patos, às 17h. Além disso, amanhã, o Serra Branca recebe o Pombal no Amigão. O quinto e último confronto da rodada será Nacional x Picuiense, no José Cavalcanti, na quarta-feira (22), às 20h15.

na, pela segunda rodada; seus jogos foram adiados.

No último encontro entre os clubes, também pelo Campeonato Paraibano, o Treze venceu por 3 a 0. O confronto ocorreu em março de 2024. Na oportunidade, Thiaguinho marcou duas vezes, e Edmundo decretou o placar final.

Lado rubro-negro

Antes da partida, Rodrigo Fonseca concedeu entrevista coletiva e falou sobre a expectativa para o Clássico dos Maiorais. O treinador fará sua segunda partida oficial no comando do Campinense, tendo pela frente o principal rival.

“É uma situação diferente que estamos

vivenciando. Que possamos fazer um bom clássico e conquistar nossa primeira vitória na competição. Estamos trabalhando da melhor maneira possível. É lógico que existem cobranças, mas também temos o entendimento de que há um trabalho sendo feito. É o início de um trabalho, na verdade, sendo apenas a segunda rodada; porém, já é um clássico”, comentou. “Temos que fazer o nosso melhor para con-

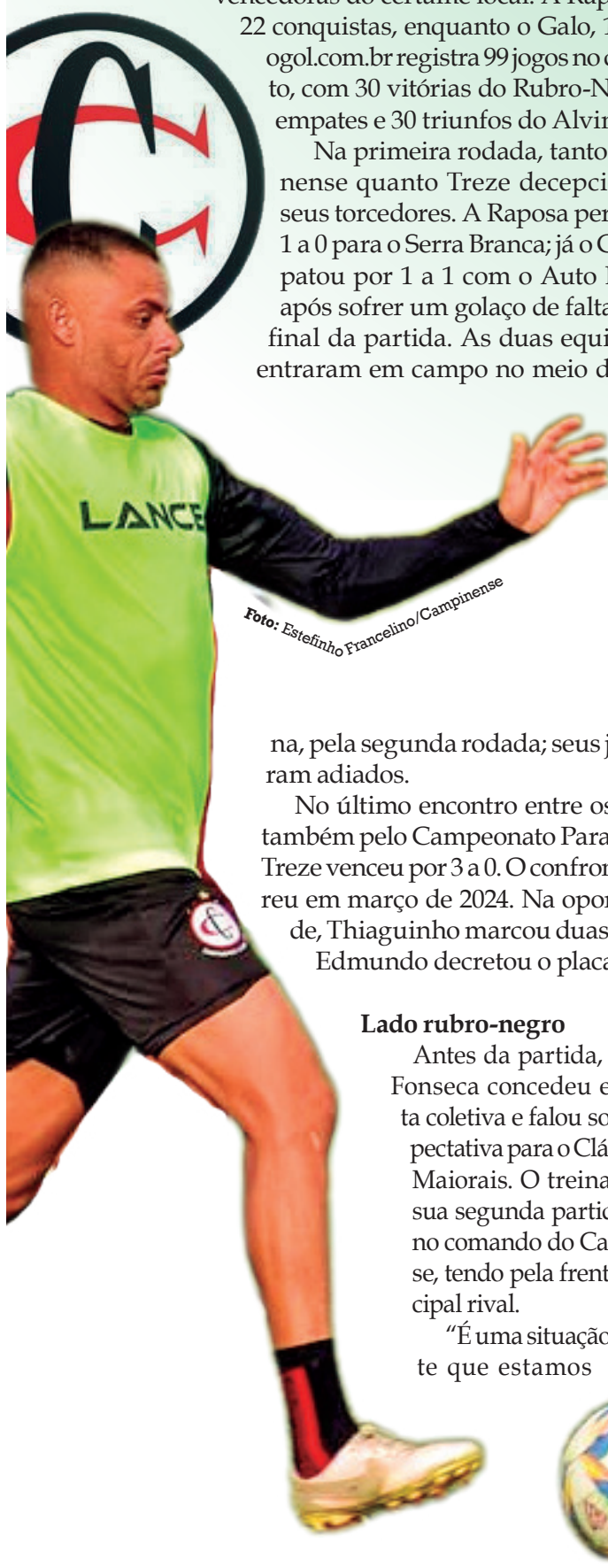


Foto: Estefinho Francelino/Campinense



Foto: Daniel Vieira/Treze

Jogadores de Campinense e Treze estão motivados para o primeiro clássico do ano

JOGOS DE HOJE

■ Carioca

17h
Portuguesa x Madureira
19h
Boavista x Vasco
20h
Bangu x Volta Redonda
21h
Flamengo x Nova Iguaçu

■ Paulista

16h
Mirassol x Água Santa
São Bernardo x Bragantino
18h30
Corinthians x Velo Clube
20h30
Ponte Preta x Santos

■ Alagoano

16h
ASA x Penedense
CSE x CSE

■ Baiano

16h
Vitória x Jacuipense
18h30
Jacobina x Bahia

■ Cearense

16h
Floresta x Barbalha
18h30
Ferroviário x Horizonte

■ Pernambucano

16h
Santa Cruz x Afogados
18h
Central x Náutico

■ Potiguar

15h
Baraúnas x Globo

■ Sergipano

16h
Itabaiana x Sergipe

■ Piauiense

15h45
Oeirense x 4 de Julho
16h
Fluminense-PI x Atlético-PI

■ Maranhense

15h30
Viana x Sampaio Corrêa

MALHA FERROVIÁRIA

Nos trilhos de uma memória forjada a ferro

Na Paraíba, as estradas de ferro tinham mais de 600 km que se estendiam do Litoral ao Sertão e se cruzavam com ramais que conduziam aos demais estados



Hoje, trem da CBTU (acima, à esq.), que liga João Pessoa a Cabedelo; em 1949, locomotiva a vapor (acima, à dir.) com uma carga de fardos de algodão para exportação no pátio da estação de Campina Grande; mapa da malha ferroviária da Paraíba na GWBR (abaixo), em 1904 (detalhe para o pontilhado em vermelho no prolongamento do ramal Itabaiana-CG, inaugurado em 1907)



Marcos Carvalho
marcoscarvalhojor@gmail.com

Até a segunda metade do século passado, o destino de muitos brasileiros passava pelos trilhos. Somente no Nordeste, a malha ferroviária chegou a 4.500 km. Na Paraíba, eram 640 km de estradas de ferro que se estendiam do Litoral ao Sertão e se cruzavam com ramais que conduziam aos demais estados. Situação bem diferente de hoje, onde permanecem as lembranças e memórias resgatadas por meio de relatos históricos, registros fotográficos e movimentos que buscam, ao menos, recuperar as antigas estações nos municípios.

Jônatas Rodrigues trabalha no ramo de eventos, mas a paixão por tudo que envolve trens e o mundo ferroviário vem da infância, quando brincava com o Ferrorama do tio. Natural de Campina Grande, costumava atravessar a linha férrea nas imediações da Avenida Almeida Barreto para ir à escola e ficava fascinado quando via as grandes locomotivas de carga. Já adulto, o deslumbramento se transformou em curiosidade. Ele começou a pesquisar em sites, livros e museus até que criou o *blog História Ferroviária Paraibana*, para compartilhar um pouco dos seus achados com outros interessados no tema.

“Muitos pesquisadores, Brasil afora, têm se esforçado para preservar e transmitir um pouco dessa história gloriosa. No meu caso, tento passar de forma detalhada e correta um pouco da história ferroviária paraibana através do *blog*, trazendo histórias, imagens e curiosidades de nossa ferrovia a todos que se interessam em um passado que gradativamente está sendo esquecido, o que é lamentável. Para quem é amante da ferrovia, como eu, é triste ver estações abandonadas, muitas delas destruídas”, desabafa.

Disponibilizar os resultados de suas pesquisas foi a forma encontrada pelo campinense para garantir a transmissão de conhecimento às futuras gerações. Jônatas relata que o primeiro trecho de ferrovia, inaugurado na então Província da Paraíba, ocorreu em 7 de setembro de 1883, ligando a capital até Mulungu, que à época ainda era povoado. Dois meses depois, os trilhos chegariam até Pilar; no ano seguinte, até Independência (atual Guarabira) e, no fim do Império, até a então povoação de Cabedelo. Na República, a expansão ferroviária prosseguiu até o fim da década de 1950, incluindo ramais de trem que seguiam até Alagoa Grande, Itabaiana e Timbaúba, esta última a primeira ligação com Pernambuco; depois até Nova Cruz, conectando a Paraíba ao Rio Grande do Norte; e, por fim, ao Ceará, com a inauguração de linhas que passavam pelas cidades paraibanas de São

João do Rio do Peixe, Cajazeiras, Sousa, Pombal, Malta e Patos. Os trilhos chegaram ainda a Bananeiras e contemplaram um trecho entre Sousa e Mossoró, no Rio Grande do Norte.

O declínio da malha ferroviária teve início na década de 1960, durante o Governo Militar. Ramais como o de Cajazeiras, Alagoa Grande e Bananeiras foram desativados, seguindo-se a retirada dos trilhos. Em 1980, o tráfego de passageiros no estado foi suspenso, circulando apenas os trens de carga. Em 1982, com a criação da Companhia Brasileira de Trens Urbanos (CBTU), o transporte de passageiros foi retomado em várias capitais, entre elas João Pessoa, e cidades vizinhas. Jônatas Rodrigues alega que, com a privatização do transporte ferroviário, em 1997, a malha ferroviária paraibana teve um declínio acentuado, muitas estações fecharam e as linhas se tornaram ociosas ou foram abandonadas, processo que se prolongou até o fim da década de 2000 e início da década de 2010. Dentre as causas, ele cita a falta de investimentos na manutenção e modernização da infraestrutura, a concorrência do transporte rodoviário e a ausência de projetos e políticas públicas para o setor, que foi abandonado com as mudanças de governos.

“A importância da ferrovia na Paraíba foi sem igual. Inúmeras localidades foram ligadas via férrea a outras criadas e muitas outras se desenvolveram a partir da introdução do ‘cinturão de ferro’ em território paraibano. O escoamento dos produtos como o algodão, sisal, açúcar e minério, entre outros, foi agilizado em vez das vagarosas e perigosas viagens em lombo de animais, carros de boi ou mesmo a pé, transportes que predominavam nos primórdios da colonização em quase todo o território nacional, que duravam dias ou mesmo meses para serem concluídas”, destaca Rodrigues.

Estação como morada

As lembranças de infância também motivaram o jornalista Josélio Carneiro

a escrever o livro *Nos trilhos da memória: pare, olhe, escute* (Letras e Versos). Como filho, neto e sobrinho de ferroviários, ele se diz um menino de “beira de linha”, porque nasceu e cresceu no entorno das ferrovias. No tempo em que seu pai, João Maria de Araújo, era funcionário da Rede Ferroviária Federal (RFFSA), permitia-se que o chefe do serviço morasse com a família no prédio da própria estação. Mesmo quando seu pai se tornou telegrafista, a moradia era sempre próxima ao local.

“Eu tenho a lembrança do meu pai como chefe da estação. Quando o trem chegava, era ele que dava a licença ao maquinista para o trem partir, mas tinha também o funcionário que batia o sino pra dar sinal de que podia seguir. Na Estação de Nova Cruz [RN], onde a gente morou um bom tempo, havia muito movimento, passavam trens vindo de Natal e do Recife em direção a João Pessoa. Essas memórias e outras relatadas por minha mãe me levaram a fazer anotações e produzir esse livro, em 2023”, contou o jornalista.

O resgate, que também inclui registros fotográficos do acervo pessoal, percorre a história da ferrovia na Paraíba a partir da trajetória familiar do escritor e traz entrevistas com defensores da preservação da memória da ferrovia paraibana, a exemplo do próprio Jônatas Rodrigues, e de personalidades envolvidas na revitalização das antigas estações abandonadas nos municípios.

Em Campina Grande, prédio da Estação Velha tornou-se um equipamento cultural: o Museu do Algodão



Segundo o autor, o livro tem contribuído para fortalecer a mobilização em defesa do patrimônio ferroviário na Paraíba. Ele destaca, por exemplo, a revitalização das estações de Guarabira e Sousa, transformadas em espaço cultural, turístico e de lazer, que incluem praça de convivência e quadras esportivas. Reformas que estão sendo feitas também na estação ferroviária de Alagoa Grande. Com um grupo, foi levado adiante a proposta de uma sessão especial na Assembleia Legislativa da Paraíba (ALPB) para tratar do tema, que acontecerá ao longo do ano. A luta tem sido pela revitalização da área no entorno das estações para visitação e a transformação dos prédios em bibliotecas, memoriais ou museus.

“No passado, no Brasil e no mundo todo, onde surgia uma estação de trem surgia a evolução: primeiro um povoado, depois uma vila, depois a cidade. O trem tem sua importância como transporte de passageiros, de carga e no desenvolvimento das cidades. Ainda hoje é importante em muitos países, como na Europa e nos EUA. Dos países de grande extensão territorial, eu costumo dizer que só o Brasil está fora dos trilhos: parou no tempo a partir dos anos 1960 e deixou de investir na ferrovia”, lamenta o pesquisador.

Ainda que a malha ferroviária paraibana atualmente se restrinja à Grande João Pessoa (CBTU), e os muitos quilômetros de trilhos no estado tenham ficado no passado, tanto Jônatas como Josélio ainda acreditam em um futuro diferente. O campinense voltou a sonhar com os projetos da volta da ferrovia de cargas em território paraibano e o plano de implantar o sistema de VLT (Veículo Leve sobre Trilhos), em um trecho de 15 km no perímetro urbano de Campina Grande. O jornalista, por sua vez, ainda espera que um dia o Brasil desperte para investir em ferrovias a partir de parcerias entre o Governo Federal e a iniciativa privada. “Se hoje em dia existisse uma boa malha ferroviária funcionando, isso ajudaria bastante na economia, na agropecuária e no turismo. Já pensou alguns trens fazendo turismo aqui na Paraíba, no Brejo e na região de Campina Grande, enfim?”, imagina Josélio Carneiro.

Foto: Leonardo Azeite

Foto: Reprodução/Blog HFP

Imagem: Reprodução/Blog HFP

Foto: Julio Cesar Torres



“Caboclinho inteligente” foi gráfico com passagens em jornais como O Norte, Correio da Paraíba e A União (neste último, passou quase 50 anos), além de ser um famoso seresteiro nas rádios locais

Ilustração: Paulo

Benigno de Carvalho

Gráfico paraibano que cantava a boemia

Esmejoano Lincoln
esmejoanolincoln@hotmail.com

O repórter que escreve esta matéria é colecionador de discos e ganhou do colega de Jornal A União, o gerente operacional de diagramação, Paulo Sérgio, uma sacola de compactos de vinil, com títulos dos anos 1970 e 1980. Entre canções de Bonnie Tyler e Markinhos Moura, estava o *single* “Tambá”, de um certo Benigno de Carvalho. Foi o próprio Paulo quem nos contou de quem se tratava: aquele intérprete também havia sido funcionário de A União, acumulando as carreiras de gráfico e de seresteiro famoso nas rádios locais. A reportagem sobre o personagem desta semana do Quem Foi? tem como base o depoimento de seus filhos e dos amigos, além de sua autobiografia, *O Gráfico que Canta* (Editora Sal da Terra, 2006).

Graças ao livro, ficamos sabendo de algumas curiosidades interessantes, narradas em primeira pessoa ou “cronicadas” por colegas de trabalho. A obra também compila alguns textos jornalísticos que davam conta dos shows e dos lançamentos fonográficos do artista. Foi pai de 32 filhos (sendo 12 do casamento com a esposa, Maria da Penha); era aclamado pelo famoso Padre Zé, que lhe chamou de “caboclinho inteligente” ao encontrar o boêmio em certa ocasião; e dividiu o palco com Jackson do Pandeiro, durante programa ao vivo no Rádio Tabajara, nos anos 1940.

Em prefácio escrito para a autobiografia, Benigno recorda que nasceu em 1926, na cidade de Parahyba, antes de ela vir a se chamar João Pessoa. Rosa e Joaquim, seus pais, faleceram cedo; como filho mais velho, herdou a função de provedor da casa e de seus 11 irmãos — isso aos 14 anos de

idade, segundo seu próprio relato. Graças à amizade do pai com o governador Rui Carneiro, conseguiu um emprego em A União, que, na época, estava a cargo de Ascendino Leite. Começava ali um vínculo de 48 anos como gráfico do periódico oficial do Governo do Estado, profissão que se tornou herança para a geração seguinte: cinco dos filhos de Benigno também trabalharam na área.

Neste jornal, dentre as funções que assumiu, destaca-se a de fotolitoógrafo. Benigno preparava as folhas de filmes transparentes que seriam utilizadas como matriz para impressão dos textos e das fotos. Na sua autobiografia, o seresteiro não fala sobre como a música chegou em sua vida, mas revela que foi por indicação da cantora Esmeralda da Silva que conseguiu sua primeira grande oportunidade como cantor: ela sugeriu que o artista não descoberto cantasse no Rádio Tabajara. Nessa primeira experiência, Benigno apresentou sua composição “Leão do norte”, embolada escrita em homenagem a Pessoa de Queiroz, empresário nordestino da comunicação.

O sucesso dessa sua primeira aparição lhe garantiu acesso permanente aos programas de rádio — nascia aí o *crooner* e seresteiro, cuja trajetória na música foi levada em paralelo ao trabalho como gráfico. Ainda nos anos 1940, antes de completar 20 anos, gravou o primeiro compacto de uma série de discos, que foi digitalizada e lançada extraoficialmente em CD, nos anos 2000. Sua presença era frequente em programas da Tabajara, como *Show em Terceira Dimensão* e *Matinal do Guri*, acompanhado por outros músicos conhecidos na época: Paulo-Guy Videres, Pascoal Carriho e Guly Rosendo.

Benigno tinha como ídolo o cantor alagoano Augusto Calheiros: o chamado “Patativa do Norte” hospedou-se certa vez na extinta Pensão Aurora, situada na Praça 1817, em João Pessoa, e presenteou o nosso biografado com uma foto. A partir desse incidente, vale a pena recorrer ao texto do nosso biografado para ilustrar esse e outros momentos de sua vida: “Um impressor de A União que se chamava Romeu viu Calheiros debruçado na janela; era cinco horas da manhã, nós fomos ao encontro de Calheiros conhecê-lo e levar um jornal para ele”, contou ele em *O Gráfico que Canta*. Anos depois, trabalhando como taxista, para complementar a renda, conheceu a viúva de Augusto, que visitava a capital paraibana.

A propósito de seu “bico” como motorista, Benigno relatou em seu livro episódio pitoresco: afirmou ter recebido de Deus uma mensagem sobre a enfermidade de uma “senhorita de nossa melhor sociedade”, cujo pai era seu passageiro. Ele ajudou a jovem com o tratamento, sem revelar à família que se tratava de uma infecção sexualmente transmissível; na velhice, tornou-se evangélico. O amigo de praça João Pedro da Silva, conhecido como Cabeça Branca, recorda as vezes em que foi levado por Benigno para participar do *Big Show do Bolinha*, na Rádio Tabajara: “Já maduro, tive o prazer de conduzi-lo muitas vezes ao ponto de ônibus. Ele mantinha o prazer de cantar”.

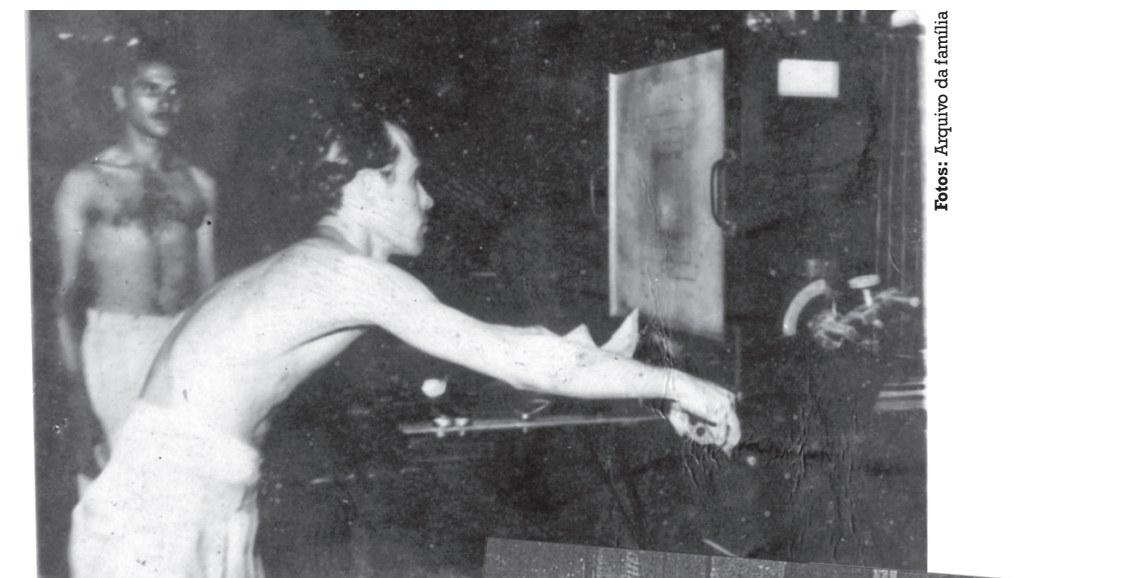
O talento de Benigno como gráfico foi reconhecido para além das dependências de A União. Forneceu, por exemplo, consultoria para o *Correio da Paraíba*,

quando o jornal transicionou para a impressão *offset* (nessa técnica, a tinta não é aplicada diretamente no papel). Trabalhou ainda realizando funções similares em outros veículos impressos, como *O Norte*: para esse periódico, criou, ele mesmo, duas máquinas para manuseio dos fotolitos, em troca do emprego. “Dei de mão beijada a este jornal e estou arrependido. Na época não tinha capacidade de administrar o meu poder”, confidenciou na autobiografia.

Músico até o fim

A capacidade de Benigno de Carvalho para ilustrar imagens fora das páginas e a partir de sua memória foi testada em um momento não datado no livro, em meio a uma primeira feira de animais, promovida pelo 1º Grupamento de Engenharia de João Pessoa. Era preciso incluir junto ao material de divulgação o mapa do estado da Paraíba, cuja matriz não fora localizada. O seresteiro ofereceu-se para reproduzir a peça cartográfica, uma tarefa bem-sucedida. Seu feito foi elogiado pessoalmente pelo governador José Américo, de quem recebeu um cheque de mil cruzeiros: “Eu fui muito felicitado, houve grande aglomeração de funcionários e redatores”.

Benigno faleceu em 15 de outubro de 2012, vítima de falência múltipla dos órgãos; sofria também com o mal de Parkinson há alguns anos. Aposentado da função de gráfico, exerceu a sua carreira de músico até o fim, como mostra o registro de sua mensalidade na Ordem dos Músicos da Paraíba, quitado até 2011. O filho João Carlos de Carvalho reve-



Benigno operando o maquinário em O Norte (acima) e com Jackson do Pandeiro (ele ao microfone e Jackson ao fundo, com o instrumento que leva seu nome artístico), durante programa ao vivo no Rádio Tabajara, nos anos 1940



Foto: Acervo da família

lou que seu velório reuniu muitos amigos, cultivados em sua trajetória como taxista, gráfico e músico: “Nunca conheci todos os meus irmãos, pois acho que ele tinha uma certa vergonha disso [a prole fora do casamento]. Mas, além de um grande músico, foi um grande pai”.

O compacto “Tambá”, de 1979, descoberto pela reportagem e que foi o estopim para a elaboração deste texto, trazia dois dos maiores sucessos de Benigno como compositor: “As mulheres bonitas do Oitizeiro” (“Mas veja só como eu estou me

transviando / É com as coroas que eu vou me acercando”) e “Chegasse a tempo violão” (“Levasse e trouxesse a saudade / Pra dentro do meu coração”). Com as palavras do próprio “gráfico que canta”, extraídas do último capítulo de seu livro, encerra-mos a matéria: “As únicas coisas que você pode ter de verdade são aquelas que você é capaz de dar. Você só conhece o amor quando é capaz de dá-lo”.

Angélica Lúcio

A pós-verdade exige que cada um de nós filtre as informações que consome

Desde que Mark Zuckerberg anunciou que a Meta (empresa controladora do Facebook, Instagram e WhatsApp) encerraria seu programa de checagem de fatos e reduziria as políticas contra discurso de ódio, eu só penso em dois autores: Matthew D’Ancona e Byung-Chul Han.

D’Ancona é o autor do livro *Pós-Verdade: A Nova Guerra Contra os Fatos em Tempos de Fake News*. Na obra, ele afirma que nunca houve um modo mais rápido e poderoso de espalhar uma mentira do que postá-la on-line. E cita o filósofo Bernard Williams, que assim descreveu a internet:

“(Ela) apoia aquele esteio de todos os vilarejos: a fotocopia. Constrói lugares de encontros que crescem com rapidez para a troca livre e desorganizada de mensagens que se caracterizam por uma variedade de afirmações fantasiosas, suspeitas, divertidas, supersticiosas, escandalosas ou malféticas. As chances de que muitas dessas mensagens sejam verdadeiras são baixas e a probabilidade de que o próprio sistema venha a ajudar alguém a distinguir as verdadeiras são até mais baixas”.

O conceito de pós-verdade trabalha com a ideia de que os apelos às emoções e às crenças pessoais têm mais poder de moldar a opinião pública do que os fatos objetivos; ou seja, mesmo que determinada informação seja mentira, o indivíduo tende a acreditar nela porque está de acordo com o que ele pensa, concorda e gosta.

Outro ponto essencial do livro de D’Ancona é que a pós-verdade vende. “Há lucros a serem auferidos da linha de produção



Meta, de Mark Zuckerberg (acima), anunciou o fim do seu programa de checagem de fatos e reduziu as suas políticas contra discurso de ódio e abuso nas redes sociais

Foto: Antônio Milanesi/Estúdio Contraste

de embustes caça-cliques”, diz o autor. E a *web*, conforme D’Ancona, é “o vetor definitivo da pós-verdade, exatamente porque é indiferente à mentira, à honestidade e à diferença entre os dois”.

Para o filósofo Byung-Chul Han, a crise da verdade é sempre uma crise da sociedade. “Sem verdade, a sociedade não internamente”. O autor também aborda o

conceito de regime de informação. “Chamamos de regime de informação a forma de dominação na qual informações e seu processamento por algoritmos e inteligência artificial determinam decisivamente processos sociais, econômicos e políticos. Em oposição ao regime disciplinar, não são corpos e energias que são explorados, mas informações e dados.

Mais adiante, Byung-Chul Han cita que o “regime de informação está acoplado ao capitalismo da informação, que se desenvolve em capitalismo da vigilância e que degrada os seres humanos em gado, em animais de consumo de dados”. Registre-se: ao tempo em que consumimos, também alimentamos a fazenda digital com nossos próprios dados num círculo vicioso e, para mim, pernicioso.

Mas há alternativa a isso? Fornecer menos dados pessoais às redes sociais, e à internet de modo geral, é um bom passo. Reforçar nossa própria vigilância contra a mentira é outro. D’Ancona acredita que a sobrecarga de informação atual impõe que todos nós sejamos editores: filtrando, checando e avaliando o conteúdo que consumimos.

A Organização das Nações Unidas (ONU) no Brasil divulgou, em outubro de 2023, a versão em português do *Informe de Política sobre Integridade da Informação nas Plataformas Digitais*. Vale a leitura! O documento leva em consideração que “as informações falsas e a desinformação podem ser perigosas e potencialmente mortais, especialmente em tempos de crise, emergência ou conflito”. O acesso à informação é um direito humano fundamental e não podemos deixar que nenhum conglomerado de mídia, nenhuma *bigtech* contribua para a disseminação de informações falsas, da desinformação e do discurso de ódio. Nosso objetivo deve ser agir de forma contrária à Meta, que apenas lava as mãos, feito Pilatos.

Tocando em Frente

Os instrumentistas da MPB — XX

A saga dos Gonzaga — parte 3

Finda a parceria com o cearense Humberto Teixeira, veio a aproximação musical de Luiz Gonzaga com Zé Dantas (José de Sousa Dantas Filho, Carnaíba-PE, 1921–Rio de Janeiro-RJ, 1962), compositor, poeta, folclorista e médico obstetra pernambucano, com quem aquele criou outras 46 composições, algumas de grandes sucessos: “A Volta da Asa Branca”; “Vozes da Seca”, toda de cunho reivindicatório — alusão à seca de 1951–53; “Riacho do Navio”; “O Xote das Meninas”; “Forró de Mané Vito”; “Vem Morena”; “Cintura Fina”; “Deixar o Gai”; “ABC do Sertão”; “Sabiá”; “No Ceará não tem disso não”; “Sirijogando bola”...

Com o carrancado jurado de programas televisivos José Fernandes, deixou-nos o clássico junino “Olha pro céu”. Ressaltem-se ainda alguns outros sucessos, como “Numa Sala de Reboco” e “São João na Roça” (parceiras com José Marcolino) e “São João do Carneirinho” (com Guto de Moraes). Há ainda, obviamente, inúmeras outras criações de Gonzaga, só ou em parceria, com foco nos ritmos nordestinos: xotes, marchas e quadrilhas juninas, como “Baile na Roça” (quadrilha), “O tocador quer beber” (com Carlos Diniz); e as provocantes “Ovo de Codorna” e “Capim Novo” (com letras “maliciosas” de José Clementino).

Falando de Gonzaga, como costuma ser chamado, estamos falando sobre o seu papel no que diz respeito à popularização dos chamados ritmos nordestinos na MPB, no caso o baião e outros adendos. Assim é que é tamanha a simbiose entre o músico e o ritmo que aquele é hoje atribuído o cognome de Rei do Baião.

Com o advento da Bossa Nova e da Jovem Guarda, os ritmos nordestinos e, por consequência, a música de Luiz Gonzaga



Pernambucano Luiz Gonzaga, com o segundo grande parceiro, o conterrâneo Zé Dantas

foram caindo no ostracismo, até que Gilberto Gil, que, desde os nove anos, já ouvia o Rei do Baião, juntamente com Caetano Veloso, surge com a “provocação artística” do Tropicalismo (1968–69) e traz de volta o velho Lua, que retorna a figurar na galeria de proca na MPB, admirado também que era por artistas midiáticos da MPB, como Geraldo Vandré e Raul Seixas.

Rezam as lendas e a crença popular que poetas e trovadores, quando amam, o fazem com paixão; imaginem-se são boêmios e frequentadores da noite... Não que Luiz Gonzaga fosse atleta desse time; porém, e com certeza, os fatos ligados às suas primeiras “elucubrações” infantis de que nos falou Manoel Bandeira, juntas às suas andanças por diversas regiões do Brasil, aproximaram-nos da

noite. Assim, a sua vida sentimental, como vimos, desde o início, foi cercada por avanços e desavenças desde a própria convivência social, doméstica e familiar.

O “caldo entornou”, sobretudo quando fixou residência no Rio de Janeiro e “embrenhou-se” pelas casas noturnas e por zonas de meretrícios, mesmo trabalhando como artista. Foi nesse ambiente que foi tomado por uma acalorada paixão pela cantora e dançarina Odaléia Guedes dos Santos, conhecida como Léia. Ao conhecer Gonzaga, segundo os jornais da época, ela já estaria grávida, mas ele não sabia... Passaram a residir em casa alugada e, quando soube da gravidez, ele resolveu assumir a paternidade da criança, dando nome e sobrenome a aquele que viria a ser o futuro cantor Luiz Gonzaga do Nascimento Júnior, o festejado Gonzaguinha (Rio de Janeiro-RJ, 1945–Rodovia BR-280, proximidades de Pato Branco-PR, 1991).

De início, a vida se lhes apresentava como aceitável, porém tornou-se conflituosa, ocasionando a saída de casa de Léia com a criança. Gonzaga ainda a localizou em uma pensão das cercanias, mas não conseguiu fazê-la retornar ao “lar abandonado”. Ela, então, voltou a se apresentar como dançarina e, sozinha, criou o filho. Acometida de grave doença, Léia foi levada a um sanatório pelo ainda gentil Gonzaga, que resolveu, de comum acordo com ela, entregar a criança para um casal que, mesmo pobre, deu-lhe sustentação, logicamente, com o pequeno apoio do “pai adotivo”.

Uma viagem de retorno às origens, em Exu, demorou alguns meses, convivendo harmoniosamente com pais, irmãos e parentes. Mas o Sul o chamou de volta.

Professor Francelino Soares
francelino-soares@bol.com.br

REDES SOCIAIS

Buscas de como eliminar perfis dispararam nos EUA

Veja o passo a passo de como deletar a conta no Facebook, Instagram e Threads

João Pedro Adania
Agência Estado

As novas diretrizes de moderação e a dispensa de agências de checagem de informações em detrimento da política de Notas da Comunidade desanimaram você a permanecer nas redes da Meta? Então, veja a seguir como deletar a sua conta do Facebook, Instagram e Threads. E fique sabendo que você não é o único a querer um tempo dessas redes.

Depois que Mark Zuckerberg anunciou as mudanças, buscas de como deletar perfis nessas plataformas explodiram no Google, principalmente nos Estados Unidos. No Brasil, não houve movimento do tipo.

Segundo o Google Trends, usuários nos Estados Unidos pesquisaram cinco mil vezes mais, em relação aos dias que antecederam o anúncio, as frases "como deletar todas as fotos do Facebook", "alternativa ao Facebook", "como sair do Facebook", "como excluir conta no Threads" e "como excluir conta no Instagram sem fazer login".

Buscas sobre excluir o Facebook já registravam 75 pontos no índice de interesse do Trends desde, ao menos, novembro de 2024. A pontuação máxima de 100 foi atingida durante eventos específicos, como o que aconteceu no último dia 7.

Além da flexibilização de normas de conduta nas redes, a qual afrouxou o que pode ser dito, mesmo

que sobre tópicos como imigração, gênero, orientação sexual ou comparações entre pessoas, animais e doenças, seções que restringiam a referência a mulheres "como objetos domésticos, propriedade ou objetos em geral" foram deletadas.

Apesar da procura por cancelar o serviço, as pessoas ainda não buscam um detox digital completo. Até porque, pesquisas por alternativas à Meta também aumentaram. Sorte de Bluesky e Mastodon, duas plataformas de mídia descentralizadas que subiram no ranking de redes com mais apelo.

Deletar o Facebook

Na versão do computador, após fazer o login no seu usuário, clique na foto de perfil no canto superior direito e selecione "Configurações e privacidade"; "Configurações". Vá para "Suas informações do Facebook" (no menu à esquerda) e "Desativação e exclusão". Escolha "Excluir conta" e clique em "Continuar" para a exclusão da conta.

Primeiro faça o backup dos seus dados para salvar suas fotos, vídeos e postagens.

No celular (app Facebook), abra o app do Facebook e toque nas três linhas no canto superior (Android) ou inferior (iOS). Vá em "Configurações e privacidade"; "Configurações". Depois clique em "Acesso e controle"; "Desativação e exclusão". Termine ao selecionar "Excluir conta" e siga o restante das instruções.

Em ambos os casos, a Meta pede que confirme a exclusão da conta. Para isso, insira sua senha e clique em "Continuar". "Confirme a exclusão".

O Facebook manterá a conta desativada por 30 dias antes da exclusão permanente. Caso mude de ideia, você pode fazer login nesse período para cancelar a exclusão.

Deletar o Instagram

Antes de excluir sua conta, salve seus dados: para guardar suas fotos, vídeos e outras informações, baixe uma cópia. No app, vá para "Configurações"; "Segurança"; "Baixar dados". Insira seu e-mail e siga as instruções para receber um link de download.

Para excluir sua conta de maneira permanente, precisa ser feito pelo navegador (não pelo app). Siga estas etapas: no navegador (computador ou celular), acesse a página de exclusão do Instagram (você precisará fazer login, se ainda não estiver conectado). Escolha um motivo para a exclusão no menu suspenso.

Insira sua senha e a confirme. Clique em "Excluir [seu nome de usuário]".

Nessa plataforma existe uma alternativa de suspender a conta por tempo indeterminado. Ou seja, ela permanecerá oculta até que você decida reativá-la. Para isso, acesse o Instagram pelo navegador (não funciona no app). Vá para "Editar perfil"; e "Desativar minha conta temporariamente" (na parte inferior da página). Escolha um motivo e insira sua senha. Clique em "Desativar conta temporariamente".

Deletar o Threads

Atualmente, o Threads é integrado ao Instagram e não permite deletar sua conta sem excluir também a do Instagram associada. Se você deseja excluir a conta do Threads para sempre, delete sua conta do Instagram, já que ambas são vinculadas. Para isso: siga os passos para excluir a conta do Instagram. A exclusão da conta do Instagram resultará na exclusão do perfil do Threads e de todos os dados associados.

Charada

Resposta da semana anterior: Movimento para trás (1) = re + lugar (superfície) irregularmente escavado (3) = Côncavo. **Solução:** cavidade mais profunda (4) = recôncavo.

Charada de hoje: O "a" do alfabeto grego (2) era conhecido na cidade francesa (2). Ambos deram nome a um famoso condomínio paraibano.

Francelino Soares:
francelino-soares@bol.com.br



Ilustração: Bruno Chiossi



Fatos estranhos sobre Nikola Tesla

Nikola Tesla (1856-1943) é reconhecido como um dos maiores inventores de todos os tempos. Nascido no então Império Austro-Húngaro, na atual Sérvia, reza a lenda de que acontecia uma forte tempestade de raios quando ele veio ao mundo. Tesla formou-se engenheiro e destacou-se por suas invenções revolucionárias, como a bobina que leva seu nome, essencial para o avanço e popularização do rádio, e por seu pioneirismo no estudo das correntes elétricas. Veja a seguir algumas curiosidades sobre o inventor.

Idealizou um smartphone

Tesla queria criar um dispositivo que decodificava informações, enviando e recebendo sinais e mensagens. Foi por isso que ele montou a primeira torre de transmissão sem fio. Apesar da ideia boa, a torre nunca foi realmente funcional e acabou sendo demolida depois de um tempo.

Ódio por pérolas

Sua repulsa por pérolas era tão intensa que se recusava a falar com mulheres que usassem joias com essas pedras e até evitava olhar para elas. Quando sua secretária usava tais acessórios, ele chegava a dispensá-la e mandá-la para casa. Na época, colares de pérolas eram bastante populares, o que deixa toda situação ainda mais bizarra. A razão para essa aversão permanece desconhecida, mas alguns acreditam que os colares não agradavam seu senso estético, conhecido por ser bem exigente.

Obsessão por pombos

Tesla morou grande parte de sua vida na cidade de Nova York, nos EUA. Amante de caminhada, exercício que fazia diariamente, o inventor fazia a maioria de seus passeios por locais como o Central Park. Ele era frequentemente visto socorrendo pombos feridos, cuidando deles até que se recuperassem. Em uma reportagem especial da rede de TV norte-americana, PBS, foi revelado que, em uma de suas estadias em hotéis, Tesla pediu ao chef que preparasse uma "mistura especial" de sementes para alimentar seus pombos, já que tinha a intenção de vendê-los.

Morreu pobre

Apesar das suas dezenas de patentes e invenções revolucionárias, Tesla não conseguiu acumular riqueza. Muito pelo contrário: quando morreu, o engenheiro enfrentava uma série de dívidas com hospedagens, pois não possuía uma residência fixa. Diversos estabelecimentos o haviam expulsado por não conseguir quitar suas contas. Tesla enfrentou diversas dificuldades financeiras ao longo de sua carreira, pois costumava investir seu próprio dinheiro em invenções que não obtinham o retorno esperado. Diferente de muitos cientistas de sua época, ele não veio de uma família rica.

9 diferenças

Antonio Sá (Tônio)

Tiras

O Conde

Antonio Sá (Tônio): ocondesa@hotmail.com



Jafoi & Jaera

Jorge Rezende (argumento) e Tônio (arte)



Solução

1 - cauda do passarinho; 2 - galho; 3 - pena no chapéu; 4 - gola; 5 - ...